Rudolf Steiner

O conhecimento iniciático

As vivências supra-sensíveis nas várias etapas da iniciação

Treze conferências proferi das em Penmaenmawr
(Inglaterra), de 19 a 31de agosto de 1923

Tradução:
Rudolf Lanz

A atividade docente de Rudolf Steiner na Inglaterra

Rudolf Steiner falava com freqüência e de bom grado sobre Antroposofia na Inglaterra.

Na boa vontade para o acolhimento de verdades científico-espirituais, reina na Inglaterra uma certa generosidade: as pessoas se predispõem mais livremente para as ilimitadas opções. Há um receio menor diante da derrota do próprio saber intelectual duramente conquistado; a pertinácia na rejeição do novo e desconhecido está menos arraigada; não há uma obstinação tão forte na própria vaidade erudita. Existe mais coragem para uma ousada partida em direção à conquista de mundos desconhecidos.

O que uniu a atual Inglaterra num só povo foram as estirpes, sequiosas de conquista, de diversas nações: após a invasão romana, os conquistadores anglo-saxões germânicos, que subjugaram as populações aborígines celtas dos bretões e gauleses, lançando-se até a costa noroeste da França; invasores frísios e dinamarqueses; conquistadores normandos vindos do território francês. Assim, a Bretanha foi várias vezes conquistada e seus povos fundidos ao sabor das árduas lutas recíprocas. O que daí resultou foi uma forte unidade autoconsciente, um orgulhoso sentimento de dignidade permeando o todo, uma força para levar a própria essência a penetrar na substância de outros povos. As forças anímicas, extraídas da índole de várias individualidades étnicas, equilibraram-se. A consciência individual elevada a consciência nacional permeou-as e manteve as energias em equilíbrio. Assim, essa unidade étnica multicomponente pôde, desde então, resistir a todas as agressões externas e, em sua ilha circundada por um mar de ressaca, desenvolver-se vigorosamente para a autonomia autoconsciente e partir para a conquista do mundo.

Noblesse oblige. Seria indigno de um povo tão seguro de sua força impedir a liberdade de pensamento, sufocar a liberdade de consciência, tolher a liberdade de ação, tanto em questões espirituais quanto em assuntos nacionais e da humanidade. Assim, pois, a Inglaterra é também o país onde mais livremente se pôde desenvolver a busca do espírito. O poder estatal e a pressão eclesiástica não a levaram à extinção, nem tampouco organizações secretas com seus tribunais.

Tivesse Rudolf Steiner podido atuar em países de língua inglesa tal como o fez na Europa Central, seu nome estaria vivo em todas as bocas. Não teria sido silenciado nem estigmatizado; não se haveria vasculhado sua honra nem tentado eliminar sua vida a fim de impedir sua atuação. No entanto, ele teve de falar aí num idioma estranho aos ouvintes, na época do mais acirrado ódio aos alemães; uma tradução, ainda que tão correta, nunca pôde fazer jus ao impulso artístico de sua fala.

E não obstante, sua atuação penetrou. Um fiel círculo de discípulos cerrou-se ao seu redor e chamou a atenção dos que se mantinham distantes para o eminente pesquisador do espiritual. A guerra[1] tratou então, como em toda parte, de sufocar os germes já despertos; estes, porém, venceram devagar os obstáculos para ganhar nova vida.

Já três anos após o fim da guerra foi possível a Rudolf Steiner, inicialmente no Goetheanum, em Dornach, falar a uma platéia inglesa sobre questões pedagógicas. A sra. Millicent Mackenzie, conhecida pedagoga inglesa, liderava aquele círculo de interessados que vieram à Suíça a fim de haurir das fontes espirituais uma luz para problemas educacionais. Os impulsos daquela época continuaram a atuar. Inicialmente Rudolf Steiner recebeu um convite para falar em Stratford-on-Avon, por ocasião das festividades comemorativas do nascimento de Shakespeare, a respeito de questões educacionais e artísticas. 'O drama em sua relação com o ensino' foi o tema de duas palestras;

[1] Primeira Guerra Mundial (1914—1918). (N.E.)

'Shakespeare e os novos ideais' o da outra. Um feliz ensejo, ligado ao espírito de Shakespeare, de um encontro em comum anseio espiritual e acima do ódio entre povos — Shakespeare que Göethe redescobriu para o mundo e que o construtor do Goetheanum pôde, a partir de seu saber espiritual, colocar sob aquela luz que, do suceder do mundo do espírito, ilumina-o e transforma-o num problema para uma época materialista com a qual se relacionam hipóteses tateantes bastante perplexas. As festividades em Stratford, ligadas às comemorações e das quais participam representantes de vários países, são dignas do regozijo em reconhecimento ao grande filho da Inglaterra. A Alemanha ainda não estava oficialmente representada, mas através de Rudolf Steiner o era em espírito e, por isso, de forma mais real. O laço estava reatado, e já em agosto de 1922 Rudolf Steiner pôde falar sobre questões educacionais diante de um público considerável em Oxford, na encantadoramente bela Cidade Universitária, em cujo seio ainda se preserva uma atmosfera medieval.

As oito palestras sobre pedagogia e os debates decorrentes levaram à fundação da *Educational Union,* sob a presidência da sra. Millicent Mackenzie. O objetivo dessa associação era abrir caminho para as idéias de Rudolf Steiner em círculos mais amplos, e especialmente em grêmios pedagógicos ingleses e americanos.

A tais promoções seguiam-se sempre palestras sobre Ciência Espiritual em Londres e no próprio local. Em conexão com as mesmas havia também apresentações eurrítmicas. realizadas por artistas do Goetheanum. A eurritmia, uma arte do movimento, que em suas tendências se apóia nas vibrações espiritualmente visíveis da palavra falada ou do som musical que ressoa no ar e ondula no éter, é uma fonte para a revivificação de todas as artes, bem como um fator educativo incalculável para a humanidade carente de espírito e ainda em desenvolvimento. Captada por Rudolf Steiner da vida espiritual, oferecida num momento em que lhe chegaram solicitações para um esclarecimento a respeito de tais coisas, surgiu — com base em indicações originalmente teóricas, postas em prática por discípulos diligentes, tendo assim merecido conselhos cada vez mais amplos, que então se tornaram revelações — uma nova arte que se introduziu, atuante, na vida cultural da atualidade.

O entusiasmo que a jovem arte provocou entre os amigos de Rudolf Steíner em Londres conduziu a um magnífico resultado. Já em junho de 1926 pôde ser inaugurado o salão de conferências e teatro num dos locais mais acessíveis de Londres (Park Road, 33 NW), o qual traz o nome 'Rudolf Steiner Hall'. Foi de maneira feliz que o arquiteto sr. Wheeler uniu as necessidades arquitetônicas ditadas pelas circunstâncias urbanas de Londres com inspirações hauridas do pensamento arquitetônico de Rudolf Steiner em Dornach. O centro atende prioritariamente à divulgação das idéias e às intencões artísticas de Rudolf Steiner.

Também os impulsos pedagógicos conduziram a resultados práticos. Inicialmente a superiora de um educandário rural, instalado numa encantadora construcão — outrora uma abadia dominicana — nos arredores de Londres, Kings Langley Priory, declarou-se disposta a transformar paulatinamente seu método de ensino segundo os pensamentos educacionais de Rudolf Steiner. A srta. Cross, diretora da Kings Langley Priory School, necessitava de um certo espaço de tempo para transformar diretrizes já existentes em novos métodos educacionais; ela se propôs corajosa e confiantemente essa meta, não receando esforços e decepções. Já após o Curso Pedagógico de Natal em Dornach[2], a srta. Cross começou a converter sua intenção em fato. Aqueles que solicitavam urgência e desejavam uma escola que, nos próprios arredores de Londres, partisse dos princípios educacionais de Rudolf

[2] Compilado em *Die gesunde Entwickelung des Menschenwesens,* GA-Nr. 303 (4. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1987). N.E.)

Steiner, puderam em tempo relativamente curto levar seu ideal a realizar-se. No ano de 1923, após um ciclo de palestras pedagógicas de Rudolf Steiner em Ilkley, sua meta amadureceu. E em junho de 1926 já pudemos visitar em Streatham —um agradável subúrbio de Londres — uma escola em perfeito funcionamento com seu internato anexo, a qual trabalhava com vigor e alegria, tendo já atraído para si o interesse através de um encontro pedagógico: *The New School* [A Nova Escola].

A simpática instituicão das *Summer Schools* [Escolas de Verão] inglesas fez com que Rudolf Steiner visitasse não apenas localidades com nomes pomposos como Londres, Oxford, Stratford, mas também lugares longínquos, que dão uma interessante idéia da diversidade da vida inglesa. O que aí faz admirar aos estrangeiros é principalmente o contraste marcadamente forte entre a mais moderna atividade comercial e industrial e o profundo isolamento do mundo. O mundo dos automóveis, motores, gramofones, rádios, a rapidez estridente do trânsito, a superficialidade da vida cultural moderna confinam-se diretamente com uma profunda solidão, com reminiscências culturais que remontam a longínquas épocas pré-medievais, com formações geológícas remetendo-nos àquelas eras em que os continentes emergiram das águas. Pode-se ter tais impressões ao vaguear pelos ermos de Dartmoor em Devonshire, para então vivenciar, na costa da Cornualha, o estridente turbilhão das ondas diante das ruínas rochosas do castelo do Rei Artur em Tintagel. A Idade Média, tão maravilhosamente conservada nas construções da Inglaterra, cria uma magnífica transição, que torna tais contrastes suportáveis a uma intensa convivência. Pode-se compreender muito bem como, para os ingleses, deve ser uma necessidade essencial conservar a Idade Média até mesmo em muitos trajes e costumes, até em sua vida corporatíva. Fortalece seu orgulho, reforça também sua consciência nacional e mune-os contra a socialização invasora, que lança o primeiro golpe de machado no poderoso tronco do sistema imperíalista. Constrói também para a consciência estética aquela ponte para o passado vetusto, que os contempla inquietantemente dos pântanos e cumes, das formações geológicas, do sigiloso e deslizante éter que as permeia.

Uma primeira impressão de tal contraste nos foi transmitida em agosto de 1923 durante a visita a Ilkley. Atravessa-se a mais negra região industrial: Leeds, Bradford, monstruosas construções negras — um horror — dignas de um inferno de Strindberg. Ilkley é um lugar aprazível, aos pés das colinas pantanosas de Yorkshire. Aí já nos fala um remoto passado, aí encontramos sobre o pântano, naquelas colinas, megalitos druídicos, dolmens e signos gravados, falando a linguagem daquela interioridade que ligava ao espírito a cultura de outrora.

Tudo isso, porém, vívencia-se ainda mais fortemente em Gales, na lendária Terra de Merlin, que no murmúrio da floresta e na espuma do mar possuía sua mais bela veste encantada. De Ilkley o trem conduz, através de uma região industrial superpopulosa, negra, entrecortada por vias férreas e ladeando a zona fabril de Manchester, para agradáveis paisagens claras e amenas. Acenam-nos as ameias das muralhas de Chester, cintilam as enseadas azuis do mar da Irlanda já bem próximo. Gaivotas e outras aves marinhas, enfileiradas em grandes abrigos, anunciam o iminente começo de seu reino imperturbado. Imponentes fortes se erguem, grandiosos no contorno de suas linhas, dominando a planície e casando-se com o penhasco. O reino dos barões, que nenhum rei ou igreja pôde subjugar, irrompe majestoso diante da alma. Agora tudo se tornou poesia, a poesia da natureza ondulante na pedra e na hera. Acima, sobre os rochedos, a epopéia; embaixo, junto aos mansos rebanhos de ovelhas. o idílio: no estremecer de suas encostas entrelaçadas, fazendo lembrar a suave ondulação marinha, vibra o pulso do ritmo cósmico.

A pulsação do tempo preservada neste país conduz-nos, através da Idade Média, para

a Antigüidade nórdica que aqui se conservou. Ela foi — mas ainda é. É tão vigorosa na beleza selvagem de sua natureza, na força de seus elementos, no sorrir do sol por entre os aguaceiros, que a era moderna não lhe pode fazer mal algum. Ela desaparece nestas imediações.

Apesar de embaixo, na área costeira do golfo, os automóveis zunirem em extensas filas quase como em Picadilly, um fato é certo: eles não são parte essencial desta paisagem. Para o alto a vista se dirige ao local onde, sem dúvida, a indústria chama a atenção para si. Impressionantes feridas foram rasgadas nas encostas: as pedreiras, *the quarries*. Negras e escuras situam-se acolá as aldeias adjacentes, carecendo, em seu estilo, de qualquer ligação orgânica com a natureza circundante. Trilhos, carretas a vapor, mecanismos explosivos cravaram-se na rocha, dilacerando suas entranhas. Mas esta é mais forte que eles: resiste-lhes, ri deles, conforme a atmosfera dissolve ou endurece o rochedo. Aqui predomina a esfera do ar e da luz: as nuvens corrediças, o vento esvoaçante, a chuva a precipitar-se sempre de novo, ou a cair em alegres pancadas; o Sol resplandecente, que com sua serenidade acalma o tumulto dos elementos para ligeiro se ocultar de novo. Há um entremeio de brincadeira e jogo, clamor e ameaça, derrota e regozijo, caça e fuga: uma esplêndida e clamorosa juventude em meio ao imponente testemunho da Antigüidade grisalha. Mais além, no entanto, por detrás dos morros o passado vive, erguendo-se em imagens duradouras; a ele é atraído também o homem que hoje está em busca; até lá este peregrina pelas íngremes encostas, não se amedrontando com os ventos sibilantes que assoviam das gargantas. Logo ele estará sumamente recompensado. A costa do golfo se subtrai à vista; amarelo radiante e violeta de profundo brilho circundam-no em campos espalhados na amplidão: ali, giesta e urze. Há um flamejar e uma calma, um aceno e uma chama; a cor predomina. Porém a natureza aqui é muito áspera para uma demora no prazer. A luta com o vento torna-se mais cansativa; cada passo tem de ser conquistado. Logo há apenas rocha à nossa volta, relva seca e pântano. É preciso apoiar-se, defender-se para não cair; avança-se e respira-se nova força ao sorver as linhas, as cores do horizonte.

Os druidas não facilitaram as coisas para seus peregrmnos.

Que grande festa deve porém ter sido, que grandiosidade no cortejo festivo, quando de todos os lados das redondezas subia das aldeias, às alturas do cume, o povo das encostas e dos vales! Que respirar da solidão, que murmúrio do ermo, da profundeza, da amplidão! Lá em cima estava-se longe do cotidiano, perto da Divindade. Aqui falavam seres espirituais através dos elementos, aqui o Sol inscrevia seu texto nas sombras que aguardavam; as pedras esperavam por esses sinais, dispostas em círculo, correspondendo às figuras do zodíaco; conforme caminhava através de um signo, o Sol imprimia-se na sombra da pedra, e o druida iniciado lhe depreendia o mistério.

Voltada para o oriente estava uma pedra que recebia a seta radiante de Deus ao nascer do Sol. Através de cavidades horizontais sobre pedras verticais eram formados espaços sombrios, nos quais novamente o Sol inscrevia sua linguagem. Assim se relacio-nava com o mundo espiritual o sacerdote versado em luz e sombra. decifrando os mandamentos que interferiam determinante-mente na ordem do ano, no trabalho, nas festas, nas leis e nos costumes. Assim a sabedoria dos deuses era acolhida e transformada em sabedoria humana.

Quão vividamente isso tudo atuava ainda nesse país, onde de novo pôde ser ensinada a antiga sabedoria em sua metamorfose e desenvolvimento histórico, segundo as exigências do presente!

Aqui essa sabedoria pôde ser ensinada de forma outra que na Alemanha, onde antes de tudo devia ser criada a base gnosiológica, o fundamento científico. Aqui, diante de um

público inglês, podia-se abordar o espírito mais diretamente e de forma mais imediata. A disposição e a coragem para tal puderam ser fornecidas por um ambiente circundante como aquele de Penmaenmawr, com suas imaginações preservadas.

Eis o fruto da atividade de Rudolf Steiner na Inglaterra, como conferencista. Proporcionou a possibilidade de se abordar de outro ângulo a compreensão histórica da evolução espiritual do mundo e da humanidade.

Penmaenmawr: estranho murmurar na ressonância dos sons, estranho sopro, porém eterno e espiritualizado; não conservador, não represante como o que aqui surgiu pela miscigenação do idioma celta com o anglo-saxão: a linguagem misteriosamente faiscante, em muitos dos seus sons perpassados pelo vento.

Rudolf Steiner leu, comovido, a linguagem desse mundo atmosférico e etéríco a tecer no passado, transformou a sabedoria de outrora na sabedoria de hoje, derramou-lhe a força do eu que reconduz o homem a Deus, fechando o círculo na ida e retorno, percorrendo-o para a humanidade. Se o presente e o passado encontram seu foco espiritual na consciência de um homem, abrangendo dessa forma a eternidade, está para sempre concedida à humanidade a vivência da evolução cósmica e humana.

Dornach, dezembro de 1926

Marie Steiner

Conhecimento — eis em que deve transformar-se o sacrifício anímico íntimo do homem.

Rudolf Steiner

19 de agosto de 1923

Os primeiros passos para a cognição imaginativa

Em todos os tempos, a compreensão da evolução do mundo foi ligada à compreensão do próprio homem. Nos mais amplos círculos se sabe que nas épocas em que não se considerava apenas a existência material, mas também a espiritual, o ser humano era concebido como um microcosmo, como um pequeno universo; isto quer dizer que se via em seu ser, em sua atividade, em toda a sua manifestação no mundo, uma concentração de todas as leis e atividades cósmicas e, de modo geral, de toda a essência do Universo. Costumava-se afirmar com segurança, em tais épocas, que uma compreensão do mundo só seria possível com base numa compreensão do homem.

Ora, aí surge logo uma dificuldade para quem possui completa isenção de ânimo. Quando quer chegar a uma tal autocognição — e somente esta pode ser o autêntico conhecimento do ser humano —, o homem se defronta consigo próprio como com o enigma máximo; e, depois de um certo período de auto-observação, tem de reconhecer que seu ser, tal como se manifesta no mundo acessível a seus sentidos, não se estende por

completo diante de sua alma, isto é, diante dele mesmo. Cabe-lhe admitir que uma parte de sua entidade permanece oculta e desconhecida à sua atividade sensória comum. Assim, para conhecer o mundo ele se vê diante da tarefa de primeiro fazer evoluir seu verdadeiro ser, primeiro buscar seu verdadeiro ser.

Uma reflexão muito simples pode mostrar-nos que a verdadeira entidade do homem, bem como sua atividade interior como personalidade e individualidade, não podem ser encontradas no mundo sensório que o circunda. Com efeito, no momento em que atravessa o portal da morte, o homem, transformado em cadáver, está abandonado àquelas leis e àquela natureza que normalmente constituem o mundo circundante dos seus sentidos. Do indivíduo fisicamente morto se apoderam as leis da natureza. aquelas mesmas leis vigentes no âmbito do mundo visível. Então se desarticula aquele conjunto que devemos designar como organismo humano; aí o homem se desintegra num prazo de tempo mais demorado ou mais curto, de acordo com o modo como foi sepultado.

Conforme nos mostra, portanto, uma reflexão mais simples, aquelas leis que designamos como soma das nossas leis da natureza, enquanto as conhecemos exteriormente pela observação dos sentidos, são capazes apenas de desintegrar a organização humana, mas não de compô-la. Devemos, pois, procurar aquela atividade, aquelas leis que lutam durante a vida contra as forças e leis da decomposição, desde o nascimento, ou mesmo desde a concepção, até a morte. A cada instante de nossa vida, nossa v erdadeira natureza íntima faz de nós lutadores contra a morte.

Olhemos para o mundo sensório, o mundo mineral inanimado, a única parte do mundo dos sentidos que o homem atualmente consegue compreender: vemo-lo dominado pelas forças que para o homem significam a morte. Os cientistas atuais se iludem quando pensam alcançar um dia uma compreensão, ao menos das plantas, por meio de leis que resultam do mundo sensório exterior. Isso não acontecerá. Chegar-se-á perto da compreensão das plantas, e isso já poderá parecer um ideal; mas de qualquer forma nem a planta, e muito menos o animal ou o próprio homem físico, poderão ser pesquisados a fundo por meio das leis que nos circundam no mundo exterior.

Como seres terrestres estamos, da concepção até a morte, quanto a nossa autêntica interioridade, em oposição às leis da natureza. E se quisermos alcançar um verdadeiro autoconhecimento humano, teremos de analisar aquela atividade que atua no ser humano contra a morte. E se quisermos investigar o ser humano em sua totalidade — e tal investigação constituirá justamente o tema destas palestras —, deveremos mostrar que o homem, através de sua evolução terrestre, chegará a uma situação em que suas atividades interiores sucumbirão finalmente àmorte, a qual sairá, pois, vencedora sobre as forças ocultas que a combatem.

Por enquanto, tudo isto deve apenas indicar-lhes o rumo a ser seguido pelas considerações destes próximos dias — pois a verdade destas minhas afirmações só se evidenciará mediante cada uma das palestras. Por enquanto, uma observação simples e desprevenida do ser humano nos indica a região onde devemos procurar a verdadeira interioridade do homem. a personalidade, a individualidade: não será dentro do reino das forças naturais, mas fora dele.

Existe, porém, ainda um outro indício — e por enquanto quero limitar-me a apontar indícios —: como seres humanos terrestres, vivemos entregues ao momento. Basta se ter suficiente isenção de ânimo para compreender todo o alcance desta afirmação. Quando vemos, ouvimos ou temos outra percepção sensória, estamos entregues ao instante, e com isto ao espaço.

Mas o que seria do homem se ele estivesse entregue só ao instante e só ao espaço? A observação exterior nos fornece, por exemplo, provas suficientes de que o homem não

permanece homem, no pleno sentido da palavra, quando está entregue apenas ao momento e ao espaço. Isto é comprovado pela história patológica de muitas pessoas.

Consta que em certos casos, seriam ente investigados, pessoas deixam de lembrar-se, a partir de determinado momento, daquilo que vivenciaram até então, mantendo- se entregues ao instante. Fazem então as coisas mais insensatas. Contrariando toda a sua vida pregressa, compram uma passagem de trem, vão até determinada estação onde fazem tudo o que racionalmente pode ser feito nesse instante — fazem-no até de forma mais inteligente e sutil do que teriam feito de costume. Vão almoçar à hora certa e executam de forma correta e pontual todos os atos da vida normal. Quando chegam à estação até onde é válida a passagem, compram outra, às vezes para uma direcão inversa à da primeira viagem. Assim erram pelo mundo às vezes durante anos, até que, chegando a determinado lugar, não sabem onde estão. Aí éapagada de sua consciência tudo o que fizeram desde a saída de casa, e a memória só volta a existir para os fatos anteriores a esses momentos. E com isso sua vida anímica entra num caos. Elas não se sentem mais ligadas à sua individualidade humana total, como ocorria antes. Não deixaram de estar entregues ao momento nem de orientar-se corretamente no espaço, mas perderam a sensação interior do tempo, a memória.

No momento em que perde o senso interior do tempo, o íntimo relacionamento real com seu passado, o ser humano entra num caos existencial. A mera vivência do espaço de nada lhe pode adiantar para a saúde de seu ser total.

Isso significa, em outras palavras: com seus sentidos, o homem está sempre entregue ao momento; em casos patológicos, pode até abstrair sua existência espacial e momentânea da existência humana global — mas deixa de ser homem no pleno sentido do termo. Isso nos indica que algo no homem cai fora do espaço e só pertence ao tempo. Temos de admitir o seguinte: da mesma forma como a vivência do espaço, a vivência do tempo deve sempre estar presente nele — pois para que sua essência exista totalmente, a recordação deve tornar-lhe o passado presente. A a existência temporal é, portanto, algo indispensável ao homem.

Mas o tempo, como passado, nunca existe no momento atual. Para revivê-lo, o homem deve sempre trazê-lo ao presente. É preciso, pois, haver forças que conservem no homem o passado, forças que não provenham do espaço — não devendo, portanto, ser compreendidas no sentido das leis naturais espacialmente atuantes, situando-se fora do espaço.

Estes são sinais indicativos de que o homem, ao ser colocado no centro do conhecimento do mundo partindo de um autoconhecimento, deve procurar primeiro em si tudo aquilo que o eleve acima da existência espacial — daquela existência de que nos falam unicamente os sentidos — para transformá-lo, dentro dessa existência espacial, num ser temporal. Portanto, se quiser perceber sua própria essência, o homem deverá apelar a forças cognitivas que não estejam ligadas a seus sentidos, isto é, às percepções espaciais. E é justamente na época atual da evolução humana, em que a ciência nos conduz tão significativamente para dentro das leis vigentes no espaço, que a verdadeira essência humana tem escapado em notável medida à nossa observação, por razões que também serão expostas nestas conferências.

Neste momento será, portanto, particularmente necessário apontar aquelas vivências interiores que são capazes de primeiro levar o homem, como vimos, do espaço para o tempo e suas experiências. A partir daí, conforme veremos a seguir, o homem penetra no mundo espiritual.

O tipo de cognição que conduz do sensível ao supra-sensível foi chamado, em todas

as épocas, de *cognição por iniciação*. Era o conhecimento daquilo que constitui o autêntico impulso do ser humano, o elemento ativo da personalidade, da individualídade. É sobre essa cognição iniciática, na medida do possível ao homem atual, que me proponho a falar nestas conferências — pois será partindo desse conhecimento iniciático que se pretende analisar, aqui, a evolução do homem e do Cosmo no passado, no presente e no futuro.

Terei, pois, de falar inicialmente sobre a maneira como se pode chegar a tal conhecimento iniciático. Já pela forma de se falar atualmente sobre tais assuntos, o conhecimento moderno por meio da iniciação se distingue significativamente do conhecimento iniciático do passado. No passado, alguns mestres da humanidade granjeavam uma visão do supra-sensível no mundo e no homem. A eles se juntaram discípulos que receberam, do que neles havia de supra-sensível, uma impressão baseada no contato humano e permeada de sentimentos; esses discípulos aceitaram os ensinamentos recebidos na base de uma autoridade não imposta, mas gerada pela marca da personalidade de seus mestres.

Por esse motivo sempre se verificará, em toda a evolução da humanidade até o presente, que a disciplina individual se submetia à autoridade de um mestre ou 'guru'. Já nesse ponto, como em outros que veremos mais tarde, a ciência iniciática moderna não pode seguir o mesmo caminho que a do passado. O 'guru' nunca se manifestava sobre o caminho pelo qual ele mesmo havia alcançado seu conhecimento. E nem se cogitava, em tempos passados, de falar publicamente sobre a senda que conduzia ao conhecimento superior. Tais comunicações foram feitas exclusivamente nos centros de mistérios, que eram, para essas antigas épocas, as altas escolas no caminho para o supra-sensível.

Seria impossível trilhar tal caminho no momento histórico atual, caracterizado pelo nível geral de consciência que a humanidade atingiu. Por isso, quem fala de conhecimentos superiores deve, obviamente, dizer em primeiro lugar de que forma tais conhecimentos podem ser atingidos. Ao mesmo tempo, é deixado ao critério de cada um assumir, em sua própria vida, a atitudede julgar conveniente em relação aos exercícios do corpo, da alma e do espírito mediante os quais são desenvolvidas forças que, no ser humano, permitem enxergar, transcendendo as leis da natureza e o momento atual, a verdadeira essência do mundo e com isto também a verdadeira essência do homem. A seqüência óbvia destas considerações consistiria, portanto, em descrever, pelo menos em grandes linhas, a maneira como o homem atual pode adquirir conhecimentos do supra-sensível.

Ao fazê-lo, temos de partir do homem tal como é, tal como está inserido na existência terrestre diante do espaço e do momento atual. De um ponto de vista anímico-corpóreo — emprego estes termos com plena consciência —, o homem terrestre é uma entidade tríplice: um ser pensante, um ser sensível e um ser volitivo. E quando focalizamos tudo o que se acha no âmbito do pensar, do sentir e do querer, abrangemos toda a medida da participação do ser humano na vida da Terra.

Vejamos, primeiro, a parte mais importante pela qual o homem se integra na existência terrestre. É sem dúvida sua natureza pensante, pois esta lhe proporciona a plena clareza acerca do mundo do qual ele precisa como ser terrestre. O sentimento parece obscuro e indefinido frente ao pensar lúcido. Isto sem falar do querer, já que as profundezas do ser, de onde ele emana, são de todo inatingíveis para a observação comum.

Pensemos um instante sobre o que vivenciamos de nosso querer, no mundo habitual. Suponhamos que queiramos pegar uma cadeira e colocá-la num outro lugar. Temos inicialmente a idéia de levá-la daqui para lá. Vemos isso numa representação mental. A

seguir, de uma maneira que nos fica inteiramente desconhecida, aquilo que está em nossa representação desce para o sangue e para os músculos. Aquilo que se passa no sangue, nos músculos e nos nervos enquanto carregamos a cadeira é novamente captado por nós apenas sob forma de representação mental. Nós o imaginamos. Mas a verdadeira atividade interior, aquilo que se passa dentro de nossa pele, fica completamente ignorado. Somente o resultado final nos é mentalmente visível.

O querer é, pois, o que há de mais inconsciente durante nosso estado de vigília. Falaremos mais adiante de nossa atividade durante o sono. Durante a atividade desperta, o querer permanente totalmente na escuridão, e o que se passa no querer partindo do pensar é tão pouco conhecido quanto tudo o que ocorre entre o adormecer e o despertar. Passamos em sono os fatos da natureza íntima do querer, mesmo quando estamos acordados. Apenas a representação mental, o pensar, leva clareza à vida humana.

O sentir se coloca entre o querer e o pensar. E assim como o sonho está a meio cominho entre o sono e a vigília, tendo o caráter de uma representação indefinida e caótica, o sentir, colocado entre a vontade e a representação, no fundo é um sonhar acordado da alma. Resta, portanto, que o ponto mais indicado de onde devemos partir na vida é a representação mental, o pensar. Mas como o pensar se processa na vida comum?

Em toda a nossa existência terrena, ele exerce uma função inteiramente passiva. Sejamos bem honestos a esse respeito, em nossa auto-observação. Do despertar até o adormecer, o homem se abre ao mundo em redor. Deixa que lhe advenham as impressões sensórias, com as quais vêm combinar-se as representações mentais. As impressões sensoriais vêm e vão; o que fica na alma são as representações, que paulatinamente se transformam em recordações. Porém, como já dissemos, numa honesta auto-observação reconheceríamos que as representações obtidas da vida ordinária nada contêm que não haja penetrado na alma a partir do mundo exterior, isto é, da observação pelos sentidos. Façamos, de modo sincero e despreconcebido, a análise do que trazemos na alma; e veremos sempre que tudo repousa, de uma forma ou de outra, sobre uma impressão exterior.

A esse respeito, os místicos que não vão até o fundo das coisas — eu o digo expressamente — nutrem certas ilusões. Acreditam alcançar, por um treino interior mais ou menos obscuro, percepções interiores de um fundamento divino do mundo. Esses pseudomísticos não se cansam de descrever uma luz anímica que se teria acendido em seu íntimo, e outras coisas que eles teriam visto em espírito.

Quem pratica exata e honestamente uma auto-observação poderá constatar que muitas visões místicas a nada mais remontam senão a experiências sensórias exteriores que se transformam com o tempo. Por paradoxal que possa parecer, um místico de quarenta anos pode acreditar ter uma impressão visionária direta do mistério do Gólgota — para darmos um exemplo concreto — à medida que vê esse mistério espiritualmente. Ele se sente extraordinariamente elevado em seu íntimo. Um bom psicólogo poderia investigar a vida pregressa desse místico de quarenta anos de idade e descobrir que numa visita feita em companhia de seu pai, quando garoto de apenas dez anos, em algum lugar ele havia visto uma pequena gravura. Essa pequena reprodução, que representava o mistério do Gólgota, havia deixado, na ocasião, uma leve impressão em sua alma; mas esta impressão permaneceu, transformou-se, desceu até as profundezas da alma e subiu à tona, na idade de quarenta anos, sob forma de uma grandiosa visão mística.

Isso deve ser dito com toda a ênfase ao se resolver hoje falar, mais ou menos publicamente, dos caminhos do conhecimento supra-sensível. Ora, quem procura fazer deles caminhos fáceis só poderá, via de regra, falar a seu respeito de uma forma diletante. Justamente quem pretende ter o direito de falar em caminhos místicos, supra-

sensíveis precisa, de certa forma, conhecer tudo o que possa conduzir a erros neste domínio. Deve saber muito bem que na realidade o autoconhecimento usual contém, na maioria das vezes, apenas impressões exteriores transformadas, enquanto a autêntica autocognição deve, hoje em dia, ser almejada por meio de um desenvolvimento interior, do cultivo de forças anímicas não existentes desde o início. Aí temos de ter em mira a passividade do pensar comum. Este cria impressões conforme o querem os sentidos. Também no pensar o anterior é anterior, o posterior é posterior. O superior o é também no pensar, e assim por diante. E assim o homem acompanha apenas passivamente, em suas representações mentais comuns, os acontecimentos do mundo exterior, e isso não só na vida comum como também na ciência. Nossa ciência tem chegado a considerar ideal verificar a seqüência dos fatos exteriores sem que o pensar exerça, nesse processo, a menor influência. Em seus métodos de pesquisa, nossa ciência tem por ideal tornar o pensar o mais passivo possível. Com isto age corretamente em seu campo, onde alcança os maiores progressos justamente ao seguir esse método. Mas, ao mesmo tempo, afasta-se sempre mais da verdadeira natureza do homem. E que aí o primeiro passo consiste nos métodos para o conhecimento superior, os quais se podem chamar meditação, concentração nas energias interiores da alma ou outros nomes; e o primeiro requisito é a transição do pensamento meramente passivo para a ativação íntima do pensar.

Caracterizado em termos elementares, o primeiro passo apresenta-se da seguinte forma: em vez de escolher, para formar uma representação qualquer, algo exterior, tomemos uma representação retirada de nosso próprio interior e coloquemo-la no centro dessa consciência. Essa representação não precisa ser verdadeira, como se diz, pois o fato importante é tê-la feito surgir bem ativamente do íntimo da alma. Por isso não é bom buscar tal representação nas recordações, pois naquilo que se recorda todas as nossas representações são acompanhadas de mil impressões indefinidas. Buscando a representação em nossas reminiscências, não sabemos se não é acompanhada de pensamentos passivos, e não temos certeza de formarmos nossa meditacão no sentido de uma autêntica atividade interior. Podemos proceder de três maneiras:

Procedendo de uma forma realmente autônoma, escolhemos uma representação tão compreensível e simples quanto possível, da qual sabemos que foi formada nesse mesmo instante. Ela não corresponde a nada que seja apenas lembrado. Podemos até criar uma imagem totalmente paradoxal, diferente de tudo o que se pudesse receber passivamente. Devemos apenas ter a certeza de termos estado interiormente ativos ao formar a meditação.

Uma segunda possibilidade consiste em procurarmos alguém que tenha nesse campo alguma experiência e pedir-lhe um conteúdo para uma meditação. Pode nascer daí o receio de nos tornarmos dependentes dessa pessoa. Todavia, tal situação de dependência não aparecerá se ficarmos lembrados de termos efetuado independentemente, e por iniciativa própria, todos os passos a partir do momento em que recebemos o conteúdo da meditação; o que fizemos foi apenas procurar a oportunidade de receber algo novo em que ainda não havíamos pensado e que, por provir de outra pessoa, deve ser assimilado mediante uma atividade interior. O que é necessário é termos consciência disso em nossas ações.

A terceira opção, finalmente, reside na procura de um mestre que permaneça, de certa forma, invisível. Tomemos e abramos em qualquer página um livro que, temos certeza, nunca tivemos em nossas mãos; lendo então uma frase qualquer, a esmo, podemos estar seguros de tratar-se de uma sentença que devemos abordar por uma atividade interior. Façamos de tal sentença, ou de um personagem de tal livro, o conteúdo da nossa meditação; basta que seja algo com que nunca antes nos tenhamos deparado.

Esta é a terceira possibilidade, uma vez que nos permite criar um mestre do nada. O mestre é a circunstância de termos procurado o livro, deixando que uma sentença, uma figura ou qualquer outra coisa se nos aproximasse.

Existe hoje, pois, a possibilidade de seguir pela senda que conduz aos mundos superiores com a certeza de que nenhum poder se imiscui indevidamente na atividade pensante, à qual nos transportamos. Isso é essencial para o homem moderno; pois veremos ainda, no decorrer das palestras, que a estima e o respeito a seu livre-arbítrio são o mais necessário ao homem atual, mormente quando este pretende evoluir até um mundo superior. E como pode a atividade interior nascer em quem não valoriza a livre vontade? No instante em que passamos a depender de outrem, nossa vontade é inibida. Em toda meditação realizável hoje em dia, o importante é que seja feita a partir da atividade interior, da vontade no âmbito do pensar, o que é justamente o menos apreciado na contemplação exterior passiva e na ciência moderna.

Desta forma alcançamos um pensar ativo. A rapidez com que essa evolução se realiza depende da natureza da própria pessoa. Um pode atingir a meta em três semanas, caso sempre repita os exercícios — de preferência sempre os mesmos; outro precisará de cinco, sete, dezenove ou mais anos. O essencial é nunca se perder a energia para buscar a transição para essa atividade do pensar. Em dado momento, chega-se realmente a conhecer uma maneira de pensar diferente da habitual. Conhecemos então um pensar que não se desenrola em imagens passivas, como normalmente acontece, mas que está interiormente ativo e do qual sabemos, embora estejamos empenhados em praticá-lo: trata-se de uma força análoga àquela que preciso desenvolver para levantar o braço ou apontar com o dedo. Vimos a conhecer um pensar em que nos sentimos como se num poderoso suporte da própria entidade humana. Conhecemos um pensar — e aqui não estou falando simbolicamente, mas dizendo a verdade real e concreta — capaz de chocar-se com algo e do qual sabemos que pode esbarrar em alguma coisa. Do pensar comum sabemos que nunca esbarra em nada. Quando bato numa parede a ponto de formar-se um galo, e meu corpo físico que esbarro, por intermédio de minha força tátil. Esta se baseia em minha capacidade de contrapor meu corpo às coisas: eu me choco contra elas. O pensar passivo habitual não impulsiona, consistindo em ser impulsionado — pois não éuma realidade, e sim uma imagem. O novo pensar a que chegamos é algo real dentro do qual vivemos. Esbarra como o dedo esbarraria numa parede. Assim como sabemos não podermos atravessar tudo com o dedo, constatamos que o pensar real alcançado por nós não consegue atravessar qualquer lugar. Este é o primeiro passo a ser dado: ativar o pensar até transformá-lo num órgão anímico de tato, de forma que cheguemos a sentir-nos dentro dele como nos sentimos normalmente ao caminhar ou apalpar; sabemos então estarmos vivendo, enquanto pensamos, não só num pensar comum que apenas reproduz, mas numa realidade, num órgão anímico de tato em que nós mesmos, enquanto homens, nos transformamos inteiramente.

Após o primeiro passo que nos transformou o pensamento devemos ter a seguinte sensação: agora te tornaste totalmente pensador. Então tudo se harmoniza. Mas há uma diferença entre este pensar e o tatear físico. Neste ocorre que o braço é fixo, e ao ficarmos adultos nosso corpo teve um crescimento perfeito em todas as suas partes. Mas no caso do pensar ativado, a ação é como a de uma lesma que pode esticar e retrair suas antenas. O homem é um ser cheio de vigor, mas também dotado de mobilidade interior, podendo avançar e recuar, sendo ativo internamente. Como ainda veremos, pode-se tatear o mundo espiritual como que por meio de um órgão tátil prolongado, possível de também ser retirado quando algo provoca, espiritualmente, uma dor.

Essa transformação do indivíduo num ser completamente diferente — eis o que deve

ser levado a sério pelos que querem aproximar-se da verdadeira essência do homem. Ora, não se percebe o que o homem realmente é sem antes perceber nele algo bem diferente daquilo que a sensibilidade terrena propicia. E aquilo que se desenvolve graças à atividade do pensar é o primeiro membro supra-sensível do homem. Eu o descreverei melhor mais tarde. Temos inicialmente o corpo físico — o que se percebe com sentidos comuns, sendo também aquele que oferece resistência ao sentido do tato. Temos depois o primeiro membro supra-sensível. Precisando de uma terminologia, chamemo-lo de *corpo etérico* ou *corpo de forças plasmadoras;* pouco importa o nome. Portanto, eu o chamarei futuramente de *corpo etérico ou plasmador*. Constitui este o primeiro membro supra-sensível do ser humano, membro que se revela a um tato superior, resultante do pensar transformado, da mesma forma como os objetos físicos lá fora são perceptíveis ao tato físico. O pensar se transforma num tatear supra-sensível, e este percebe e vê num sentido superior o corpo etérico ou plasmador do homem. Este é, por assim dizer, o primeiro passo real para dentro do mundo superior.

É justamente a maneira como procurei descrever a metamorfose do pensar numa vivência de uma força interior real que lhes mostrará quão pouco válidas são objeções habituais a respeito do desenvolvimento espiritual, como a seguinte: quem quer penetrar no mundo espiritual talvez se abandone a fantasias, sucumbindo a auto-sugestões. Realmente é essa a primeira reação de muita gente: aquele que pretende, após semelhante evolução, falar dos mundos superiores, só reproduz as imagens de sua auto-sugestão. Dizem, por exemplo, o seguinte: pode acontecer que um indivíduo tome freqüentemente limonada; basta então que pense em limonada para logo ter na boca a sensação fisiológica provocada por essa bebida, como se de fato a tivesse ingerido; haveria, assim, fortes auto-sugestões.

Tudo isso é verdadeiro, e os fatos acessíveis aos fisiólogos e psicólogos, na base da sua experiência, devem ser-nos perfeitamente conhecidos para que possamos tomar todas as medidas de precaução se quisermos penetrar no mundo espiritual por um caminho correto, como pretendo descrever-lhes aqui. A quem acredita poder tomar, por auto-sugestão, uma limonada que não possui, eu responderia: isso é possível, mas mostre-me um indivíduo que tenha chegado a matar uma sede real com tal limonada imaginada, auto-sugerida! Aí começa a diferença, quando se analisa se algo existe apenas numa representação passiva ou se a pessoa tem uma autêntica vivência. É um relacionamento total com o mundo real que nos permite alcançar espiritualmente, pela ativação do pensar, uma situação em que o pensar se nos transforme num apalpar. Aí não apalpamos, evidentemente, mesas ou cadeiras, mas a prendemos a apalpar interiormente o mundo espiritual, entrando num contato real, palpável, com ele. E com a própria ativação do pensar passamos a conhecer a diferença entre uma auto-sugestão mística, produto da fantasia, e a experiência espiritual.

Essas objeções provêm do fato de não se haver discernido claramente a maneira como a ciência iniciática moderna descreve seu caminho: fazem-se julgamentos a partir de dados exteriores, emitidos por quem mal aprendeu o nome de um fenômeno ou apenas o conheceu de fora, superficialmente. Quem entrou num mundo espiritual por meio do caminho descrito por nós, adquirindo a capacidade de tocá-lo ou apalpá-lo, sabe distinguir muito bem se apenas representa as coisas *a posteriori,* com seu pensar ativado, ou se este realmente lhe abre novas percepções. Na vida cotidiana, temos um paralelo eloqüente quando colocamos por inadvertência o dedo numa chama ou se mentalizamos a seguir: eis a chama, agora penetro nela com o dedo. Aí a diferença é viva: num caso sofremos uma dor real; no outro, apenas a imaginamos. Essa diferença é experimentada, num plano su-

perior, conforme vivenciamos ou apenas representamos mentalmente os mundos superiores.

Pois bem, o que primeiro se vivencia dessa maneira é o verdadeiro autoconhecimento. Ora, assim como para o conhecimento deste momento temos à nossa frente a mesa, as cadeiras, todo este belo salão, inclusive o relógio que não anda, etc., tal como tudo isto está no espaço e nos proporciona uma visão instantânea, assim o mundo temporal se estende ante o pensar real, ativado — em primeiro lugar o mundo temporal de nossa própria personalidade. Tudo aquilo que vivenciamos no passado — e que normalmente só pode ser ressuscitado como representação mental — se nos oferece como um panorama atual, onde acontecimentos há muito tempo esquecidos se tornam presentes. Situações idênticas são descritas por pessoas que sofreram um choque devido a um perigo de morte, em caso de afogamento, etc. Nesses casos, mesmo indivíduos que raciocinam como materialistas— faço questão de mencionar isso — também constatam hoje que tais pessoas, em perigo de morte, têm diante de si uma vista panorâmica de sua própria vida terrestre. Tal panorama coloca-se de fato, à frente de quem ativou seu pensar, qual um quadro abrangendo todo o período desde que se aprendeu a pensar até o presente momento. O tempo se transforma em espaço. o passado em presente. Estamos diante de uma imagem. A característica nesta situação (falarei a esse respeito amanhã, com maiores detalhes) é ter-se ainda uma espécie de sensação de espaço (já que a visão se parece com um quadro), mas apenas uma sensação — pois a esse espaço que se vivencia nesse instante falta a terceira dimensao. Em nenhum lugar se experimenta agora uma terceira dimensão; em toda parte esse espaço é percebido em duas dimensões apenas, de forma que o conhecimento é pictórico. Por isso chamo essa cognição de imaginativa, pois implica em apenas duas dimensões, como o faz a pintura. E uma cognição em imagens, e que se apresenta em duas dimensões.

Alguém poderia então perguntar: “Estando eu aqui percebendo em duas dimensões, o que acontece quando ando para a frente, percebendo novamente em duas dimensões?”

Pois bem, não há diferença alguma. A terceira dimensão deixa de ser vivenciada. Terei, mais adiante, ocasião de indicar que os homens atuais, por terem perdido a consciência dessas coisas, estão à procura da quarta dimensão, a fim de penetrar no plano espiritual. A verdade é que, ao se progredir do físico para o espiritual, não é uma quarta dimensão que nasce, mas é a terceira que desaparece. E, de fato, nesse campo temos de familiarizar-nos com a realidade da mesma forma como os homens se têm adaptado à realidade em outras áreas. Outrora se acreditava que a Terra fosse um disco, podendo-se avançar até atingir algo indefinido, onde “o mundo é rodeado por um grande tapume”, chegando portanto ao fim; aí o progresso foi a descoberta de que se podia retornar ao ponto de partida depois de dar uma volta ao redor da Terra. Da mesma forma, haverá um progresso na compreensão da essência íntima do mundo quando os homens souberem que, para penetrar no espiritual, não se acrescenta uma quarta dimensão às três já existentes, mas volta-se à segunda. E veremos que se acabará voltando à primeira dimensão. Eis a verdade! A maneira exterior de se encarar o Universo hoje em dia consiste, eu diria, em apenas contar: primeira dimensão, segunda dimensão, terceira dimensão... Deve, portanto, existir também uma quarta dimensão. Não! Volta-se à segunda, a terceira desaparece e obtemos um conhecimento imaginativo autêntico que se manifesta inicialmente, dentro da própria personalidade como um panorama da vida: temos, naquele momento, uma visão global imponente — ainda falarei nisso em mais detalhes — de tudo o que temos experimentado na vida terrestre. Trata-se, porém, de uma experiência originada do íntimo, e nisso reside uma diferença considerável com relação às meras recordações.

Quando surgem as imagens da mera recordação, temos a sensação de que o que

revive na lembrança são principalmente as representações provenientes do mundo exterior: aquilo que temos experimentado como dor ou prazer, aquilo que outros nos têm proporcionado ou a maneira como nos têm tratado. Isso é relembrado principalmente na recordação meramente intelectual.

Bem diferente é a vivência que nos proporciona a referida visão panorâmica. Suponhamos que estejamos lembrando um encontro com uma pessoa, ocorrido dez anos atrás. Caso seja uma lembrança, veremos a pessoa aproximar-se de nós, causar-nos um bem ou um mal ou outra coisa. Mas na visão panorâmica da vida, vivenciamos de que maneira dirigimos nosso olhar pela primeira vez a essa pessoa, o que fizemos ou experimentamos para conquistar sua afeição, o que sentimos. Em outras palavras, essa visão nos faz sentir o que se desenvolveu de dentro para fora, enquanto a mera lembrança nos dá o que se desenvolveu de fora para dentro.

Poderemos, portanto, dizer que essa visão nos dá uma vivência no presente imediato, onde os fatos não sucedem, como ocorre na simples recordação, mas estão justapostos num espaço bidimensional. Ambos os fenômenos podem ser claramente diferenciados.

O resultado essencial consiste numa intensificação da atividade interior, da vivência ativa da própria personalidade. Vive-se mais intensamente, desenvolvem-se mais intensamente as energias que irradiam da própria personalidade. Quando se chega a essa experiência, torna-se necessário progredir mais um passo, que ninguém gosta de dar. Pertence a esse segundo passo algo que poderíamos chamar de autodomínio levado ao máximo. Com efeito, a vivência desse panorama das próprias experiências passadas nos proporciona uma sensação subjetiva de felicidade, mesmo quanto aos fatos que foram dolorosos ao ser realmente vividos no passado. O que está ligado a essa cognição imaginativa é um sentimento subjetivo de imensa bem-aventurança.

Desse subjetivo sentimento de felicidade nasceram todos aquelas idéias e descrições religiosas que, a exemplo do Islamismo, representam a existência fora da vida terrena sob forma de imagens cheias de felicidade. Tudo isso se originou daquela sensação de felicidade durante a imaginação.

Quando se quer dar o próximo passo, essa sensação de felicidade deve primeiro ser esquecida, pois nessa altura, depois de se ter ativado voluntariamente o pensar por meio da meditação e da concentração do pensar, e de ter, a partir daí, chegado à visão da própria vida, mister se torna eliminar tudo isso da própria consciência com toda a energia.

Na vida prática, é fácil apagar o conteúdo da consciência. Muitos dos que têm de prestar exames costumam queixar-se da falta de conteúdos que deveriam estar presentes na consciência. Afinal, o sono comum nada mais é senão a perda do conteúdo cotidiano da consciência. Mas também essas supressões acontecem de uma forma passiva. Ora, quem vai enfrentar um exame não vai, de propósito, recalcar conscientemente o que sabe. Isso acontece passivamente: o indivíduo o faz por fraqueza, em conseqüência de uma falta momentânea de energia. Ora, é justamente depois do esforço de ativação que é preciso efetuar essa supressão, em vista do próximo passo da cognição supra-sensível.

O fato de termos concentrado todas as nossas energias anímicas num conteúdo escolhido por nós mesmos faz facilmente surgir uma tendência a conservá-lo, e até com prazer, devido ao sentimento de bem-aventurança provocado pelo panorama. Porém mister se torna, nessa altura, apagarmos da consciência o que antes almejamos com energia ativada. Como mencionei, isso émais difícil do que apagar um conteúdo na vida comum.

Os Senhores certamente sabem que um indivíduo acaba adormecendo quando o privamos, pouco a pouco, de todas as impressões sensoriais, escurecendo e silenciando o ambiente para que ele nada ouça — enfim, suprimindo todas as impressões da vida

cotidiana. Mas essa consciência vazia, que normalmente conduz ao sono, deve ser provocada voluntariamente — e todavia o homem, depois de apagar todas as impressões gravadas em sua consciência, deve permanecer acordado. Eis o importante: ele deve apenas ficar acordado, tendo a força de permanecer nesse estado de vigília sem ter impressões de fora, sem provocar quaisquer experiências. Essa é a obtenção da consciência vazia, mas de uma consciência vazia plenamente vigilante.

Ora, quando é estabelecida a consciência vazia, graças à supressão de tudo o que nela foi introduzido mediante energia redobrada, essa consciência não permanece vazia: concretiza-se a segunda etapa da cognição, a qual, em contraste com o conhecimento imaginativo, pode ser chamada de inspiração. Depois desses preparativos, o mundo espiritual pode apresentar-se diante de nossa alma da mesma forma como o mundo visível se oferece à vista, ou o audível ao ouvido. Passamos a ter, diante de nós, não a própria vivência, mas o mundo espiritual, que investe contra nós. Se temos suficiente energia para eliminar de uma vez nao só partes, mas a totalidade do panorama da vida; se podemos chamar e apagar a visão conforme nossa vontade; se estamos com a consciência vazia, em puro estado de vigília — então aquilo que primeiro penetra em nossa consciência vazia é nossa existência pré-terrestre, aquela que tivemos antes de descermos, por meio da concepção, a um corpo terrestre. Essa é a primeira experiência supra-sensível real depois de se obter a consciência vazia: a visão da própria vida pré-terrestre. A partir desse momento, conhecemos a imortalidade do homem de um lado que normalmente deixa de ser posto em evidência. Hoje costuma-se falar apenas em imortalidade; mas isto não nos faz conhecer a realidade. A imortalidade é a negação da morte. Porém tão certo como esse lado éo lado oposto — sobre o qual ainda temos muito a falar; mas seguindo o caminho que apenas esbocei não chegamos à imortalidade, isto é, à negação da morte, mas à inatalidade, isto é, à negação do nascimento. Ser inato faz parte da essência humana tanto quanto ser imortal. Só teremos o verdadeiro conhecimento do que é duradouro e eterno no homem quando compreendermos estes dois lados da perpetuidade — a imortalidade e a inatalidade.

Todas as línguas modernas possuem a palavra ‘imortalidade’; mas a ‘inatalidade’, que as línguas antigas possuíam, foi perdida. Perdeu-se inicialmente o primeiro lado da perpetuidade, a inatalidade; e atualmente, na era materialista, o conhecimento do homem tem diante de si o trágico momento em que se pode perder também a imortalidade, pelo fato de ninguém querer saber mais nada, no campo da cosmovisão materialista, da existência de algo espiritual no homem.

Hoje só me foi possível descrever sumariamente, à guisa de esboço, o caminho que conduz aos mundos espirituais. Durante os próximos dias teremos de caracterizar outros aspectos, ascendendo daí ao que pode ser conhecido por esse meio a respeito do homem e do mundo, no passado e no presente, e ao que nos compete saber também do futuro.

20 de agosto de 1923

Inspiração e intuição

Lembremos mais uma vez aonde nos conduz a iniciação depois de terem os primeiros passos da cognição imaginativa obtido sucesso. O discípulo vem a ter o mundo de seus pensamentos, antigamente abstrato e ideativo, impregnado por uma vitalidade interior. Não tem mais, à sua frente, os pensamentos sem vida adquiridos na cognição passiva, mas um mundo interior dinâmico que ele sente tal como o sangue que o percorre ou a res-

piração que o permeia. Trata-se, pois, de uma transicão do elemento ideal do pensamento para uma realidade intimamente vivenciada. Aí aquelas imagens — os pensamentos de antes — não são mais abstratas, espectrais, como que meras projeções do mundo exterior: tornaram-se repletas de uma existência viva. Transformaram-se em autênticas imaginações vivenciadas —conforme eu já disse ontem — em duas dimensões mas não como se estivéssemos diante de um quadro pintado no mundo físico — quem os vê assim tem visões, mas não imaginações —, mas como se nós, com nosso próprio ser (que teria perdido sua terceira dimensão), nos estivéssemos movendo dentro delas. O que percebemos vemos, portanto, de uma forma diferente do que no mundo físico. Aquilo que ainda aparece como no mundo físico não passa de visão. O autêntico conhecimento superior só existe quando, por exemplo, as cores vividas numa imaginação real não são vistas, como o seriam no mundo físico, e sim vivenciadas. Como se vivenciam as cores? Pois bem, se enxergamos cores diferentes no mundo físico, cada qual é vivencíada de forma diferente. Sentimos o vermelho como algo que nos ataca, que investe contra nós. O touro reage a esse vermelho que o agride, pois vivencia-o muito mais intensamente que o homem.

A cor verde nos proporciona uma experiência de serenidade que não acarreta nem dor nem prazer. No azul temos a sensação da devoção, do abandono. Podemos sentir intensamente essas diversas vivências que nos proporcionam as cores no mundo físico, e quando algo no mundo espiritual vem ao nosso encontro de um modo agressivo. sentimos que isso corresponde à cor vermelha. Se algo provoca em nós uma sensação de devoção, essa vivência corresponde àquela que temos no mundo físico com as cores azul ou azul-violeta. Abreviando nossa maneira de expressar-nos, dizemos então que tivemos, no mundo espiritual, a experiência de um vermelho ou de um azul. Senão teríamos sempre de dizer — se quiséssemos ser exatos — que tivemos uma vivência análoga à visão do vermelho ou azul. Para abreviar dizemos, sobre a visão da aura, que esta se diferencia em vermelho, verde, azul, etc.

Todavia, cabe observar que essa passagem para o supra-sensível, esse abandono visual que ao mesmo tempo constitui uma vivência concreta, está sempre presente. E nessa vivência concreta que sentimos o pensar vindo a ser um órgão tátil que preenche todo o organismo humano: sentimo-nos como que espiritualmente apalpando um mundo novo que, na realidade, ainda não é o verdadeiro mundo espiritual, mas aquele que eu chamaria de mundo das forças plasmadoras, ou etérico. Quem quer realmente conhecer o éter deve captá-lo dessa maneira. Nenhuma especulação, nenhuma reflexão apenas conceitual conduz a um verdadeiro conhecimento do éter. É nesse pensar plenamente realizado que convivemos com nosso próprio corpo etérico ou vital. Convivemos com ele de um modo diverso daquele como temos vivido no mundo físico. Eu gostaria de descrever, por meio de uma comparação, a maneira como se vive no mundo etérico:

Um dedo é parte viva de nosso organismo. Se o cortamos, ele deixa de ser o que era: deixa de viver e morre. Se esse dedo tivesse consciência, diria: “Eu sou algo apenas quando faço parte do organismo, mas não possuo essência autônoma.” É assim que deveríamos falar no momento em que o conhecimento imaginativo nos fizesse participar do mundo etérico. Aí não nos sentimos mais como seres separados e individualizados, mas como membros de todo o mundo ou cosmo etéríco. Aprendemos que o que faz de nós indivíduos e personalidades é o fato de possuirmos um corpo físico. O corpo físico individualiza; faz de cada um de nós uma entidade isolada.

Mais tarde veremos que podemos ser individualizados também no plano espiritual. Ao começarmos, conforme indiquei, a ascender ao mundo espiritual, devemos sentir-nos como parte integrante do cosmo etérico. Se nosso corpo etérico fosse separado do éter cósmico, sofreríamos, etericamente, uma morte. Convém ter disso uma noção bem clara,

para podermos entender melhor o que será dito mais tarde a respeito da passagem do homem pelo limiar da morte.

Conforme eu já disse, essa visão panorâmica, que abrange a vida inteira desde o nascimento até o momento presente, é acompanhada, no plano etérico, de uma sensação extraordinária de euforia. Ser impregnado por essa vista panorâmica é a primeira experiência superior, aliás muito agradável.

Como eu também já disse, o discípulo deve, mediante um esforço próprio, fazer desaparecer de sua consciência tudo o que havia conquistado: a imaginação, a visão do próprio panorama da vida; deve fazer com que a consciência se torne vazia. Só quando tivermos adquirido essa consciência esvaziada é que compreenderemos a verdadeira maneira de ser das coisas no mundo espiritual. Então ficamos sabendo que o que havíamos percebido antes não era ainda o mundo espiritual, mas apenas uma visão imaginativa desse mundo. Só agora, na etapa da consciência vazia, omu ndo espiritual flui para dentro de nós, por meio do pensar 'apalpador', tal como o mundo físico entra em nós através dos sentidos. Somente nessa altura começamos a conseguir uma autêntica vivência do mundo espiritual considerado como um mundo exterior a nós. Em nosso panorama da vida, tivéramos apenas nosso mundo interior. A cognição imaginativa só nos revela o mundo interior, embora este nos apareça, diante do conhecimento superior, como um mundo figurativo. Do Cosmo ela dá as imagens. Mas o próprio Cosmo, bem como nossa verdadeira entidade tal como existia antes do nascimento. isto é. do nascimento físico, só aparecem na inspiração quando o próprio mundo espiritual vem penetrar em nós. Quando, porém, alcançamos a consciência vazia, nossa alma é tomada por um mero estado de vigília, e este pressupõe um certo silêncio e repouso. Este repouso pode ser caracterizado da seguinte maneira:

Imaginemos estarmos numa cidade barulhenta. Ouvimos ao nosso redor seu barulho e achamos horrível o zumbido e o estrondo que vem de todos os lados. Pensemos, por exemplo, numa moderna metrópole como Londres. Resolvemos então sair da cidade e. a cada passo. o barulho diminui. Compenetremo-nos mentalmente com essa diminuição de tudo o que possa ser ouvido. No fim, chegaremos a um bosque absolutamente silencioso. onde nada mais escutamos. Chegamos, por assim dizer, ao ponto zero da audibilidade.

Mas esse processo pode continuar, e vou recorrer a uma analogia trivial para prová-lo. Imaginemos termos dinheiro na carteira; gastando cada dia uma parte, a quantidade diminui, da mesma forma como a audibilidade diminui ao nos afastarmos do centro da cidade. Chegará o dia em que nossa carteira estará vazia, situação que comparamos ao grau zero de audibilidade. Mas se quisermos continuar a comer, que deveremos fazer? Faremos dívidas. Não aconselho isso a ninguém, mas nossa analogia o requer. Quanto dinheiro teremos então no bolso? Menos que zero. E quanto maiores as dívidas, maior a quantidade de dinheiro abaixo de zero.

Imaginemos nesta altura uma situação idêntica para o silêncio. Não haveria apenas a tranqüilidade absoluta, o ponto zero do silêncio, mas o caminho continuaria — haveria o negativo da audibilidade, mais silencioso que o silêncio. E isso acontece realmente quando nos alçamos, conforme nossa exposição de ontem, a uma acuidade sempre mais intensa da calma e do silêncio interiores. Quando chegamos a essa audibilidade interior negativa, a esse silêncio mais intenso que o silêncio total, então estamos penetrando no mundo espiritual de uma forma tal que ele não apenas se nos torna visível, mas começa a soar. O que antes era apenas visto intensifica-se, através do som, para um mundo ainda mais vivo. Aí estamos bem dentro do mundo espiritual. Passamos, pelo menos durante os instantes que a experiência dura, para o lado oposto da existência; aí o mundo sensorial ordinário desaparece, e estamos no plano espiritual. Todavia, devemos estar apropriadamente

preparados para poder voltar a qualquer momento. Mas há ainda uma outra experiência que nunca o ser humano pôde fazer antes. O grande sentimento cósmico de felicidade, que descrevi há pouco, transforma-se, neste momento em que estabelecemos aquela consciência vazia acompanhada de silêncio, numa dor não menos intensa, num sofrimento imenso da alma. Então passamos pela experiência de que o mundo é feito sobre o fundamento de uma dor cósmica, ou melhor, de um elemento cósmico que o homem só pode experimentar com profunda dor. E aprendemos a verdade, tantas vezes desprezada por aqueles que apenas buscam a felicidade exterior, de que toda existência nasce, em última análise, da dor. Quando chegamos dessa maneira à vivência cósmica do sofrimento, podemos fazer a seguinte afirmação, baseada num autêntico saber alcançado por meio do conhecimento iniciátíco:

Consideremos nosso olho; ele nos revela o esplendor do mundo físico, transmitindo-nos, na existência física entre o nascimento e a morte, nove décimos de todo o conteúdo de nossa vida; ora, esse olho está inserido numa cavidade corporal que não passa, em sua origem, de um ferimento sofrido por nosso corpo. Essa cavidade formou-se como se, hoje em dia, o corpo fosse corroído por uma ferida. A genética exterior tem disso um conceito por demais neutro e indiferente. Mas a própria história fisica da evolução mostra, por exemplo, que a órbita dos olhos, onde o globo ocular foi implantado de fora, nasceu numa época em que o homem ainda era um ser inconsciente. Todo esse processo, se consciente, teria significado um ferimento doloroso em nosso organismo. Desta forma, todo o organismo humano nasceu de um elemento que nos traria uma experiência terrível de dor, caso a vivêssemos com a consciência de hoje. É justamente nessa fase da cognição que se sente profundamente como todo prazer, toda alegria, toda bem-aventurança do mundo nasce de um fundo de dor, tal como a planta nasce do solo terrestre, que também significa sempre algo como a dor.

Se nós, homens, fôssemos transformados num instante na substância do solo sem qualquer alteração de nossa consciência, a conseqüência seria uma infinita intensificação de nossos sentimentos de dor. Se fôssemos descrever esse fato a alguns indivíduos superficiais e levianos, eles diriam: “Eu imaginei que a Divindade fosse diferente; pensei que Deus fosse tão poderoso que faria nascer tudo da felicidade, tal como nós, homens, o queremos.” Tais pessoas lembram aquele rei da Espanha a quem se mostrou um modelo transparente do Universo com a órbita das estrelas, etc. Ele fez um esforço enorme para compreender todos esses movimentos e, como acabou nada compreendendo, teria dito:

“Se Deus me tivesse dado o encargo de criar o mundo, eu o teria feito mais simples.”

Ora, no fundo é esse o sentimento que anima o conhecimento e a religião de muita gente: se Deus lhes tivesse dado a tarefa de criar o mundo, eles o teriam feito mais simples. Mas essas pessoas ignoram a ingenuidade de suas palavras. Uma verdadeira ciência iniciática não pode levar apenas àquilo que torna os homens felizes, e sim tem de conduzi-los a uma verdadeira compreensão de sua essência e de seu destino em relação à sua origem cósmica no passado, no presente e no futuro. Aí são necessários fatos espirituais reais, e não um conteúdo que de antemão agrada. Mas em última análise — isto também será mostrado nestas palestras — a vivência desses fatos, mesmo por um conhecimento apenas conceitual, nos proporcionará alguma satisfação interior também para esta vida terrestre. Na verdade, temos de acolher tudo isso para sermos homens completos para a vida, da mesma forma como o homem precisa de seus membros para ser um homem completo.

O plano em que ora chegamos depois de alcançar, além da imaginação, o silêncio total — esse plano em que se manifesta o mundo espiritual através das cores e dos sons, conforme indiquei —, e essencialmente diferente daquele que percebemos com os sentidos

físicos. Ao participar desse plano, damo-nos conta (se não participamos do mundo espiritual, ele não se nos revela!) de que todas as coisas e processos sensoriais e físicos têm, na realidade, sua origem nesse mundo espiritual. Como homem terrestre, o ser humano só percebe uma metade do mundo; a outra lhe resta oculta. Eu diria que esta se revela em sua espiritualidade através de todas as configurações e acontecimentos existentes no físico-sensorial, primeiro por meio da imaginação e depois daquilo que se pode oferecer criativamente, na inspiração. É possível nos ambientarmos nesse mundo da inspiração, encontrando nele as origens de todas as coisas terrestres. Conforme já mencionei, nele encontramos nossa própria existência pré-terrestre. Precisando de uma terminologia (embora o nome em si não tenha relevância), tenho chamado esse mundo, situado além do imaginativo, de *astral,* de acordo com um hábito que data de tempos passados. E aquilo que carregamos em nós proveniente daquele plano e trazido para os corpos físico e etérico pode, por isso, ser chamado de *corpo astral*. Inserida neste encontramos, finalmente, a verdadeira organização para o eu humano. Para um conhecimento superior, o ser humano aparece, pois, composto de quatro membros, ou seja: os corpos físico, etérico (ou das forças plasmadoras), astral e a organização para o eu. Para se conhecer o eu é preciso fazer mais um passo na cognição superior, passo que tenho chamado de *intuição* em meus livros anteriores, notadamente em *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)*.

A expressão 'intuição' se presta facilmente a mal-entendidos, pois aqueles que têm fantasia ou disposições poéticas também a empregam para designar as impressões sentimentais que têm do mundo. Porém esta é uma intuição confusa, apenas sentida. Nem por isso deixa de ter alguma afinidade com o que chamo de intuicão. Pois assim como enquanto ser terrestre o homem possui a percepção por meio dos sentidos, por meio do sentimento e da vontade terrestres ele recebe um reflexo da intuição, modalidade suprema da cognição. Caso contrário não poderia ser um ente dotado de moralidade. Aquilo que se manifesta confusa e apreensivamente no ser humano como voz da consciência é, portanto, um reflexo, uma projeção do que de mais sublime se pode revelar à verdadeira intuição, grau mais elevado de cognição acessível ao homem como ser terrestre.

Como ser terrestre o homem possui, de fato, algo do que há de mais baixo e, ao mesmo tempo, um reflexo do que existe de mais elevado, acessível só à intuição. Faltam-lhe as regiões do meio, e estas ele deve conquistar por intermédio da imaginação e da inspiração. A intuição, com sua interioridade luminosa e pura, também deve ser adquirida, mas uma reprodução terrena desta intuição já se encontra no sentimento moral e no conteúdo da consciência ética. Em outras palavras: quando o homem, como iniciado, alcança o conhecimento intuitivo do Cosmo, este mundo que antes ele só conhecia através das leis da natureza se lhe torna tão íntimo e ligado como normalmente é para ele, enquanto homem limitado à Terra, apenas o mundo morai. Na Terra o ser humano tem, portanto, esta característica de ter um pressentimento íntimo, embora indefinido e confuso, daquele plano supremo que só lhe é acessível em sua verdadeira forma após o pleno desenvolvimento das capacidades cognitivas.

O terceiro grau da cognição superior, imprescindível para se alcançar a região da intuição, só pode ser atingido pelo mais perfeito desenvolvimento de uma capacidade interior que a nossa era materialista nem considera como força de conhecimento. Com efeito, é a capacidade de amar, que deve ser desenvolvida e espiritualizada ao máximo para se poder chegar àquilo que se revela pela intuição. O homem deve tornar-se capaz de fazer da capacidade de amar uma força para o conhecimento. Ora, um certo preparo para aquela capacidade de amor espiritualizado se realiza quando nos livramos, de certa

maneira, de tudo o que nos prende às coisas exteriores — por exemplo, quando fazemos regularmente um exercício que consiste em representar os acontecimentos por nós vividos, não em sua seqüência normal, mas seguindo o curso oposto.

Nosso pensar ordinário, passivo, segue servilmente os acontecimentos do mundo. Ontem eu já disse que nós pensamos, em imagens mentais, primeiro o anterior e mais tarde o posterior. Um drama apresentado no palco começa pelo primeiro ato, depois vem o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto. Mas se em nossa imaginação conseguimos começar pelo fim, pensando depois no que imediatamente precede, depois no começo do quinto ato, depois do quarto, etc. até o início da peça, aí nos desprendemos completamente da sucessão exterior dos fatos do mundo. Representamos para trás. Contudo não é assim que sucede no mundo. Devemos fazer um esforço enorme, partindo de nós mesmos, para representar os fatos retrospectivamente. Dessa forma arrebatamos nossa atividade interior da corrente que nos puxa normalmente para a frente, e isso conduz pouco a pouco nossa maneira interior e anímico-espiritual de viver àquele ponto onde o anímico-espiritual realmente se desprende do corpóreo e também do etérico.

O homem poderá preparar-se para esse arrebatamento se conseguir representar a cada noite os acontecimentos do dia, mas numa sucessão retrógrada: primeiro o que ocorreu por último e assim por diante, inclusive os detalhes — por exemplo, se subimos uma escada, imaginando estarmos no último degrau, depois no penúltimo, isto é, representando descer para trás o que na realidade realizamos subindo.

Muitos dirão: "Mas isso leva muito tempo, pois vivemos tantos fatos num dia!" Não deixa de ter lógica. Então, comecemos por um episódio apenas: representemos o subir e o descer da escada em sentido contrário; primeiro o descer, depois o subir, da forma indicada. Fazendo isso, vamos adquirindo uma certa mobilidade interior até finalmente conseguirmos imaginar o decurso inteiro do dia, dentro de três ou quatro minutos.

Todavia essa é apenas uma parte — eu diria a parte negativa daquilo que devemos realizar para intensificar e aperfeiçoar aquela capacidade espiritual de amar. Ora, essa capacidade deve chegar até o ponto em que acompanhemos com nosso amor todo o crescimento de uma planta (na vida comum apenas observamos seu crescimento espacial, sem dele participar); devemos participar intimamente de tudo o que se manifesta no desabrochar vegetal, mergulhando para dentro da planta, identificando-nos animicamente com ela, crescendo, florescendo, frutificando como se fôssemos ela mesma, de forma a amá-la tanto quanto amamos a nós próprios. Daí devemos ascender, de forma análoga, à representação do animal e descender à do mineral; deveríamos sentir como a substância mineral toma a forma de um cristal e desenvolver um certo prazer íntimo ao vivenciar, desse modo, a formação de todas aquelas faces, arestas e cantos; ao mesmo tempo, temos como que um sentimento de dor a nos atravessar quando o mineral é destruído ou desintegrado. Não só com o sentimento, mas também com a vontade deveríamos, dessa forma, identificar-nos com tudo o que acontece na natureza.

Mas esse esforço deve ser precedido pelo desenvolvimento de uma capacidade de amor que abranja todos os homens. Não poderemos amar a natureza, da forma descrita, sem antes termos conquistado essa capacidade de amar a todos. Quando, por fim, chegarmos ao ponto de sentir esse amor cheio de compreensão para com os homens e para com toda a natureza, aquilo que antes nos perceptível cores da aura como música das esferas, toma forma e revela, por seus contornos, a existência de autênticos seres espirituais.

Todavia, a vivência desses seres espirituais é diferente da maneira como vivemos as coisas físicas. Quando tenho à minha frente um objeto físico — digamos, um relógio —, eu me vivencio 'aqui' e o relógio 'lá fora'; só posso ter a vivência do relógio por meio da

observação exterior, pois ele se acha a uma certa distância de mim. Nossas inter-relações são determinadas pelo espaço.

Não é dessa forma que se vivencia um ser espiritual. Para tal devemos 'mergulhar' totalmente nele, aplicando a capacidade de amar desenvolvida ao contato com a natureza. A intuição espiritual só é possível mediante as forças do amor desenvolvido para com a natureza e no silêncio obtido pelo vazio da consciência. Imaginem os Amigos que tenham desenvolvido essa capacidade de amar em contato com minerais, plantas, animais e homens. Em seu íntimo reina a consciência vazia, aquela tranqüilidade negativa. Os Senhores sentem o sofrimento que está na base de toda a existência cósmica; ela é, ao mesmo tempo, a dor da solidão. Nada existe ainda. Mas o impulso infinitamente diferenciado de amor os leva a permear com seu próprio ser tudo o que se manifesta na inspiração, através da visão e da audição que descrevemos. Aí conseguimos penetrar num ser, identificar-nos com outro.

Os seres que descrevi em *A ciência oculta* — essas entidades das hierarquias superiores — transformam-se, por nossa convivência com elas, numa realidade em que presenciamos a essência do Cosmo. Temos a vivência num mundo espiritual concreto da mesma forma como a visão, o tato e o sentido do calor nos proporcionam a experiência de um mundo físico concreto. Mas é preciso ter chegado a esse nível caso se queira adquirir o conhecimento de algo particularmente importante para o homem. Já expus que a inspiração faz entrar em nossa alma nossa experiência pré-terrestre e puramente espiritual; que é pela inspiração que vimos a saber o que éramos antes de descer, por meio da concepção, a um corpo terrestre. Quando aptos, devido ao impulso de amor, a penetrar como clarividentes nos mundos espirituais, temos a revelação daquilo que torna completa a autovivênvia do homem. Revela-se aquilo que precede nossa estada no mundo espiritual; revela-se o que éramos antes de ascender, entra a última morte e o novo nascimento, à última existência espiritual. Revela-se nossa vida terrestre passada e, pouco a pouco, as outras vidas terrestres precedentes. Pois esse verdadeiro eu, presente em sucessivas vidas terrestres, só pode manifestar-se quando a capacidade de amar é intensificada a tal ponto que o outro ser na natureza ou no mundo espiritual se nos torna tão caro como o somos para nós mesmos, movidos por amor-próprio. Mas nunca o verdadeiro eu, que passa por uma sucessão de nascimentos e mortes, se deixará abordar pelo amor-próprio. As vidas seguidas só se revelarão ao homem quando este não viver mais para ter, com seu amor-próprio, conhecimentos de curta duração, mas quando viver permeado daquele amor que esquece o amor por si mesmo e se entrega ao mundo objetivo com a mesma força que normalmente se emprega no amor-próprio. Com efeito, esse eu da existência terrestre passada tornou-se, para a vida atual, tão objetivo como qualquer pedra ou planta que se ache fora de nós, no espaço. Devemos ter aprendido a amar, com um amor objetivo, aquilo que se tornou objetivo e estranho para nossa personalidade subjetiva atual. Devemos ter-nos superado a nós mesmos na vida presente para podermos obter qualquer visão de uma existência passada.

A uma cognição assim desenvolvida, a vida completa se apresenta como uma oscilação que ora abrange formas de existência terrestre, do nascimento ou da concepção até a morte, ora formas de existências espirituais entre as mortes e os novos nascimentos. A vida terrestre completa consiste, pois, numa seqüência de passagens limitadas por nascimentos e mortes com existências intermediárias em mundos puramente espirituais. O conhecimento disso, real e adquirido por experiência própria, só se pode conseguir pela intuição.

Era meu desejo esboçar o caminho da cognição íniciática tal como deve ser trilhado

na época atual da evolução humana, quando se quer atingir um verdadeiro conhecimento espiritual da essência do mundo e do homem. A cognição iniciática é tão antiga como a humanidade, mas em épocas diversas teve de assumir formas diferentes. Assim como o homem atravessa de modo diverso cada nova existência terrestre, existem profundas diferenças entre o que se manifesta nas várias épocas de evolução terrestre. Ainda iremos conhecer essas diferenças no decorrer dos próximos dias; hoje eu gostaria de limitar-me ao seguinte:

Em épocas remotas da evolução da humanidade, os aspectos da cognição iniciática eram bem diferentes das atuais. Remontando em alguns milênios — tudo isto surgirá de forma mais exata mais tarde —, encontramos, em tempos anteriores ao mistério do Gólgota, um relacionamento do homem com os mundos físico e espiritual diferente do de hoje e, em conseqüência disso, uma ciência iniciática distinta da que é apropriada ao homem atual. Hoje em dia temos uma Ciência Natural bem desenvolvida. Nem quero falar de suas áreas mais elevadas, mas daquilo que se ensina corriqueiramente às crianças a partir de seis ou sete anos de idade. Vemos, por exemplo, as crianças assimilar bastante cedo as leis, digamos, do sistema sideral copernicano; a partir daí se constroem hipóteses sobre a cosmogonia. Fala-se, por exemplo, da hipótese de Kant e Laplace, que em sua essência ainda é exposta hoje, embora com algumas revisões. Admite-se a existência de uma nebulosa primordial que pode ser ilustrada por meio de experiências físicas apropriadas; essa nebulosa teria sido o início do sistema cósmico; a partir dele, forças de atração teriam separado os planetas, enquanto o Sol teria ficado no centro. De um anel, separado da nebulosa, a Terra se teria formado por concentração e, em seguida, outros processos de diferenciação teriam dado origem aos minerais, aos vegetais, aos animais e finalmente ao homem. Tudo isso é descrito e relatado da forma mais científica.

Esse processo é demonstrado às crianças por meio de uma experiência: coloca-se no centro de uma folha de cartolina uma gota de óleo ou de outra substância mais leve que a água; furando a cartolina com um alfinete e imprimindo-lhe um movimento de rotacão. vemos de fato uma gotinha de óleo separar-se do resto, depois mais uma, até obtermos um pequeno sistema planetário constituído por gotas de óleo e tendo ao centro o Sol. Qual é a criança que, depois de assistir a essa experiência, não acha altamente plausível a gênese do nosso sistema solar a partir da nebulosa original? Ela o viu com seus próprios olhos, pelo menos numa experiência análoga.

Ora, na vida prática, na vida moral, é muito bonito alguém esquecer a si mesmo; mas não é conveniente alguém esquecer sua própria existência quando quer demonstrar fenômenos da natureza. Ora, todo esse processo das gotas de óleo não teria comecado sem aquele que deu o impulso de rotação ao alfinete. Essa circunstância deve também ser levada em conta. Admitindo-se a hipótese, deve-se admitir também a existência de um mestreescola gigante postado no espaço cósmico quando a nebulosa começa a girar e enquanto ela continua a fazê-lo. Do contrário não se encararia o fenômeno em sua natureza primordial.

Mas aí está justamente a característica da época materialista: admitem-se frações de um quarto ou oitavo da verdade, ou ainda menores, e essas são então apresentadas à alma humana com imensa força sugestiva. Daí a unilateralidade em que vivemos no que se refere à origem e às leis da natureza.

Eu poderia citar-lhes muitos outros exemplos, nas áreas mais diversas, para esclarecer como o homem de hoje, entrando na natureza, a vê inteiramente submetida a uma lei de causalidade; ora, isso resulta simplesmente da civilizacão atual. Essa atitude permeia hoje toda a sua existência. Quando muito, a tradição religiosa manterá o conceito de um mundo espiritual. Mas para se chegar ao mundo espiritual verdadeiro, é preciso

seguir a evolução interior por meio da imaginação, da inspiração e da intuição, conforme já foi exposto. A ciência iniciática deve levar-nos da convicção da existência de leis naturais — ou pelo menos da crença em sua existência — a uma compreensão do espiritual. Toda ciência da iniciação deve procurar conduzir o homem da interpretação naturalista, que lhe parece evidente, a uma compreensão espiritualista do Cosmo.

A situação era inversa na antiga ciência iniciática de alguns milênios atrás. Aí os sábios dos mistérios, os dirigentes dos lugares de iniciação — que então eram ao mesmo tempo escolas, igrejas e locais de criacão artística — viviam em meio a uma humanidade ignorante em matéria de Ciência Natural, em comparação com os conhecimentos de hoje a partir da cosmovisão copernicana; todavia, aquela humanidade vivenciava instintivamente suas experiências anímico-espirituais interiores como algo cósmico e vazando aqueles conteúdos anímico-espirituais-cósmicos em mitos e lendas que nossa civilização atual não consegue mais compreender. Ainda teremos de voltar a esse assunto mais detalhadamente. Naquela época, porém, as experiências anímico-espirituais eram instintivas. Em seu estado de vigília, o homem vivia repleto de imagens oníricas, de imaginacões. Foi do íntimo dessa humanidade primitiva que ascenderam aquelas imaginaçoes oníricas, que mais tarde assumiram a forma de lendas, mitos, sagas de deuses. O homem vivia nessas imaginações. De um lado ele observava o mundo. de outro vivenciava as imaginações oníricas. Quando não se vivia nessas imaginações, via-se a natureza: o arco-íris, as nuvens, as estrelas, o Sol percorrendo o céu, os rios, as montanhas em sua transformacão e sua essência os minerais, as plantas, os animais.

E tudo o que era observado pelos sentidos tornou-se, para a humanidade primitiva, o grande enigma. Pois naquela era primordial — houve épocas mais ou menos remotas conforme as civilizacões — anterior em alguns milênios ao mistério do Gólgota, a humanidade se sentia feliz quando tinha suas imaginações oníricas. E o mundo exterior dos sentidos, que se revelava apenas ao olho — o arco-íris, as nuvens, a trajetória do Sol, os minerais, vegetais e animais e, do mundo das estrelas, apenas aquilo que se observava no sistema pré-copernicano, portanto ptolomaico —, todo esse mundo sensório exterior deixou no homem a seguinte impressão: “Com minha alma, estou vivendo num mundo divino-espiritual. Lá fora está uma natureza que perdeu sua divindade. A fonte não possui espiritualidade; os minerais, os vegetais, os animais e os outros homens, enquanto os observo externamente com meus sentidos, não têm espiritualidade.” A natureza parecia um mundo universal que tinha perdido sua espiritualidade divina.

Era, pois, uma época em que o Cosmo visível era sentido como abandonado pela divina espiritualidade. E o necessário ao homem não era apenas uma idéia abstrata de como reunir essas duas experiências — a vivência interior de Deus e a vivência exterior de um mundo sensorial decaído; ele precisava de um conhecimento que fosse ao mesmo tempo um consolo pelo fato de ele pertencer, com seus corpos físico e etérico, àquele mundo dos sentidos que tinha perdido seu caráter divino. O homem necessitava uma consolação que lhe ensinasse qual a relação entre esse mundo sensorial decaído e aquele outro, espiritual, que ele estava acostumado a vivenciar através de imaginações instintivas, meio apagadas mas ainda suficientes para aquela época. O conhecimento devia trazer consolo.

Tal consolo era o que procuravam os que acudiram aos mistérios, seja satisfazendo-se com o que aí lhes podia ser revelado exteriormente para consolá-los, seja como discípulos dos grandes sábios, para serem iniciados nos segredos da existência. no grande enigma que se havia colocado frente à humanidade.

Os velhos sábios que nos mistérios reuniam as funções de sacerdote, mestre e artista explicaram àqueles homens, por meio do conteúdo dos mistérios, que as mesmas forças

divino-espirituais encontradas nas imaginações instintivas interiores estavam presentes também naquele mundo aparentemente decaído: na fonte, na árvore em flor, na flor desabrochada, no mineral que se transforma em cristal, no arco-íris, na nuvem fugaz e no Sol seguindo sua trajetória. Trouxeram aos homens angustiados uma reconciliação do mundo abandonado pelos deuses com o mundo divino que estes percebiam em suas imaginações instintivas. Trouxeram-lhes um conhecimento consolador, graças à descoberta de que a natureza inteira voltava a conter o divino, mesmo para a observação humana, desde que os homens buscassem esse conhecimento reconfortante nos mistérios.

Temos, portanto, dessas épocas remotas, relatos segundo os quais se guardava nos mistérios, qual uma ciência oculta, aquilo que nós ensinamos hoje em dia às crianças mais novas: que o Sol é imóvel, enquanto a Terra gira em seu redor — isto era relatado ainda na era grega. Nossos atuais conhecimentos exteriores eram, naquele tempo, uma ciência oculta. A explicação da natureza era ciência secreta. Hoje o homem está familiarizado com a natureza e suas leis, conforme pode constatar qualquer indivíduo pensante e educado que viva o curso evolutivo da humanidade em nossa civilização. Em compensação, o mundo espiritual se retirou; as antigas imaglnaçoes oníricas cessaram. A natureza é vivida de maneira neutra, e nela inicialmente o homem não se sente plenamente satisfeito; ela é compreendida como um cosmo cuja forma de existência se apresenta por uma necessidade intrínseca, e não como um universo decaído e pecaminoso. Então o homem passa a ter sua autoconsciência; ele constata que nesse ponto unico o espírito se lhe revela, e vem a sentir o impulso íntimo que quer restabelecer a ligação entre o seu próprio interior e Deus. O que lhe falta, nessa situação, é apenas uma nova ciência iniciátíca reconduzi-lo ao mundo espiritual, de forma análoga ao conhecimento que ele tem adquirido da natureza. Era partindo do espírito que o homem vivenciava instintivamente e incorporava em seus mitos que a antiga ciência iniciática conduzia à natureza. A ciência iniciática moderna deve partir daquilo que o homem experimenta em primeiro lugar, isto é, de seu conhecimento da natureza, das leis em que ele acredita. A partir daí deve mostrar o caminho de volta ao mundo espiritual por meio da imaginação, da inspiração e da intuição.

Assim temos, na evolução da humanidade, numa época que precede o mistério do Gólgota em alguns milênios, o momento em que os homens, abandonando uma vivência instintiva do espiritual, chegaram àquelas noções e idéias que abrangiam, qual uma ciência extremamente secreta, as leis da natureza. Hoje em dia qualquer criança as conhece. Diante desta vida insípida e prosaica, diante deste naturalismo, o mundo espiritual dentro do homem se retirou. Hoje em dia, uma ciência iniciática tem de indicar o caminho inverso, da natureza à espiritualidade. Para uma humanidade anterior, a natureza estava na escuridão — o espírito era o que brilhava. A ciência iniciática antiga teve a missão de levar essa luz à escuridão da natureza. A ciência moderna da iniciação tem de partir daquela luz que Copérnico, Giordano Bruno, Galileu, Kepler e outros projetaram para a natureza exterior. Essa lei, morta, deve receber nova vida, e o espírito deve ser procurado por um caminho oposto àquele da velha iniciação.

Sobre isso falarei na próxima conferência.

21 de agosto de 1923

A ciência iniciática nova e antiga

Uma objeção, à primeira vista muito justificada, ao estudo da Antroposofia pode ser a alegação de que aquilo que se investiga antroposoficamente — isto é, os fatos dos

mundos espirituais — pressupõe que se passe por uma evolução tal como foi descrita e como só pode ser realizada graças a potencialidades profundas do ser humano, antes de se chegar aos fatos dos mundos superiores. Quem não passou por esse desenvolvimento, quem nao aprendeu a vivenciar os fatos e seres supra-sensíveis não poderia examinar a veracidade do que está sendo afirmado pelo explorador daqueles mundos. Muitas vezes, quando se fala em público sobre o conteúdo do mundo espiritual, é levantada a seguinte objeção: que podem fazer, com essas idéias de um mundo supra-sensível, os que ainda não conseguem percebê-lo?

Todavia essa objeção está baseada num completo erro, pois parte da premissa de que, ao expormos a uma pessoa algo sobre os mundos supra-sensíveis, falamo-lhe de algo completamente desconhecido. Na realidade, não é esse o caso. Convém fazer, todavia, com referência à ciência iniciática, uma distinção fundamental entre o que hoje está certo, nesse domínio, e aquilo que estava correto nas épocas passadas de que ontem falei.

Lembrem-se de como descrevi o caminho dos mundos espirituais. Dizia eu que em primeiro lugar ocorre aquela visão panorâmíca do que foi incorporado à própria personalidade na vida passada — vemos de uma vez tudo o que temos vivenciado. Em seguida falei do progresso da cogníção imaginativa para a inspirada, da consciência vazia que se traduz por um silêncio interior absoluto e da visão que temos da existência anterior ao nascimento, isto é, daqueles fatos que vivemos entre a última morte e a nova descida ao plano terreno.

Convém ter consciência de que todo homem, antes de descer à Terra, teve essas experiências. Não há pessoa que não as tenha tido, em toda a sua realidade, tal como o pesquisador espiritual as descreve. E quando este vaza em palavras os fatos ainda ignorados nãa apela a algo completamente desconhecido, mas àquilo que todo indivíduo experimentou antes da sua existência na Terra. Não se trata senão de um chamado de recordações cósmicas, às quais o pesquisador do mundo espiritual dirige seu apelo.

Tudo o que o explorador relata está dentro de todos nós, radicado em nossas almas; só que o esquecemos, ao passar da existência pré-terrestre à terrestre. O pesquisador nada faz senão lembrar-nos de algo que esquecemos.

Imaginemos que algo análogo se produza dentro de uma vida terrestre. Lembremos exatamente algo que vivenciamos vinte anos antes, com um outro indivíduo. Este esqueceu totalmente a situação. Mas nós, que a lembramos, falando com ele podemos chamá-la de volta à sua memória.

O mesmo, embora num plano mais elevado, acontece quando lhes falo de mundos superiores; a única diferença é que os Senhores esqueceram sua vivência pré-terrestre muito mais profundamente do que acontece com fatos terrestres. A razão é que se sente uma aversão inconsciente, uma antipatia pela seguinte pergunta: — Será que encontras em tua alma algo que esteja de acordo com as descobertas da pesquisa espiritual? — Por termos essa antipatia, não descemos a uma suficiente profundeza da alma quando ouvimos ou lemos o que o pesquisador espiritual nos diz. Daí a impressão de estar este falando de algo que somente ele sabe e que não pode ser verificado. Pode-se verificá-lo, sim: basta livrar-se do preconceito que nasce da referida antipatia — pois o pesquisador espiritual começa por lembrar o que qualquer homem vivenciou em sua existência pré-terrestre.

Alguém poderia objetar: “Para que refletir, durante a vida terrestre, sobre algo que se vivencia fora dela pela própria constituição do Cosmo — poderíamos dizer, pela decisão dos deuses?” Outros dirão: “Por que preocupar-me antes de minha morte em conhecer e adquirir tal conhecimento dos mundos supra-sensíveis? Posso perfeitamente esperar até depois de morrer; aí encontrarei tudo, se é que existe.”

Tais argumentos baseiam-se numa interpretação totalmente falsa da vida terrestre.

Os fatos descritos pelo pesquisador espiritualista são vivenciados por qualquer pessoa em sua existência pré-terrestre, mas não os pensamentos a seu respeito; estes só podem ser vividos durante a vida terrestre. E são apenas os pensamentos acerca do mundo espiritual que podemos levar para além do limiar da morte; só então compreendemos os fatos experimentados entre a morte e um novo nascimento.

Falando um tanto drasticamente, diríamos: no fundo, a vida atual, no nível presente da evolução da humanidade, fica extremamente difícil se o homem, dentro de sua existência terrestre, deixa de adquirir idéias do mundo superior; pois depois de transpor o limiar da morte ele não alcança uma verdadeira compreensão do que o circunda: está sendo envolto por uma situação que não entende. A compreensão do que se experimenta depois da morte deve ser alcançada durante a vida. Veremos a seguir que a situação era diferente em épocas antigas. Mas no momento atual da evolução, o homem dependerá sempre mais de uma compreensão, conquistada na Terra, daquilo que vivencia entre a morte e o novo nascimento. Assim sendo, pode-se dizer que a Ciência Espiritual é plenamente legitimada para falar em público, pois qualquer pessoa pode analisá-la; ao perscrutar sua alma, acabará reconhecendo que "aquilo que o pesquisador espiritualista afirma me parece plausível. É como se já o tivesse experimentado, recebendo agora apenas sob forma de pensamento aquilo que já vivenciei". Por esse motivo, até a maneira de se expressar deve ser escolhida de forma diferente do que na vida normal quando se quer falar sobre Ciência Espiritual e seus conhecimentos. Trata-se de, pela própria maneira de falar, dar a quem aborda a Ciência Espiritual a impressão de estar aprendendo coisas inexistentes no mundo físico, onde até parecem ser absurdas.

Vemos nossos adversários tachar de absurdo e fantástico tudo o que advém do conhecimento espiritual. Quem conhece ou quer conhecer apenas o mundo sensível tem razão ao falar dessa maneira, pois o mundo supra-sensível se apresenta, de fato, diferente do sensível. Só quem abandonar tais preconceitos e concordar em penetrar mais a fundo na própria vida anímica admitirá que as descrições do pesquisador espiritualista são apenas um convite para se extrair da alma tudo o que já se encontra nela.

Há, naturalmente, muitos que militam contra tal confissão, mas esta não deixa de ser extremamente importante para a compreensão dos mundos superiores. Para quem concordar em aprofundar-se dessa forma na própria personalidade, os assuntos mais difíceis se tornarão mais transparentes.

Entre esses assuntos difíceis se acham, sem dúvida, as verdades matemáticas. Todos julgam absolutamente certo o que se reconhece pela matemática. Ora, existe o fato curioso de que a própria matemática, ou melhor, a geometria, deixa de ser correta quando se ascende aos mundos superiores. Quero dar um exemplo simples: desde a juventude, estamos habituados a admitir a obviedade axiomática da antiga verdade descoberta por Euclides. Considera-se óbvio que a reta entre dois pontos A e B é a via de comunicação mais curta entre esses dois pontos. Qualquer outro caminho, curvado ou outro, é mais comprido.

Grande parte da nossa geometria repousa sobre esse conhecimento que é, obviamente, correto para o mundo físico. Mas a situação é invertida no plano espiritual. Aí, a reta entre A e B seria o caminho mais longo. Qualquer outro seria mais curto porque poderia ser percorrido em plena liberdade. Quem quiser chegar de qualquer maneira de A a B chegará, de acordo com essa idéia, facilmente ao destino. Mas manter o caminho reto, conservando em qualquer ponto intermediário a direção certa, é o mais difícil e demorado. Daí resulta precisar-se de um tempo maior para percorrer no plano espiritual, dotado de apenas uma ou duas dimensões, uma linha reta.

Quem reflete sobre o fenômeno da 'atenção' e procura uma possível explicação na

própria alma não deixa de reconhecer a justificativa do que diz o pesquisador espiritual, baseado em sua própria experiência. Ora, ele constatará o seguinte: — Andando à toa, percorro facilmente meu caminho; e esse 'percorrer' não se limita apenas a distâncias espaciais, mas engloba tudo o que o homem costuma fazer durante um dia. Nós todos nos movimentamos, de manhã até à noite, em geral sem prestar muita atenção ao que fazemos. Agimos conforme hábitos adquiridos, e aí o trabalho avança rapidamente. Imaginem que se faça com a maior atenção todas as tarefas de um dia — façam a experiência e verão quanto mais tempo isso dura.

Ora, no mundo espiritual nada se faz sem atenção. No mundo espiritual não existem hábitos. O próprio termo 'a gente' inexiste aí: 'A gente' almoça ou janta a tal hora, 'a gente' veste tal roupa em determinadas situações, etc... Tudo o que desempenha tão importante papel no mundo físico, mormente em nossa civilização, sob o aspecto do a *gente,* nada disso existe no mundo espiritual. Aí o menor passo que se dê, e até atos mais insignificantes do que um passo, devem ser feitos com toda a atenção. Isso se exprime no princípio de que a reta seria a distância mais comprida entre dois pontos, em contraste evidente com o mundo físico.

Basta um aprofundamento na própria alma para se perceber que isso pode ser a fonte da descoberta de muitas particularidades. E cada vez mais temos de reconhecer o seguinte: tudo o que o espiritualista diz é uma sabedoria já existente dentro de mim. Basta eu me lembrar dela.

Paralelamente, qualquer pessoa, na medida em que seu destino, seu carma o permita, pode adquirir o conhecimento supra-sensível por meio de livros como *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação),* e dessa forma alcançar uma visão própria do mundo espiritual. Dessa maneira ela conhecerá os fatos, mas também a compreensão das idéias do mundo espiritual pode ser alcançada sem dificuldade por meio do aludido autoconhecimento, quanto ao que foi esquecido ao nascer.

É lícito dizer que o conhecimento do mundo espiritual, quando vazado em idéias, pode ser compreendido por qualquer pessoa; para se entender o que o pesquisador espiritualista relata, basta o bom senso isento de preconceitos, desde que mergulhe o suficiente nas profundezas da alma. Para se pesquisarem fatos espirituais, para se penetrar no plano espiritual — portanto, para se falar desses fatos 'de fonte original' —, é preciso que se haja trilhado a própria senda do conhecimento. Por isso é perfeitamente justificado falar em público dos mundos espirituais, desde que uma ou outra pessoa tenha deles um conhecimento adequado; pois o que o homem adquire hoje na vida, somente pelo aprendizado na escola, é a capacidade de compreender, é aquele discernimento que permite chegar também à compreensão do que a Ciência Espiritual afirma. Mas também a este respeito a situação era diferente, na humanidade antiga, da atual. Por isso, a atitude dos que ensinavam e praticavam a arte e a religião nos mistérios tinha de ser diferente daquela do pesquisador moderno. Quem hoje divulga conhecimentos espirituais deve ter em mente ordenar suas idéias de forma a estas provocarem uma autêntica análise da vida pré-terrestre. É necessário, hoje, que as informacões transmitidas verbalmente ou por escrito constituam recordações da vida pré-natal.

Toda alusão a assuntos espirituais deveria conter um apelo dirigido ao ouvinte: "Escuta bem o que se diz, olha bem fundo em tua alma, e acharás que tudo já estava dentro dela; descobrirás que não podes tê-lo aprendido nesta vida, já que nenhuma flor, nuvem ou fruta te pode tê-lo dito, muito menos a ciência fundamentada exclusivamente nos sentidos e no raciocínio; verás que tu o trouxeste para esta vida, que antes desta vida tiveste experiências que deixaram, qual uma lembrança cósmica, aquilo que volta à tona

graças ao pesquisador espiritual." Se o apelo feito por este se dirige ao âmago da alma humana, isso não implica num convite para que se assimile algo novo, mas para que se procure lembrar algo que constitui a mais íntima possessão da própria alma.

Tal não era o caso nos homens das épocas passadas. Aí os sábios sacerdotes dos mistérios tinham de proceder de outra maneira, já que os homens tinham espontaneamente reminiscências da existência pré-natal. Alguns milênios atrás, nem o indivíduo mais atrasado duvidava de ter em sua alma algo trazido de uma vida supra-sensível para a atual, pois costumava vivenciar isso, a cada dia, em imaginações oníricas. Sabia que algo em sua alma não lhe fora dado nem pelo olho que percebia uma árvore, nem pelo ouvido que lhe transmitia o canto do rouxinol, nem por qualquer outro sentido; estava simplesmente lá, presente em sua alma. Não podendo ter aprendido esses fatos em sua existência terrestre, ele sabia tê-los trazido consigo ao descer para ela; sabia que, ao receber de um outro corpo humano, durante a vida embrionária, seu próprio corpo físico, já tinha dentro de si aquilo que ora refulgia em imaginações oníricas, possuindo o corpo físico apenas como um envoltório.

Não teria sido útil ao desenvolvimento do homem primitivo chamar-lhe a atenção para o que se deve ensinar ao homem moderno em primeiro lugar: o fato de ele possuir uma lembrança de uma existência pré-terrestre, lembrança inicialmente inconsciente, mas sujeita a ser chamada à tona. Nos mistérios antigos, a atenção do homem tinha de ser chamada para algo bem diferente.

Naqueles tempos antigos, o homem sentia uma dor profunda provocada justamente pelo que havia de mais belo no mundo. Via uma planta brotar do solo, com toda a sua beleza, e desabrochar numa flor, fonte de imenso prazer. Percebia uma nascente que murmurava, infinitamente bela, à sombra de um bosque e apreciava, mediante seus sentidos, tudo o que essa nascente tinha de refrescante. Mas aí lhe vinha a reflexão súbita de que tudo isso estava separado, como que pecaminosamente, daquele mundo trazido por ele da existência espiritual quando descera a este mundo. Cabia então ao instrutor dos mistérios explicar-lhe que havia espiritualidade e seres espirituais também na flor, na nascente, no carvalho da floresta, no canto do rouxinol e em qualquer outro lugar. Os mestres revelaram ao homem esta grande verdade: o que vivia dentro dele também vivia na natureza exterior. Com efeito, quando seus sentidos estavam mais abertos e receptivos ao mundo exterior, este lhe provocava o maior sofrimento; era o tempo em que ele olhava para esse mundo com seus sentidos primitivos, enquanto o intelecto não lhe havia ainda revelado as tais leis da natureza. A beleza do mundo, fresca e vigorosa, entrava-lhe na vista, no ouvido e nos outros sentidos; mas ele não podia senti-la sem sofrer. A maior dor lhe era provocada pela beleza, pois ele não podia conciliá-la com a reminiscência interior de sua existência pré-natal. Cabia então aos sábios dos mistérios mostrar que o divino e espiritual estava também presente nos objetos sensoriais. A espiritualidade da natureza — eis o que os antigos sábios deviam fazer sentir aos homens.

Isso, todavia, só era possível por um caminho diferente do atual. Enquanto a atenção do homem atual deve ser principalmente chamada para fatos da vida pré-natal, os antigos mestres dos mistérios tinham de apelar a um outro tipo de recordação.

Enquanto vive na Terra, o homem passa alternadamente por dois ou, antes, por três estados: os da vigília, do sonho e do sono. O sono é inconsciente. Esse estado inconsciente de sono os homens de épocas passadas também o tinham, embora um pouco diferente do atual; eles até dormiam , caindo num estado em que nenhuma vivência aflorava à consciência. Mas o homem não cessa de viver entre o adormecer e o despertar. Não morremos quando adormecemos. nem renascemos ao despertar: entre o adormecer e o despertar, continuamos vivendo como alma, como espírito. E para a consciência normal, a

autovivência está totalmente apagada durante o referido período. O homem tem lembranças apenas do que vivencia em estado de vigília ou, no máximo, sonhando; mas com a consciência habitual não lembra o que se passa no sono sem sonho entre o adormecer e o despertar. Os mestres dos antigos mistérios cuidavam de seus discípulos — e por meio das idéias divulgadas por estes, de toda a humanidade — chamando à tona justamente aquilo que se vivenciou durante o sono.

A ciência iniciática atual deve fazer lembrar o que viveu na alma humana antes da vida terrestre; a iniciação dos tempos antigos tinha de evocar no ser humano a recordação daquilo que este vivenciava no sono cotidiano. Os discípulos dos mistérios antigos e seus ouvintes podiam afirmar que todos os conhecimentos recebidos dos mestres, vazados em idéias, nada transmitiam que não tivesse sido experimentado durante o sono, embora recalcado até à inconsciência. Para essas almas o sacerdote nada afirmava de desconhecido, e a iniciação permitiu perceber o que em sono se vivenciava e não se percebia claramente.

Na ciência iniciática antiga, lembrar as experiências do sono equivalia à lembrança da existência pré-terrestre tal como ocorre hoje. Uma das diferenças características entre ambàs as iniciações reside no fato de o discípulo antigo se lembrar de fatos passados em sono durante a vida consciente diurna. O que os sábios dos mistérios voltavam a despertar eram as vivências noturnas, as quais lhe indicavam que sua alma vivia, durante a noite, no mundo espiritual, o mesmo que está vivo em toda fonte, rouxinol ou flor; e que a cada noite ele penetrava naquilo que, durante o dia, apenas percebia por meio de seus sentidos.

Então o homem podia convencer-se de que os deuses vivenciados em seus sonhos vigilantes também estavam presentes na natureza. Mostrando a seus discípulos o conteúdo do sono, o antigo mestre provou que existem entidades divinas e espirituais dentro da natureza, enquanto o pesquisador moderno tem por tarefa mostrar ao homem que antes de nascer este viveu como entidade espiritual, no mundo espiritual, em meio a outros seres espirituais, tendo a capacidade de reproduzir nesta Terra, sob forma de conceitos e idéias, aquilo que experimentou naquela existência pré-natal.

Quando se ascende da imaginação à inspiração é que se aprende, na iniciação moderna, a discernir os fatos que diferenciam o sono da vigília. É só a verdadeira cognição inspirada que mostra claramente ao homem o que ele é como alma, como ser espiritual, entre o adormecer e o despertar: o conhecimento imaginativo o conduzia à visão panorâmica da.vida. Quando ele alcança o estado de consciência vazia, naquele silêncio cósmico já descrito, a inspiração vem trazer-lhe, como conteúdo da alma, primeiro a existência pré-natal; depois lhe surge também, na inspiração, seu próprio ser tal qual se afigura, como entidade espiritual e anímica, entre o adormecer e o acordar.

A inspiração torna consciente o que normalmente permanece inconsciente durante o sono. O discípulo vê então o que ocorre com a alma e com o espírito nesse período: no adormecer, a parte anímico-espiritual se separa, de certa forma, dos corpos físico e etérico; o que se deixa ficar na cama são estes últimos, tais como se revelam à imaginação, conforme já descrevi. Os membros superiores do ente humano — seu corpo astral e a organização para o eu —, saem dos corpos físico e etérico e voltam a eles no acordar. A inspiração só permite observar aquela cisão do nosso ser que ocorre ritmicamente em cada passagem da vigília ao sono. Aí percebemos que tudo de que nos apropriamos em nossa vida de vigília, por meio do raciocínio e do pensamento, fica no leito. Os pensamentos que conquistamos, os conhecimentos para os quais tanto labutamos em nosso tempo de escola, tudo o que temos adquirido em termos de inteligência terrestre, tudo isso fica para trás. nos corpos físico e etérico. A cada vez que caímos em

sono, levamos aos mundos espirituais, em nosso eu e em nosso corpo astral, algo bem diferente do que vivenciamos no estado de vigília. Com efeito, ao efetuarmos a transição da vigília para o sono, experimentamos algo que não se nos torna consciente em nossa vida consciente normal. Para tornar aos Amigos bem claro do que se trata, terei de dar às idéias a forma de conceitos, e será sob forma de conceitos que terei de apresentar aquilo que o homem vivência sem o saber, em sua consciência comum, mas que pode ser lembrado, conforme eu disse na primeira parte desta conferência, recorrendo-se apenas ao bom senso. Essa reflexão sobre as coisas do mundo, nas sombras projetadas pelos pensamentos vivos, e deixada para trás quando adormecemos; penetramos en tao num mundo em que nao pensamos da forma como o fazemos no piano terrestre, mas onde temos uma vivencia interior de tudo o que existe. De fato, durante o sono temos uma vivencia inconsciente da luz. Enquanto acordados, refletimos sobre tudo o que a luz faz, sobre a maneira como da origem a sombras, cores, etc.; formamos pensamentos acerca da luz e de seus efeitos. Tais pensamentos, conforme ja dissemos, nos os deixamos para tras. Em compensação, durante o sono nos integramos na própria luz, que vive, pulsa e irradia. Derramamo-nos nessa luz viva, ondulante. Assim como durante o dia atravessamos a luz com nosso corpo fisico e tambem com nossa alma e com nosso espirito, tal qual andamos sobre o chão, da mesma forma, quando dormimos, penetramos na própria luz, ondeante e pulsante; tornamo-nos unos com ela, passando a ser uma essência, uma substância de luz viva e ondeante. Vimos a ser luz dentro da luz.

Ora, quando o homem é inspirado por tudo o que ele próprio vem a ser durante cada noite, quando tudo isso vem a sua consciência desperta, ele sabe o seguinte: “Durante o sono viveste como uma nuvem luminosa dentro da luz cósmica.” Mas isso nao significa apenas viver dentro da luz como substância luminosa; significa viver dentro das forças que, no estado de vigília, se transformam em pensamentos, podendo ser captadas sob forma de pensamentos.

A luz que se vivencia é permeada, em todo lugar, por forças criadoras, por aquilo que atua intimamente nas plantas e nos animais, mas que tem existência independente, constituindo os mundos espirituais. Não temos da luz uma experiência análoga àquela que temos aqui no mundo físico, mas vivenciamo-la viva, ondeante como — se é que posso utilizar uma expressão imprópria — o corpo do ondular espiritual e também de algumas entidades espirituais.

Aqui no mundo físico, estamos sempre confinados dentro da nossa pele e vemos os outros homens confinados dentro da sua. Aí, durante o estado de sono, somos luz dentro da luz, e assim o são os outros seres. Porém não percebemos mais a luz como tal, da maneira como o fazemos aqui no mundo fisico, mas — para recorrer a uma imagem — como se uma nuvem cuja essência e a luz (e nos mesmos somos essa nuvem) percebesse uma nuvem luminosa objetiva. Mas essa nuvem de luz objetiva poderia ser um outro ser humano, ou um ser qualquer que da vida ao mundo vegetal, ou até um ser que nunca se encarna num corpo físico, vivendo sempre no mundo espiritual.

A luz não é, pois, vivida qual luz terrestre, mas como espiritualidade presente e viva. Mas como os Amigos sabem, na Terra nós vivemos, como homens físicos, ainda em algo mais. Vivemos em meio ao calor que percebemos fisicamente. Sabemos se faz frio ou calor. Aquecemos um quarto quando estamos com frio. Sabemos, em nossa consciência comum baseada nos sentidos, que vivemos num ambiente quente ou frio. Essa vivência do frio e do calor nos é dada pelo sentimento, pela sensação da condição térmica.

Quando saímos, ao adormecer, dos corpos físico e etérico, vivemos não só como luz dentro da luz, mas como substância calórica dentro da substância calórica do Cosmo. Não somos apenas nuvem de luz, mas nuvem de luz permeada de calor, e o que percebemos

também contém calor. Mas assim como não vivenciamos durante o sono, nessa identificação anímico-espiritual, a luz como luz, mas como algo espiritual vivo — assim como sabemos, conscientizados pela inspiração, sermos algo espiritual vivo e percebemos as outras entidades como seres espirituais vivos —, assim acontece também com relação ao calor. Não basta para o mundo espiritual, nem para a inspiração, explicarmos apenas as representações adquiridas no mundo terrestre. Da mesma forma como devemos recorrer a um outro conceito para o caminho mais curto entre dois pontos, para todos os fatos devemos adquirir outros conteúdos para a alma. A exemplo de nossa autovivência como luz na luz, como espírito no mundo espiritual, como calor no calor cósmico, não nos sentimos dentro do calor como ocorre no mundo sensível, e sim no mundo do amor onipresente e ativo; como entidades de amor — o que nos próprios somos no supra-sensível —, sentimo-los entre entidades que não podem senão formar sua própria essência a partir do amor e existir, com seu amor, dentro de um mundo cósmico de amor. Temos a sensação de viver, entre o adormecer e o despertar, numa existência de amor saturada de espiritualidade.

Por esse motivo, para penetrarmos realmente nesse mundo onde já nos encontramos a cada dia entre o adormecer e o despertar, devemos aumentar nossa capacidade de amar; caso contrário, esse mundo nos permanecera naturalmente estranho. Neste mundo físico não encontramos o amor espiritualizado, mas apenas o estado instintivo do amor, permeado de sensualidade. O amor espiritualizado vige no mundo espiritual, na forma como acabo de descrever. Se quisermos manter a consciência naquele mundo em que ocorrem as vivências noturnas, só poderemos fazê-lo desenvolvendo a capacidade de amar, conforme caracterizei na conferência anterior.

Ora, tampouco podemos atingir o cerne do nosso próprio ser sem o cultivo e a sublimação da capacidade de amor, já que não teríamos acesso àquilo que realmente somos durante o sono, sendo que este ocupa a terça parte de nossa vida. Nossas vivências entre o adormecer e o acordar constituiriam para sempre um enigma obscuro caso não desenvolvêssemos a referida capacidade de amar, a fim de transformar em sabedoria, e também em conhecimento, nossa própria existência, nosso próprio ser, tal qual o vivenciamos no estado entre o adormecer e o acordar. A forma de atividade mental que realizamos no estado de vigília, isto e, dentro de nossos corpos físico e etérico ou das forças plasmadoras, e deixado no leito; enquanto dormimos, alcança um estado de sintonia com o Cosmo inteiro. Se o homem pudesse saber claramente o que acontece durante a noite dentro desses dois corpos, veria de fora, como ser luminoso permeado de calor, que o corpo etérico continua pensando durante toda a noite.

Somos capazes de pensar sem estarmos com nossa alma presente, pois o que ficou na cama continua com o impulso de pensar. Ele continua pensando, e quando acordamos mergulhamos naquilo que ficou no leito e continuou a pensar. De manhã reencontramos nossos próprios pensamentos; estes não morreram entre o adormecer e o acordar — só que nós não estivemos presentes a sua elaboração. Amanhã descreverei como o homem, estando ausente, se torna mais sábio e mais inteligente do que quando a alma participa do pensar durante o estado de vigília. O que foi pensado durante a noite, quando não se está presente, e muitas vezes mais inteligente no homem do que aquilo que ele pensa entre o despertar e o adormecer, com a presença da alma.

O que eu queria deixar bem claro, hoje, é essa continuidade do pensar nos corpos físico e etérico — e que quando, ao acordar, temos a sensação de sonhar, esse sonho indica, de certa forma, que nossa alma se detém no momento de mergulhar nos corpos físico e etérico. A organização astral e a do eu mergulham, a cada manhã, nos corpos físico e etérico. Mas durante esse mergulhar acontece algo comparável ao encontro de

uma onda mais densa com outra, mais fina: verifica-se um bloqueio, e este é vivenciado como sonho matinal. O eu e o corpo astral, que durante a noite estiveram compartilhando da luz e do calor, imergem nos pensamentos, mas não os compreendem logo, causando um certo distúrbio; e este bloqueio é vivenciado como sonho matinal.

Na próxima conferência veremos outros aspectos do sonho, e também como o fato de se terem sonhos constitui um enigma em toda a existência humana, e ainda a relação entre adormecer e acordar.

22 de agosto de 1923

A vida dos sonhos

Entre os estados de vigília e de sono, tópico esboçado em minha última conferência, situa-se a vida dos sonhos. Esta pode ter pequena relevância para a realidade imediata do dia-a-dia, mas sua importância para um conhecimento mais profundo do Universo e do ser humano e extraordinária. Essa importância não se refere só a Ciência Espiritual, que procura realçar o significado do sonho como ponto de partida para o estudo de outros assuntos; decorre do fato de o sonho constituir, de certa forma, uma janela pela qual certos mundos, diversos daqueles que o homem vivência em estado de vigília, manifestar-se neste mundo corriqueiro. O aspecto enigmático das formações oníricas não somente chama a atenção para a possibilidade de existirem outros mundos situados abaixo ou acima do mundo que lhe é acessível, mas o faz especular sobre a natureza desses mundos.

De outro lado, e extremamente difícil penetrar em toda essa vida dos sonhos do ponto de vista da consciência superior, pois o sonho tem o poder de colocar o homem num mundo altamente ilusório. O sonho nos torna propensos a estabelecer um relacionamento errôneo entre a realidade em que vivemos e aquilo que se manifesta de forma ilusória na vida. O caminho que seguirei nesta explanação se baseará no que foi dito a respeito do sono, e também das sucessivas vidas terrestres.

Um exemplo que sempre volta a repetir-se, de uma ou outra forma, consiste no fato de produzirmos no sonho algo que nunca cogitaríamos ter feito em estado de vigília, estando completamente fora de qualquer possibilidade ter sido produzido antes. Então sonhamos não conseguir achar algo que confeccionamos, procurando como loucos esse objeto que acreditamos termos feito.

Examinemos esse exemplo mais concretamente. Com variações diversas, esse tema ocorre nos sonhos de qualquer pessoa. Digamos, concretamente, que um alfaiate tenha sonhado ter costurado uma casaca de cerimônia para um ministro, embora seja apenas um pequeno alfaiate para gente da pequena burguesia. Sente-se feliz em confeccionar a casaca cuja entrega está sendo esperada. Mas logo depois o sonho se transforma em crise: o alfaiate, que deve entregar a casaca ao ministro, procura-a por toda parte e não consegue encontrá-la.

Eis um sonho seguindo um rumo que o indivíduo nunca seguirá na vida real, embora possa ter a idéia e sobretudo o desejo de realizá-lo na vida terrestre normal. Ele não pode realizá-lo por ser apenas um pequeno alfaiate para gente humilde; ninguém iria encomendar-lhe uma casaca. Mas, às vezes, pode ter surgido em seus sonhos de vigília o desejo íntimo de produzir essa casaca de gala. Talvez ele nem tenha capacidade para fazê-lo, mas o desejo esteve presente em seus sonhos diurnos.

O que há no fundo de tudo isso? Há, de fato, uma realidade. Quando a pessoa adormecida está com seu eu e seu corpo astral fora dos corpos físico e etérico, vive naquela parte de

sua entidade que perpassa repetidas vidas na Terra, aquilo que atua intimamente em seu ser enquanto ela dorme e o seu eu e o corpo astral: aí podem surgir reminiscências não só da vida atualmente em curso, mas também de vidas passadas. O que lhes estou descrevendo não é apenas uma suposição hipotética, mas deriva de fatos reais. Pode ser que o alfaiate tenha participado uma vez — digamos, na antiga era romana, numa vida anterior — da encomenda de uma toga particularmente bela. Talvez não tivesse sido alfaiate, mas servo ou ate amigo de um estadista romano. Talvez tivesse tido, naquela encarnação, o desejo vivo de ver seu amo aparecer com grande dignidade, e o destino o tenha levado a escolher a profissão de alfaiate em conseqüência desse desejo. Ora, para a totalidade de nossas vidas, desejos e pensamentos são de extraordinária importância. Assim, a lembrança de tais vivências numa vida anterior pode permear, desta forma, a alma e o espírito — o corpo astral e o eu — da pessoa. Então pela manhã, quando o eu e o corpo astral voltam aos corpos físico e etérico, a alma que acaba de viver nessa reminiscência da bela toga romana volta as representações que o alfaiate pode ter no ambiente de sua vida terrestre e que residem em seu corpo etérico. Aí ocorre um encontro com a antiga vivência dos tempos romanos, a qual procura integrar-se no tipo de imagens que o alfaiate pode ter durante o dia. Porém de dia seu mundo de representações se limita a confecção de roupa para gente humilde. Ora, a alma que volta ao corpo só dificilmente pode harmonizar isso com o que sentiu lembrando a bela toga; não consegue combinar esse sentimento com a horrível roupa que o alfaiate tem de fazer. Aí o choque transforma a imagem da toga na atual casaca do ministro; e só mais tarde, tendo imergido completamente nos corpos físico e etérico, é que as representações elaboradas apagam o que ele vivenciou imediatamente antes do acordar.

A soma das nossas vidas anteriores está, pois, presente entre o adormecer e o despertar. Em nosso intimo temos de fazer o confronto entre a totalidade das vidas passadas e as experiências e pensamentos da existência presente, e o resultado desse confronto são as curiosas formações do sonho. Daí a dificuldade de se distinguir entre o conteúdo que o sonho oferece, e que pode ser uma imagem completamente fictícia, e a verdadeira realidade subjacente, que pode ser algo bem diverso. Para adquirirmos pouco a pouco a capacidade de orientar-nos nessa vida complexa dos sonhos, devemos estar cônscios de que as imagens ilusórias projetadas na alma merecem atenção menor, pois são formadas, no fundo, pelo corpo etérico abandonado na cama e portador dos nossos pensamentos e representações mentais. Estas não se acham, durante o sono, no autêntico âmago de nosso ser. Devemos diferenciar o conteúdo das representações de algo distinto, que eu chamaria de decurso dramático do sonho. Devemos habituar-nos a prestar atenção a este enredo dramático e perguntar se o sonho, sendo seus fatos realmente vividos, nos causaria uma imensa alegria: tivemos no sonho esta sensação de alegria, de libertação, ou sentimo-nos arrastados para uma catástrofe? Estamos indo, no sonho, de uma certa exposição de fatos a uma complicação seguida de uma queda ou catástrofe? São estas perguntas que deveriam merecer nossa atenção quando analisamos o sonho; não é o conteúdo conceitual que prevalece, mas a seqüência dramática.

Alguém sonha que sobe um morro; a subida se torna sempre mais difícil e penosa. Finalmente a pessoa chega a um ponto onde não pode continuar, onde esbarra em obstáculos insuperáveis. Sente-os como algo que penetra significativamente em sua vida. Bem, esse sonho poderia ser ainda mais rico em pormenores. Mas a mesma pessoa, ou outra, poderia ter um outro sonho: ela penetra numa caverna que conduz a uma gruta dentro de uma montanha. Logo depois de entrar, ainda reina certa claridade. À medida que avança, fica sempre mais escuro. Por fim ela chega a um ponto onde não só reina a mais completa escuridão, mas onde ela sente um terrível efeito de frio ou coisa

semelhante, de modo que lhe e absolutamente impossível continuar em sua caminhada subterrânea.

Vejam os Senhores: temos aí dois sonhos de conteúdos diferentes; ambos se apresentam, em seu enredo dramático, como um empreendimento que começa normalmente, mas depois encontra dificuldades ate chegar a um obstáculo intransponível. As imagens são diferentes, o enredo dramático e o mesmo. Ambos os sonhos podem basear-se no mesmo acontecimento no mundo supra-sensível, situado, de certo modo, atrás do palco da vida. Nos dois sonhos a vivência psíquica pode ter sido a mesma, embora se tivesse exteriorizado nas imagens mais diversas.

Com isso quero chamar sua atenção para que não se baseiem, como ocorre tão freqüentemente, no conteúdo dos sonhos, mas procurem informar-se, pelo exame de seu decurso, sobre o que a alma e o espírito do sonhador possam ter vivido. Se completarmos nossa imaginação pelos exercícios descritos nos últimos dias, conseguiremos pouco a pouco separar as imagens ilusórias do sonho e captar, pela dinâmica da trama, qual e o autêntico fundamento supra-sensível do sonho, tal como foi vivenciado entre o adormecer e o despertar.

Antes de falar sobre alguns detalhes do sonho e de suas relações com o corpo físico e o aspecto espiritual do homem, vou caracterizar de que forma o homem esta situado, por meio do sonho, no Universo todo. Vemos facilmente o sonho aparentar uma correlação, entre as ocorrências particulares da vida, totalmente diversa daquela que experimentamos no estado de vigília. Como já vimos pelos exemplos citados, a vida diurna apresenta as coisas num determinado relacionamento, de acordo com as leis do mundo físico em que nos encontramos. O posterior tem sempre de vir depois do anterior. Ora, o sonho nos mostra, em plena dissolução, os acontecimentos que poderiam realizar-se no mundo físico. Tudo se modifica, tudo se desintegra. Até o homem — preso, como ser físico, ao solo pela gravidade — é capaz de voar, praticando, no sonho, vôos artísticos sem avião. Ao quebrarmos a cabeça, por exemplo, num problema de matemática, no sonho temos a impressão de haver facilmente encontrado uma solução. É verdade que possivelmente não lembramos a solução quando acordados — o que pode ser uma desgraça bem pessoal —, mas de qualquer modo temos a impressão de não existirem mais os obstáculos, os impedimentos mentais que enfrentamos no estado de vigília. Tudo o que de dia tem uma estrutura definida dissolve-se no sonho. Se quiséssemos estabelecer uma analogia com o que se passa, segundo nossa impressão, durante o sonho, diríamos o seguinte: — Adicionemos um pouco de sal cristalizado a um copo d'água. Suponhamos que antes de ser lançado na água o sal tivesse as formas bem definidas. Vemos então esses contornos desfazer-se, assumindo formas mais fantásticas, ate que todo o sal esteja dissolvido num líquido mais ou menos homogêneo.

Algo semelhante ocorre no sonho com as representações e outras vivências psíquicas. Tanto o sonho do adormecer como o do acordar isolam as experiências normais do dia, dissolvendo-as e dando-lhes formas e sentidos os mais fantásticos — chamamo-los de fantásticos segundo os critérios da consciência comum. A dissolução de qualquer sal num líquido é, pois, uma boa imagem daquilo que acontece, do ponto de vista psíquico e mental, no sonho.

Se estivermos bem enfronhados no atual mundo dos conceitos, não será fácil conseguirmos compreender essa situação, porque a humanidade de hoje, mormente quando se denomina científica, sabe bem pouco sobre certos assuntos.

Não digo essas coisas para falar mal da ciência. Tal não é minha intenção, pois tenho-a em alto apreço e não gostaria de ver a inexperiência e o diletantismo tomar o

lugar da atividade científica. Do ponto de vista da Ciência Espiritual, temos de reconhecer os grandes progressos, mas também os limites da verdade e da certeza do cientificismo atual. Sendo tudo isto reconhecido, cabe, não obstante, dizermos o seguinte:

Quando querem saber algo, os homens de hoje se apegam a fatos e processos terrestres; observam-nos e inferem das observações, a existência de leis naturais; fazem experiências para descobrir os segredos da natureza e deixam que os resultados verificados lhes revelem, por sua vez, suas leis. Consegue-se, dessa maneira, um determinado tipo de leis as quais se chama ciência. Depois olha-se para as amplidões do céu, vendo-se, digamos, as maravilhosas nebulosas espirais e observando como determinados corpos celestes nascem nelas, ou coisa semelhante. Esses fenômenos são até fotografados, pois essa técnica mostra ainda muito maiores detalhes do que a observação através do telescópio. O que vem, então, a ser feito para se obterem conhecimentos acerca do que acontece nessas amplidões celestes? Simplesmente se aplica as leis da natureza terrestre o que foi deduzido a partir da Terra ou captado por meio de experiências, e em seguida especula-se de que maneira uma tal nebulosa espiral pode ter nascido no espaço, de acordo com as mesmas leis. Elaboram-se teorias e hipóteses sobre a gênese e o fim do mundo, a fim de se aplicar na esfera celeste, transformando em leis da natureza, aquilo que se descobriu no laboratório a respeito do oxigênio, do hidrogênio, do manganês e outras substancias terrestres. E quando se descobre nesse processo alguma substância nova, certas alusões inconscientes revelam que se penetra num ambiente científico bastante duvidoso. Foram encontrados no espaço o hidrogênio e o hélio, mas também uma outra substancia a qual se deu um nome curioso, bastante revelador da confusão do raciocínio que começa a reinar. Com efeito, ela foi chamada de 'nebulium': o pensar se torna tão nebuloso que o nebulium vem juntar-se ao hélio e ao hidrogênio.[3] Os cientistas extrapolam as leis descobertas no laboratório terrestre e especulam sobre o que poderia ocorrer lá fora no espaço cósmico, tal como o fez, por exemplo, o pensador sueco Arrhenius, que tem causado a esse respeito um grande mal. Procedendo dessa forma, incorrem em erro sobre erro quando não são capazes de, sem preconceitos, levar em conta o seguinte: — Partirei novamente de uma comparação. Os Senhores sabem que o físico e filosofo inglês Newton estabeleceu a chamada teoria da gravitação, relativa as forças da gravidade que atuam no espaço universal. Ele extrapolou a lei da gravitação, verificável na pedra que cai sob o efeito da atração da Terra, para as relações mútuas entre todos os corpos celestes. Chegou a afirmar que a força da gravitação diminui de acordo com a distância.

Lembro aos físicos porventura presentes nesta sala que, segundo essa lei, a gravidade diminui proporcionalmente ao quadrado da distância: se a distância for o dobro, a atração diminui para um quarto; se for o triplo, para a nona parte. Em outras palavras, o aumento da distância diminui a gravidade.

Está muito certo que se elabore uma lei para essa força. Mas essa lei não pode ser pensada de forma bastante universal se nos limitamos à existência meramente física. Os cientistas pensam que a força gravitacional de um corpo celeste diminui de acordo com a distância: primeiro é intensa, depois mais fraca e cada vez mais fraca.

O mesmo acontece com a propagação da luz. A luz que irradia de uma fonte determinada torna-se sempre mais fraca.

Tudo isso o homem moderno discerne com sua ciência. Contudo não lhe ocorre discernir o seguinte: — Se ele estabelece leis da natureza aqui na Terra, em seu laboratório, e lhes dá forma de idéias, a veracidade dessas leis, seu próprio conteúdo,

[3] Referenda a obra de Svante Arrhenius *Das Werden der Welten* [A origem dos mundos] (Leipzig, 1908), p. 176, onde se fala do *nebulium*. (N.E. orig.)

também diminui à medida que a distância da Terra aumenta. Se elaboramos na Terra uma lei para a combinação de elementos como o hidrogênio, o oxigênio ou quaisquer outros, se estatuímos na Terra a lei da gravitação, a validade do conteúdo dessas leis também diminui à proporção que nos afastamos da Terra. Se transporto uma lei elaborada em meu laboratório para uma nebulosa no longínquo espaço cósmico, nada faço diferente do que ao acreditar que uma vela acesa aqui e levada, por hipótese, para a nebulosa, emitiria um brilho de intensidade igual àquela que possui aqui. Cometo o mesmo erro ao assumir que as constatações feitas em meu laboratório têm algum valor lá fora, no espaço. Vemos, pois, um erro fundamental surgir pela extrapolação, às amplidões do espaço celeste, de leis corretamente elaboradas num laboratório da Terra.

Ora, o homem não está excluído da regularidade que começa a predominar quando leis terrestres como a da gravitação ou da intensidade da luz deixam de vigorar. Se quiséssemos encontrar no espaço uma regularidade diferente das nossas leis da natureza, deveríamos afastar-nos da Terra. Se quiséssemos encontrá-la de uma forma mais interiorizada e humana, teríamos de passar da vigília ao sono. Em estado de vigília, estamos sujeitos às nossas leis da natureza e sempre agimos de acordo com elas. Resolvemos mover nossa mão ou nosso braço: os processos químico-físicos que se passam nos músculos, os processos mecânicos que se realizam na estrutura óssea, tudo isso obedece às leis que pesquisamos, aqui na Terra, em nosso laboratório ou por observação. Nossa alma, ao sair durante o sono dos corpos físico e etérico, penetra num mundo que não está sujeito às leis da natureza. Por isso o sonho passa a zombar delas. Entramos num mundo onde vivemos dormindo, assim como vivemos no mundo sensorial por intermédio de nosso corpo físico quando estamos acordados. Porém aquele outro mundo tem leis diferentes das leis de nossa natureza. A cada noite, quando saímos dos corpos físico e etérico, mergulhamos num mundo em que nossas leis da natureza não têm mais validade. E o sonho é aquele poder que se contrapõe intensivamente às leis naturais.

O sonho mostra-me que o mundo onde ora me encontro protesta contra as leis da natureza às quais não quer submeter-se. No momento de adormecer, começando a desprender-me de meus corpos físico e etérico, ainda estou meio dentro do âmbito das leis da natureza, embora já esteja entrando no mundo não-sujeito à sua ação. Aí a confusão de leis naturais e supra-sensíveis projeta-se no sonho. O mesmo acontece durante o acordar.

É lícito dizermos que a cada vez que adormecemos mergulhamos num mundo não-sujeito às nossas leis naturais, e que a cada despertar emergimos daquele mundo para o nosso, onde essas leis são vigentes. Podemos comparar o mundo dos sonhos a um mar dentro do qual vivemos. Pela manhã, ao despertar, emergimos das ondas. Enquanto passamos do âmbito das leis supra-sensíveis para o reino das leis sensíveis e intelectuais, tudo o que vemos com linhas e contornos bem marcados parece emergir de um elemento fluido e fugaz. Suponhamos que vemos uma janela; enquanto ainda a vemos em sonho, ela parece nascer a partir de algo indefinido e vago que pode até parecer-nos envolto em chamas; depois a janela começa a destacar-se nitidamente. Se nosso sonho foi bem intenso, todo o mundo bem definido da nossa consciência diurna nos dará a impressão de emergir de um ambiente vago, como ondas que se elevam sobre o mar e adquirem, em seguida, as feições do mundo diurno.

Estamos aqui num daqueles pontos em que, investigando esses fatos como homens modernos que somos, voltamos àquela admiração repleta de respeito que se pode sentir diante das imaginações oníricas de uma humanidade primitiva, das quais temos falado aqui. Eu disse que, ao remontarmos mentalmente ao que essa humanidade anterior vivenciava também em sua vida acordada sob forma de imaginações, ao que foi vazado em

mitos, lendas e sagas de deuses e que parece tão vago e fluente em comparação com o que captamos hoje com a ciência — ao remontamos a tudo isso com a ajuda do que se pode redescobrir autonomamente e sem depender dessas antigas imaginações oníricas, somos tomados por um sentimento de admiração e de respeito diante daquilo que outrora viveu nas almas dos homens. E da antiga Grécia nos chega uma palavra que confirma a verdade descoberta por nossas perguntas recentes; essa palavra nos prova que os gregos ainda sabiam um pouco desse assunto quando imaginavam existir algo que fosse como que o fundamento de toda a formação universal, a base de todas as figuras definidas — algo que, porém, só poderia ser atingido pelo abandono do mundo sensório e a transição para o estado de sono, de sonho. A isso os gregos chamaram Caos. Daí a impossibilidade, para o homem moderno, de chegar a compreender a essência desse Caos através de especulações e pesquisas conceituais; pois o homem moderno só pode aproximar-se da noção do Caos quando passa a sonhar. Até a Idade Média havia um resto de conhecimento de que uma substância supra-sensível, a qual dificilmente poderia ser chamada de matéria, seria o fundamento de todas as substâncias exteriores: falava-se da chamada Quintessência, da *Quinta Essentia* que existiria ao lado dos outros quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo.

Algo dessa velha sabedoria penetra nas visões medievais, quando o poeta diz, de forma imaginativa: "O mundo é tecido de sonhos." O antigo grego teria dito: "O mundo é tecido daquilo que vivências como Caos quando te desprendes do sensório para penetrar naquele mundo que experimentas liberto de teu corpo." Vemos, pois, que para compreendermos o Caos dos gregos devemos apontar para aquilo que não está no mundo sensível, mas no supra-sensível.

Tendo observado os fenômenos do adormecer, sonhar, dormir e despertar daquele ponto de vista resultante quando, por meio da imaginação, da inspiração e da intuição, ascendemos aos mundos supra-sensíveis, chegamos à seguinte conclusão: — Ao dormir, o homem passa do estado comum de vigília à vida de sono, da qual os sonhos podem surgir de forma caótica e indefinida, mas também digna de respeito, apresentando uma unidade interior. Resta no leito a dualidade formada pelo corpo físico e o corpo etérico, sendo que este permeia aquele como elemento vivificador, plasmador e causador do crescimento.

Mas também uma dualidade se desprende e penetra, entre o adormecer e o acordar, naquela existência supra-sensível que procurei analisar tomando como ponto de partida a vivência do sonho. Essa dualidade apresenta-se da seguinte forma ao conhecimento superior da imaginação, da inspiração e da intuição: — Nós possuímos o corpo astral, que pertence a cada pessoa quando se desliga dos corpos físicos e etérico. Como eu já disse, não estranhemos a terminologia usada; temos de usar palavras, e poderíamos usar outra em lugar de 'corpo astral'. Apontarei logo algumas de suas características, e veremos que não importam os nomes, mas as idéias correlacionadas — o corpo astral é uma soma de processos. Acontece algo, no homem, que se desprende de seus corpos físico e etérico. Esse acontecimento, esses processos, representam justamente o corpo astral. No corpo etérico deixamos para trás as representações, os pensamentos. Dentro do corpo astral achamos luz espiritualizada e o calor cósmico permeado pelo impulso do amor. Tudo isso está no corpo astral, e pode manifestar-se como tecido de sonhos tanto no momento do acordar, quando ele sofre como que uma 'compressão', ao penetrar no corpo etérico, quanto no momento de abandonar os corpos físico e etérico. É o corpo astral que nos leva para fora de ambos.

Ora, o corpo astral é aquela entidade em nós que, conforme já dito, faz verdadeira oposição às leis da natureza. Da manhã à noite, do despertar ao adormecer estamos presos dentro dessa maranha de leis, cujos aspectos de espacialidade e de temporalidade

também podemos captar por meio da matemática. Ao adormecer, evadimo-nos desse tecido de leis da natureza, como também das leis da matemática. Despimo-nos da matemática, pois nosso corpo astral não contém a matemática morta e abstrata do espaço tridimensional, mas uma matemática homogênea e, eu diria, viva, espiritualmente viva que decorre em apenas uma dimensão, aquela da linha reta. Ainda falarei sobre essa dimensionalidade. É o corpo astral que nos liberta das amarras das leis da natureza existentes entre o despertar e o adormecer. Ele nos transporta a um mundo todo diferente, supra-sensível.

Se quiséssemos desenhar esse processo um pouco esquematicamente, teríamos de dizer o seguinte: enquanto estamos acordados, vivemos no mundo das leis da natureza; mas saímos dele, ao adormecer, com nosso corpo astral, que também estava dentro do corpo físico e, portanto, inteiramente sujeito, com todos os seus movimentos e processos, às leis da natureza.

Ao sair dos corpos físico e etérico, o corpo astral se entrosa no mundo supra-sensível, submetendo-se a uma regularidade diferente, própria desse âmbito. Torna-se completamente diferente. Do despertar ao adormecer, ele vestia, de certa forma, a camisa-de-força das leis da natureza. Ao adormecer, quando abandona os corpos físico e etérico, ele passa a mover-se no mundo de uma regularidade livre, que lhe é apropriada. E o mundo ao qual ele nos leva permite o livre movimento do eu, aquela organização para o eu que está dentro do corpo astral e com ele saiu dos corpos físico e etérico; o eu torna-se livre no mundo ao qual o corpo astral o carregou. Toda noite o eu vive livremente num mundo não-sujeito às leis da natureza, onde pode agir sem sua coação.

Quando, depois do adormecer, estamos livres das leis da natureza graças ao corpo astral — quando não se aplicam, no mundo em que ora estamos, a gravitação, a lei da energia e todo o resto —, o caminho está livre para aqueles impulsos éticos que, na Terra, só podem realizar-se sob a ação constrangedora da ordem sensorial. Entre o adormecer e o acordar, o eu vive num plano onde a lei moral tem tanta força e poder quanto os têm, aqui, as leis da natureza. Nesse mundo o eu pode preparar algo: aí, liberto das leis da natureza, pode preparar o que deverá executar mais tarde quando tiver transposto o limiar da morte. Nas próximas conferências falarei sobre o caminho entre a morte e o novo nascimento.

O eu pode preparar entre o adormecer e o despertar, sob forma de imagens, aquilo que mais tarde deverá produzir na realidade do espírito; são imagens, imaginações que não consistem em representações mentais, mas em impulsos dinâmicos. Quando o eu tiver transposto o limiar da morte, as leis morais serão tais como o são as leis da natureza do mundo físico e sensível. O eu prepara, embora sob forma de um pequeno germe espiritual, aquilo que deve realizar mais tarde, depois da morte, no universo espiritual. Nas imagens elaboradas pelo eu no estado de sono já está esboçado o que levaremos para a próxima vida terrestre, mas não em virtude das leis da natureza, e sim graças ao mundo espiritual. A causalidade daquilo que acolhemos em nós como indivíduos dotados de moralidade, os impulsos éticos, só podem segui-los submetendo-nos a eles numa atitude de obediência interior. Tal como o eu os prepara no estado de sono e os elabora entre a morte e o novo nascimento, esses impulsos éticos adquirem a mesma força que normalmente têm aqui as leis da natureza; incorporam-se à nossa próxima corporalidade, aquela que vestiremos na vida terrena seguinte sob forma de predisposição moral e natural como temperamento, como índole. É errôneo atribuir essas qualidades apenas à hereditariedade, pois o eu já começa a trabalhar em sua elaboração: no estado de sono, quando liberto pelo corpo astral, ele vive entre o adormecer e o acordar num mundo que não é natural, mas

espiritual. Vemos, portanto, o homem preparar seu futuro por meio do estado de sono, integrando-se em seu próprio porvir.

E o que nos é mostrado pelo sonho? O eu está ativo durante o sono, mas o sonho nos mostra essa atividade em imagens ilusórias. Ainda não nos é possível captar o que se trama para a próxima vida terrestre. Conforme expliquei no começo desta palestra, o sonho não nos mostra em suas imagens, e de forma confusa, apenas aquilo que vivenciamos em existências anteriores, mas também o que se prepara, qual um germe, para o futuro da humanidade.

A interpretação correta nos leva, de fato, a reconhecer no sonho como que uma janela aberta para o mundo supra-sensível. Cabe-nos olhar por ela de maneira acertada — pois além da janela está o tecido resultante da atividade do eu, que atua de vidas passadas até vidas futuras. Quando conseguimos interpretar o sonho corretamente, como homens terrestres olhamos, do mundo da efemeridade, através da janela do sonho, para o mundo da duração, da perenidade, ao qual pertencemos com nossa verdadeira entidade humana interior.

Sobre isso quero continuar a falar amanhã.

23 de agosto de 1923

As relações do homem com os três mundos

Conquanto não possua demasiada importância na vida comum, o sonho assume, porém, relevância inestimável como meio para se conhecerem as relações entre o homem e o mundo supra-sensível. Ele nos conduz inicialmente àquela área de vivências onde o homem, ao abordar o mundo espiritual, percebe que as leis da natureza deixam de vigorar. O mundo das imagens oníricas é como um véu que esconde o mundo espiritual. Para o homem, este se estende por detrás do véu. Ora, há uma grande diferença entre penetrar nele inconscientemente, em estado de sonho, ou fazê-lo conscientemente, por meio da imaginação e da inspiração. Neste último caso, tudo tem um aspecto diferente do mundo físico, natural. Por trás do véu do sonho, daquela região que os gregos chamaram de Caos, o mundo ético-moral se revela tão real como o é aqui o mundo sensorial dominado pelas leis da natureza. Mas o próprio turbilhão do sonho e seu caráter caótico nos indicam que o mundo situado além do véu do Caos deve possuir muitos aspectos particulares.

De fato, só podemos falar desse mundo após havermos chegado até esta altura de nossas considerações. O mundo exterior, percebido pela consciência do homem, é apenas uma manifestação exterior, uma grande ilusão — pois além deste mundo estende-se a realidade espiritual que nele atua. Ao sonhar, o homem mergulha nessa realidade espiritual, mas tem de estar convenientemente preparado. Daí o fato de tudo o que vem ao seu encontro parecer-lhe caótico e confuso. Cabe-nos procurar discernir por que o homem entra, pelo sonho, num mundo tão desordenado e caótico em comparação com o mundo natural.

Para termos uma melhor compreensão do sonho, terei de descrever-lhes o que a imaginação e a inspiração permitem perceber no mundo espiritual.

O que mais se evidencia ao penetrarmos com plena consciência no mundo espiritual, por meio da imaginação e da inspiração, é que este se manifesta como uma tríade. Como eu já disse, só nesta altura de nossas considerações me é possível dizer que o mundo exterior manifesto sensorialmente, mas sendo na realidade espiritual, aparece ao homem como uma trindade, e mesmo como três mundos. No momento em que transpassamos o

véu que é o Caos, achamo-nos não diante de um, mas de três mundos. Cada um deles tem suas características definidas e suas relações específicas com o homem.

Dos três mundos que nos aparecem quando atravessamos o véu do Caos — mais tarde mostrarei como podemos também dizer que, desta forma, transpomos o limiar de acesso ao plano espiritual —, o primeiro é aquele que acabamos de deixar, embora também exista para a consciência espiritual, mostrando-se transformado. Transposto o véu, ele nos parece como que uma reminiscência. Passamos ao mundo espiritual, e assim como temos lembranças aqui no mundo físico, no mundo espiritual nos lembramos daquilo que é físico-sensório. Este é, portanto, o primeiro dos três mundos.

O segundo é aquele que chamei, em meu livro *Teosofia* [4], de mundo anímico ou mundo das almas.

O terceiro mundo, o mais elevado que nos aparece, é o verdadeiro mundo espiritual. É o mundo do espírito. Por enquanto explicarei o assunto apenas esquematicamente; porém as relações que existem entre esses três mundos e o homem esclarecerão muita coisa sobre eles.[5] Eis os três mundos elevando-se um sobre o outro, formando como que três andares, com os quais relacionarei o homem: primeiro a cabeça; depois a organização torácica — tudo o que abrange ritmo: a respiração, a circulação do sangue —; e, em terceiro lugar, os sistema metabólico-motor, isto é, tudo o que abrange o metabolismo: o fato de o homem se alimentar, digerir, espalhar as substâncias digeridas pelo corpo e, dessa forma, produzir os movimentos. Trata-se, pois, do organismo metabólico-motor. É propositalmente que desenho para o tórax um círculo fechado, para a cabeça um círculo aberto e também para o sistema dos membros um círculo não-fechado. Faço-o de propósito, embora a cabeça pareça, à observação sensorial, bem fechada em cima. Ela não o é, porém, para a observação espiritual: neste caso está aberta na parte de cima — pois o que, do homem, não pertence à região espiritual é a massa dos ossos. Os ossos são inteiramente de natureza física, e não pertencem ao mundo do espírito. Quando observamos espiritualmente uma cabeça humana, esta grossa calota craniana [desenhada em branco] não existe para a observação espiritual. Só a pele que cobre o crânio ainda é algo visível à observação espiritual [vermelho]. Em cima, temos ainda os cabelos.

Mas o olhar espiritual percebe outra coisa. Aquilo que desenhei em branco lhe é inexistente; em compensação, existem 'cabelos espirituais', isto é, raios [amarelos] que penetram no homem, sendo apenas um pouco impedidos, detidos pela pele física. Porém onde há ossos o espírito exterior penetra com a maior facilidade; essa penetração é radial. O olhar físico percebe a forma física do homem; na cabeça, se o indivíduo ainda não é calvo, vemos os cabelos; mas com a observação espiritual, nada vemos do homem físico no lugar da abóbada craniana: em compensação, vemos penetrar aí os mundos espirituais, qual luz solar radiante. Há portanto, duas figuras que se interpenetram: aqui está o homem físico [no desenho: cabeça cheia, pintada em vermelho], e lá o homem como ser espiritual — nada, mas com muitos raios convergentes [no desenho: cabeça vazia, raios azuis que convergem, vindos de fora, até o centro].

Por esse motivo, não desenhei a cabeça como um círculo fechado, mas aberto em cima: o espiritual pode penetrar na cabeça humana devido à existência da abóbada óssea periférica.

Nada, no homem, existe sem finalidade. A Providência Cósmica lhe deu — eu diria: com grande sagacidade — essa cabeça fechada em cima. É que aí a parte mais permeável ao espírito, a massa óssea, deixa o espiritual entrar no interior da cabeça.

---

[4] Edição brasileira em trad. de Daniel Brilhante de Brito (4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1994). (N.E.)

[5] O conferencista faz, nesse momento, um desenho na lousa. (N.E. orig.)

Quando temos a capacidade de observar espiritualmente o homem, sentimos a maior surpresa ao constatar que sua cabeça é vazia, no que se refere à sua própria espiritualidade interior. Com efeito, o próprio interior do homem fornece muito pouco à cabeça. No que se refere à sua própria espiritualidade, o homem carrega, lá em cima, uma esfera oca. Todo conteúdo espiritual deve chegar à cabeça a partir de fora.

Tal não é o caso dos outros membros do organismo humano. Como ouviremos a seguir, esses são espirituais por si próprios. Por isso distinguimos também no homem três membros: a cabeça, o sistema rítmico e o sistema metabólico-motor. Cada um deles está numa relação bem definida com os três mundos.

Sobre essa relação falarei mais adiante.

Ao partir dessa característica da 'trimembração' do homem e da 'trimembração' do mundo para chegar às relações entre ambos, convém fazermos, em cada um dos três mundos, distinção entre a substancialidade e a atividade. Distinguirei, portanto, entre o substancial e a atividade nos mundos espiritual, anímico e físico-material. Na realidade, substância e atividade formam uma unidade; mas atuam sobre o mundo de maneira diversa. Vejamos, para melhor esclarecer o assunto, a substancialidade do nosso próprio ser.

Temos a substância do nosso braço. Se ela não está em ordem, sentimos no braço qualquer dor. Então aquilo que não está em ordem com a substância manifesta-se para dentro. Se a atividade do braço não está em ordem, talvez demos um soco num indivíduo próximo de nós. Quem sofre a dor é o outro. Aí é a atividade que não está em ordem. A atividade e a substância formam no braço uma unidade, embora se manifestem de maneira diferente.

Assim, devemos distinguir, em cada um dos três membros, algo substancial e uma atividade. Em meu desenho vou fazer a distinção, pintando o substancial em vermelho e a atividade em amarelo. Temos pois, no mundo espiritual, atividade [amarelo] e substância [vermelho]; no mundo anímico e no mundo físico-sensório, igualmente, atividade [amarelo] e substância [vermelho].

Considerando-se a cabeça humana, quanto à substância esta é formada inteiramente pelo mundo físico. Durante o desenvolvimento embrionário, a substância da cabeça é tomada à substância proveniente dos pais; e a formação posterior da cabeça, bem como de todo o sistema neuro-sensorial, baseia-se na substância deste mundo terrestre e material. Repito, portanto: a cabeça é constituída pela substância do mundo físico-sensorial. Mas toda a atividade que *plasma* as formas da cabeça, tudo o que dá ativamente uma *forma* àquela substância, tudo isso provém inteiramente do mundo espiritual. De forma que a cabeça, no que se refere à atividade, é formada exclusivamente a partir do mundo espiritual. Por isso deve estar aberta em cima — de um ponto de vista espiritual — para que a atuação espiritual possa penetrar nela.

Podemos, portanto, afirmar o seguinte em cada momento de nossa vida: temos na cabeça algo que, no que se refere à substância, à matéria, é extraído inteiramente da Terra, mas sua configuração é tal que forças terrestres nunca teriam sido capazes de plasmar as formas dessa cabeça humana. Essas formas plasmadas exclusivamente a partir do mundo espiritual são, por assim dizer, uma criação celeste. É muito importante que o observador espiritual considere a cabeça humana em relação ao Cosmo. Se o homem observa uma planta, constata nela uma determinada forma. A planta tirou sua substância da terra. A forma vem do mundo etérico, e portanto ainda do mundo espacial. Contemplando o animal, o homem também constata que a substância de sua cabeça provém inteiramente do mundo espacial. Mas em sua atividade já encontramos algo de espiritual. A suprema espiritualidade, porém, algo que pode ser chamado de celeste, só

entra na formação da cabeça humana. Esta nunca poderia nascer de quaisquer forças terrestres, não obstante sua substância tenha sido retirada de matéria terrestre. Vemos, pois, que o mundo espiritual, usando substâncias terrestres, cria na cabeça humana uma formação que é como um cosmo em miniatura.

É o oposto o que se verifica no sistema do homem metabólico-motor, ou seja, aquele que contém os órgãos para o movimento exterior — pernas, braços e tudo o que, a partir destes, se prolonga para dentro, ou seja, os órgãos da digestão.

Deixo de lado, por enquanto, a organização rítmica — a da respiração e da circulação sangüínea —, considerando apenas o que digere e alimenta, e o resultado desses processos da digestão, da alimentação, da combustão interna, isto é, os movimentos. Nada disso é construído, quanto à substância, pela Terra. Por inverossímil que inicialmente lhes pareça, o homem contém em seu sistema metabólico e motor algo que, quanto à substância, não é constituído a partir da Terra, mas inteiramente da substancialidade do terceiro mundo, aquela substância que existe no mundo espiritual. Os Amigos dirão: "Mas eu estou vendo as pernas, pois elas são visíveis, física e sensorialmente. Se consistissem em substância *espiritual*, não seriam visíveis fisicamente." Eis uma objeção perfeitamente justificada; mas aí devemos ainda levar em conta o seguinte: — Suas verdadeiras pernas são espirituais, seus braços também, e a substância só é enviada aos membros pela cabeça. Ela é o órgão que preenche, com sua matéria, braços e mãos, pernas e pés espirituais. A matéria penetra o espiritual dos membros e dos órgãos da digestão, de modo que aquilo que provém, quanto à substância, do mundo espiritual é permeado, preenchido por uma matéria física; esta, no entanto, parte da cabeça. É por isso que temos tanta dificuldade para compreender, pela ciência comum, a tríplice composição do homem em órgãos da cabeça, do tórax e em órgãos digestivos e motores. Todo o mundo pensa: a cabeça está lá em cima, onde um decapitado não a tem mais. Contudo não é verdade: a cabeça, quanto à sua substância, está em todo o corpo; também no dedão do pé o homem é cabeça, porque sua cabeça envia a substância para lá. Porém originalmente só a substância da cabeça era terrestre, sendo que esta cedeu a substancialidade terrestre às demais substâncias; a substância própria dos órgãos metabólico-motores provém do mundo espiritual.

Supondo que uma forte auto-sugestão negativa permitisse apagar, por sugestão, a cabeça de uma pessoa, tornando-a acéfala — não somente em pensamentos, mas por força de uma grande auto-sugestão negativa —, também o resto do organismo desapareceria; o homem inteiro, como ser perceptível aos sentidos, teria sumido junto, ao mesmo tempo que a cabeça. Aí o resto deve ser observado anímica e espiritualmente para que ainda possa ser percebido, porque somos, na realidade, determinados pelo mundo espiritual a movimentar-nos com pernas e braços espirituais; estes são apenas como que recheados, com matéria física, pela cabeça.

Em compensação, as energias que constituem a atividade de tudo o que é sistema metabólico-motor são extraídas do mundo físico. Quando avançamos uma perna ou movimentamos o braço com forças que seguem uma ordem mecânica, essa ordem se baseia numa atividade terrestre. Isso é válido inclusive para os processos químicos que se realizam nos braços e nas pernas quando nos movemos, ou para os processos químicos dentro do aparelho digestivo. Em tese temos, pois, em nossos membros uma substância invisível, porém forças retiradas da vida terrestre. Em relação à cabeça, a Terra nos constrói quanto à substância, enquanto as forças que nos permeiam são celestes. Em relação aos membros somos construídos com uma substância que provém do céu, mas as forças que nela se manifestam durante a vida provêm da Terra: são a gravitação e as outras forças físicas e químicas terrestres.

Cabeça e membros são, portanto, opostos entre si. A cabeça consiste em substância terrestre e é plasmada, em suas formas, pela atividade celeste. Os membros e o aparelho digestivo são inteiramente formados com substância celeste. Nós não os perceberíamos se eles não fossem permeados, a partir da cabeça, por matéria terrestre. Mas enquanto o homem anda, pega algo com as mãos ou digere, a substância celeste se serve das forças da Terra para realizar a vida entre o nascimento e a morte.

É dessa forma complicada que o homem está relacionado com os três mundos. O mundo espiritual participa, quanto à atividade, da cabeça; quanto à substância, do sistema metabólico-motor. O mundo mais baixo, o mais sensorial, participa, quanto à atividade, do metabolismo e do movimento dos membros e, quanto à substância, da cabeça; o elemento substancial do terceiro sistema humano é exclusivamente espiritual.

No sistema do meio, que compreende a respiração e a circulação do sangue, vemos combinar-se a atividade espiritual e a substancialidade material. Mas a atividade espiritual, que flui através dos movimentos respiratórios e cardíacos, é por sua vez acompanhada de um pouco de substancialidade. Da mesma forma, a substancialidade do ser terrestre, que penetra na respiração por intermédio do oxigênio, é acompanhada em pequena escala por atividade terrestre. Na parte mediana do homem, em seu segundo sistema, tudo se junta. Aí convergem substancialidade e atividade celestes, substancialidade e atividade terrestres. Por isso o homem pode receber, nesse sistema, também a atividade e a substancialidade do mundo do meio.

Muitos elementos vêm, portanto, juntar-se na parte mediana do homem. Disso resulta o sistema rítmico maravilhosamente perfeito — o ritmo do coração, o ritmo dos pulmões; com efeito, tudo o que de atividade e substancialidade se mistura aí tende a equilibrar-se, a harmonizar-se, a 'melodiar-se'; e o consegue porque o homem está predisposto a isso.

Portanto, atividade e substancialidade têm origens diversas nos sistemas da cabeça e dos membros; no sistema do meio temos atividade pura e substancialidade pura, atividade acompanhada de substancialidade e substancialidade acompanhada de atividade. Tudo isso flui para o homem do meio. Quando o médico toma o pulso de uma pessoa, sente intimamente a harmonização da alma celeste com a atividade e a substancialidade terrestres; e ao se observar o ritmo respiratório, sente-se o anseio do homem por harmonizar em seu interior esses agentes que com ele se relacionam a partir do mundo do meio. Eis, pois, a relação do homem com os três mundos.

Os Senhores me dirão que o assunto é complicado. Realmente, um ciclo de conferências parece, em geral, fácil até que se chegue a este assunto; ao se abordar este tópico da relação entre o homem e o Universo, os ouvintes acham difícil compreender a exposição.

Vejam, porém: um pensar sutil e livre de preconceitos consegue acompanhar, e para esse pensamento do bom senso há uma consolação, que consiste no seguinte: realmente, as coisas se prestam à confusão quando se vai além do véu do Caos, quando se entra nesse mundo tríplice que envia sua atividade e substância de forma tão complexa ao mundo físico. Mas de outro lado recebemos uma advertência no pleno sentido da palavra ao atravessarmos o referido véu que separa o mundo físico desse novo mundo; não estou empregando, como poderia parecer, uma imagem, pois se trata de uma experiência real — ao entrar no mundo espiritual, ouvimos esta advertência: "Se não queres deixar para trás tudo o que no mundo físico tens considerado como lógica normal e natural, tudo o que tens julgado ser a ordem das coisas; se não queres abandonar todo esse envoltório físico, é melhor que não entres no mundo espiritual, pois aí terás de recorrer a outras associações de idéias, a uma nova ordem, a uma lógica diferente. E se

insistires em levar ao mundo espiritual algo de tua lógica física, impreterivelmente lá entrarás numa enorme confusão." E entre os preparativos já mencionados para a meditação e para a concentração acha-se a necessidade absoluta de essa advertência ser fielmente obedecida, de não se pretender levar a lógica sensorial para a lógica do mundo espiritual.

É esta a grave advertência que toda pessoa disposta a ultrapassar o véu recebe daquela potência que podemos chamar de 'o guardião do limiar'. Ainda a conheceremos melhor no decorrer das próximas palestras.

Mas também quando desejamos voltar ao mundo físico recebemos desse guardião outra advertência grave e explícita. Já que somos terrestres, temos de voltar, do contrário nunca sairíamos dos acontecimentos do mundo espiritual. Nosso corpo físico morreria pouco a pouco. Sempre temos de voltar. Temos de comer e beber no mundo físico, de acordo com a lógica da natureza. Temos de submeter-nos aos outros hábitos do dia, de acordo com essa lógica. Temos de voltar a um mundo onde tudo se processa de acordo com a lógica materialista — onde, por exemplo, sempre soa uma campainha para o café da manhã, para o almoço e para o jantar. Temos, pois, de voltar a este mundo naturalista.

Para não chegarmos a uma situação impossível, temos de levar em conta o segundo aviso do guardião do limiar, que nos espera no lugar onde o véu do Caos separa o mundo físico-sensorial do espiritual. Esse segundo aviso diz o seguinte: "Não esqueças, em momento algum de tua vida física terrestre, que estiveste no mundo espiritual; só dessa forma poderás novamente mover-te com segurança no mundo físico, durante o tempo em que nele deves ficar".

Ao entrar no mundo espiritual, o discípulo recebe a advertência de abandonar a lógica natural e toda e qualquer veste sensível, efetuando a transição disposto a apropriar-se de uma lógica realmente espiritual e de um modo de pensar espiritualista. Na volta ele recebe a advertência, tão severa ou até mais, de nunca esquecer as experiências feitas no mundo espiritual; nunca mais a pessoa deve simplesmente entregar sua consciência aos impulsos sensoriais, etc, e sim ficar cônscia de que lhe cabe levar o espiritual ao mundo físico.

Trata-se, pois, de duas advertências diametralmente opostas: ao se penetrar no mundo espiritual, o guardião do limiar diz que se deve esquecer o mundo físico nos momentos de cognição superior; na passagem do mundo espiritual para o sensorial, ele recomenda que nunca esqueçamos, no plano físico, as vivências obtidas no espiritual.

Com relação a tudo o que acabo de expor, há uma diferença considerável entre os homens de épocas passadas e os homens modernos. Naqueles homens que outrora foram procurar os mestres dos mistérios, seja como alunos inspirados individualmente, seja como humanidade inteira, os próprios instintos psico-espirituais faziam com que não se efetuasse a passagem do sono para a vigília, ou vice-versa, sem levar em conta o guardião do limiar. A imagem desse guardião ascendia como que oniricamente, da alma dos homens de uns três a quatro mil anos atrás, quando estes adormeciam. Eles passavam a seu lado. E sua imagem voltava a aparecer quando eles retornavam do sono para a vida normal. Eles não recebiam, ao entrar ou sair do mundo espiritual, uma advertência tão nítida como os que penetram nesse âmbito pela inspiração e pela imaginação; como suas percepções do mundo espiritual eram instintivas, eles vivenciavam como que em sonho sua passagem ao lado do guardião do limiar, ao adormecer ou acordar. Como ainda veremos a seguir, o progresso na humanidade, o único capaz de conduzir o homem à liberdade, teve, no entanto, de tirar-lhe a observação psico-espiritual: o homem perdeu essa consciência embotada, onírica, esse estado intermediário entre o sono e a vigília que lhe facultava

ver, pelo menos em sonho, a figura majestosa do guardião do limiar, tanto ao adormecer como ao acordar. Hoje em dia o homem passa ao lado do guardião do limiar quando adormece ou desperta. No entanto ignora-o, não leva em conta sua existência, e isso o faz entrar num mundo de sonhos completamente desordenado.

Observem os Senhores, sem idéias preconcebidas, quão diferentes eram daquelas de hoje em dia as descrições que os homens de então fizeram de seus sonhos. O homem moderno ignora o guardião duas vezes a cada manhã, a cada noite e a cada sesta; daí o caráter caótico e desordenado de sua vida onírica. Isto se revela na forma de cada sonho.

Reflitamos: o majestoso guardião do limiar está presente a cada vez que transpomos o limiar. Ele não pode ser ignorado, sob pena de tudo o que o mundo espiritual nos oferece entrar em desordem. E a maneira como essa desordem começa a reinar é melhor constatada na metamorfose que o pensar sofre ao efetuar a transição do mundo físico-natural para as formações do sonho. A análise de determinados sonhos torna isso bem claro.

No mundo físico, comportamo-nos de acordo com o que aprendemos, das condições que prevalecem neste mundo. Tomemos um caso concreto: — Estamos passeando. Por quê? Hoje em dia as pessoas fazem certos passeios, principalmente nas cidades, porque querem vivenciar algo. Ao passear, encontram amigos. Podem fazer ver suas vestes, se isso lhes agrada, a outras pessoas, conhecidas ou não. Tudo isso são vivências que se têm durante um passeio.

Nós temos essas vivências devido à nossa capacidade de pensar e ter representações; graças à nossa cabeça, exclusivamente devido à sua organização, constatamos: “Eu penso”. Dessa força do 'eu penso' resulta a possibilidade de termos, ao contato com o mundo ambiente, as experiências que acabo de descrever. Encontramos outras pessoas; também para elas, esse encontro constitui uma vivência. Mostramos nossas vestimentas ou nossas bonitas feições. Mas enquanto vemos os outros e mostramos o que possuímos, temos também sentimentos. Gostamos de uma coisa, não gostamos de outra. Desenvolvemos simpatias ou antipatias. Sentimos prazer quando uma pessoa nos diz algo agradável e desprazer, acompanhado de antipatia, quando não gostamos do que o outro conta. As vivências que temos dessa forma, durante um passeio, são permeadas de juízos, resultado do trabalho da cabeça por meio do 'eu penso'; mas também contém aquilo que é desenvolvido pelo homem rítmico: "Eu sinto", e daí os sentimentos de simpatia e de antipatia. É pelo fato de ao mesmo tempo podermos dizer "eu sinto", nesse segundo membro do nosso ser, que acompanhamos com nossas emoções aquilo que simplesmente observamos.

Mas também o terceiro sistema de nossa organização participa do passeio, desde que estejamos bem atentos. Aí basta observar certas intimidades da vida. Temos então o sentimento de que a civilização moderna não admite nos mostrarmos aos outros despidos, passearmos nus. Esse é o nosso sentimento normal. A nudez nos é antipática, andar vestidos nos é simpático — e isso se transmite aos impulsos da vontade. Vamo-nos vestir, e até de uma maneira determinada. Isso ocupa a vontade, terceiro membro de nossa organização. Este terceiro membro, o 'eu quero', faz-nos vestir roupa. Esse ato resulta do impulso da nossa vontade:

eu penso eu sinto

eu quero

Quando dizemos “eu quero”, o resultado é o fato de sairmos vestidos para o passeio. Enquanto estamos em estado consciente, tudo isto entra numa certa ordem, de acordo com a lógica do mundo físico — seja se recebemos uma educação nesse sentido, seja se nos acomodamos às circunstâncias que resultam exteriormente da lógica do mundo físico.

Se agimos de modo diferente, algo não funciona bem dentro de nós. Se vamos passear despidos, algo não está em ordem. A ordem do mundo físico, a lógica deste mundo, dá uma certa forma a tudo. Não nos vem à cabeça o desejo de ver, durante o passeio, as outras pessoas sem roupa. Há, portanto, nas vivências de nossa alma uma certa coerência; mas esta não vem de nós, e sim da sistemática geral do mundo. Há um equilíbrio entre os três — o 'penso', o 'sinto' e o 'quero'. É o mundo exterior que nos faz formar essa interdependência do pensar, do sentir e do querer.

Quando transpomos o limiar ignorando seu guardião, enfrentamos três mundos sem saber como orientar-nos. De um lado, levamos para o mundo espiritual os hábitos deste mundo; de outro, o mundo espiritual faz valer sua ordem. Aí acontece o seguinte: — Imaginemos estarmos dormindo. Nós participamos desse estado de sono com nosso sentir, isto é, com o sistema do meio. O cobertor sai do lugar, uma parte do corpo está com frio. Ficamos, na consciência onírica, com a impressão de estarmos despidos nessa parte. Como não temos no mundo espiritual um exato discernimento, estendemos essa sensação ao corpo todo, tendo a impressão de estarmos inteiramente nus. Talvez o movimento do cobertor tenha deixado descoberta apenas uma parte do corpo, mas o frio aí experimentado provoca a sensação: "Estou despido".

Daí surge o impulso de vontade que teríamos em estado de vigília: quando estou despido, quero vestir-me. Mas o sono nos faz sentir que estamos impedidos de vestir-nos, pois os membros não conseguem movimentar-se. Isto penetra na consciência onírica.
Essas duas constatações inconscientes, "sinto-me nu" e "não posso vestir-me", combinam-se de uma forma errônea, porque o mundo físico está-nos fazendo falta. Uma das constatações pertence ao mundo I e a segunda ao mundo II. A isso acrescentamos, por termos dado um passeio à noite, a lembrança desse fato. Três condições surgem, sem nexo entre si: estou passeando; estou nu — o que me é muito antipático —; não consigo vestir-me.

Ora, essas três condições que combinamos, pela lógica da vida, em nossa existência física normal separam-se, enquanto passamos ao lado do guardião do limiar sem prestar-lhe atenção, de forma a vivenciarmos

- no mundo I : o passeio;
- no mundo II : o estado de nudez;
- no mundo III: a incapacidade de vestir-nos. Sentimo-nos então tripartidos, entre pessoas estranhas, expostos aos olhares, nus e incapazes de vestir-nos. Esse é o conteúdo do sonho. O que na vida habitual a lógica natural liga, o sonho separa, e nós combinamos os elementos de uma maneira caótica, segundo o hábito que levamos ao transpor o limiar, ligando os fatos como se pudéssemos estar nus também no mundo espiritual, etc. Se ignoramos o guardião do limiar, os hábitos do mundo físico passam para o espiritual, e aí combinamos de forma caótica os três mundos segundo as leis do mundo físico — e sentimo-nos então nessa situação.

Esse é o caráter essencial de inúmeros sonhos: quando não levamos em conta as advertências do guardião do limiar, aquilo que forma uma unidade harmônica no mundo físico-natural se decompõe e nós nos defrontamos com três mundos. Mas esses três mundos devem ser mantidos unidos. O sonho do homem moderno (isso era diferente nos homens de épocas mais antigas, como se pode constatar pelos sonhos do Velho Testamento) coloca o indivíduo que sonha diante de três mundos, que ele procura harmonizar conforme as leis da existência físico-natural. Disso resultam as relações desordenadas dentro desses três mundos em que ele se encontra.

Vemos, pois, o sonho nos mostrar o sério fato de que, ao transpormos o limiar do mundo espiritual, inicialmente nos defrontamos com três mundos; e quando adentramos

esses três mundos da forma correta, devemos sair deles depois. O sonho é aquele que nos ensina muito a respeito do nosso mundo físico habitual, mas também do outro, o mundo anímico-espiritual. Sobre essa questão continuaremos a falar na próxima conferência.

24 de agosto de 1923

A atividade do espírito na natureza

Em minha conferência anterior procurei mostrar que a confusão dos sonhos decorre do fato de o homem passar inconsciente ou semiconscientemente do mundo físico-sensório para o mundo supra-sensível ou espiritual, transpondo o chamado limiar; e de, ao penetrar no mundo espiritual, enfrentar na realidade três mundos: a lembrança do mundo físico comum, o mundo anímico e o mundo espiritual propriamente dito. Os acontecimentos interiores e exteriores que vivenciamos em nossa existência normal são concentrados a partir das revelações de todos os três mundos. Mas eles se cindem quando, pelo sono, penetramos no mundo supra-sensível e então não relacionamos o que vivenciamos com o mundo ao qual essa vivência corresponde corretamente. Isso faz nascer, para a consciência comum, a lembrança do caráter ilusório dos sonhos. *A* consciência imaginativa não vê o sonho da mesma maneira. Assim como se fixa o olhar num ponto distante no espaço físico, por meio da imaginação se vislumbra no tempo algo diferente. Não apenas se lembra aquilo que foi sonhado: vê-se o sonho. Isso nos permite ter uma autêntica representação mental do sonho. Nós reconhecemos que só o interpretamos de forma correta quando não o relacionamos com o mundo físico-natural, mas com o mundo espiritual e, principalmente, na maioria dos casos, com o mundo da moralidade. O sonho não nos diz o que exprime quando se interpreta seu conteúdo fisicamente. Ele nos quer dizer aonde chegamos quando interpretamos moral e espiritualmente esse conteúdo.

Tomemos, por exemplo, o sonho mediante o qual procurei ontem mostrar a confusão — aquele em que morremos de vergonha passeando despidos em meio a outras pessoas. Chamei-lhes a atenção para a criação do ambiente anímico típico do sonho, devido à presença de três mundos. Mas se examinarmos tal sonho mais de perto, veremos algo espiritual e moral manifestar-se através do conteúdo que parece ser sensorial. Por isso, quem tem um sonho desse tipo não deveria apegar-se à trama que resulta diretamente das imagens, e sim perguntar: "Será que tenho em minha consciência diurna, de vez em quando, a tendência a não me revelar com toda a sinceridade interior às outras pessoas? Não tenho por acaso o hábito de pôr, numa medida excessiva, a roupa convencional e envolver-me realmente com todo tipo de coisas que se costumam praticar no mundo exterior convencional? Não tenho a característica de não ser sincero em meu próprio íntimo, e de faltar um pouco com a verdade, exteriormente?".

Se a pessoa der a seus pensamentos esse rumo, talvez chegue, pouco a pouco, a atribuir a seu sonho uma interpretação moral e espiritual. Ela passará a relacionar o que viu não com o mundo físico, mas com o mundo espiritual, dizendo a si própria: "Enquanto passei em sono para o plano supra-sensível, seres espirituais desse plano vieram a mim e disseram-me que não procurasse vestes falsas, inverídicas, mas que me manifestasse exteriormente de acordo como sou, espiritual e moralmente, em meu íntimo."

Interpretando o sonho dessa maneira, descobrimos sua verdade moral e espiritual. E um grande número de sonhos deve ser interpretado desta forma.

Os homens de uma fase mais remota da história da humanidade, os quais também percebiam o guardião do limiar, em suas imaginações oníricas aceitavam dele a advertência de não levar ao mundo espiritual o que é próprio do mundo físico. Se

vivessem sonhando que passeavam na rua sem roupa, não teriam escolhido a interpretação segundo a qual deveriam estar com vergonha; pois essa interpretação é valida para o mundo físico e para o corpo físico. Eles teriam, ao contrário, aceito a seguinte advertência: o que é válido para o mundo físico não o é para o espiritual; são os deuses que dizem ao homem aquilo que se manifesta no mundo espiritual, e que por isso deve ser interpretado como uma declaração, uma revelação divina. Foi só no decorrer de sua evolução que os homens passaram a considerar seus sonhos de forma naturalista.

Ou tomemos outro exemplo de sonho muito freqüente: — Uma pessoa sonha que entra numa floresta. Depois de algum tempo percebe que se perdeu — não sabe aonde ir. Tenta continuar, mas não há caminho, só árvores. Está com certa inquietação interior.

Analisando esse sonho com sua consciência comum, o homem o aceita simplesmente de acordo com seu conteúdo. Mas se deixarmos de lado o aspecto naturalista, tal sonho nos revelará, a partir do mundo espiritual, o seguinte: "A confusão em que entraste reside em teus pensamentos". No estado de vigília não gostamos de admitir quão confusos nossos pensamentos são, quão facilmente nos achamos em situações sem saída, onde andamos em círculos. Esta é uma situação em que muitas pessoas se acham, em nossa civilização atual. Elas acreditam pensar de forma esclarecida, mas na realidade seus pensamentos giram ao redor de algo exterior e convencional, ou de átomos que elas constroem mentalmente, ou de qualquer outra coisa. Em sua consciência normal, o homem não está inclinado a confessar essa situação a si próprio.

O sonho revela portanto, em imagens simbólicas, o que o homem é na realidade. Os seres espirituais lhe dizem essa verdade em sonho. Se ele aceitar, com correto espírito de autoconhecimento, as vivências do sonho, esse autoconhecimento será ativado de forma especial.

Outra característica de muitas pessoas é a seguinte: elas se abandonam àquilo que lhes é simpático, conforme seus instintos e impulsos. Acham, por exemplo, agradável fazer isso ou aquilo, mas não querem reconhecer que tal coisa é agradável aos seus sentimentos, ao seu bem-estar sensorial. Inventam então qualquer pretexto e interpretam, com sua consciência comum, aquilo que só agrada ao seu bem-estar, dizendo dever fazê-lo por motivos antroposóficos, ocultos ou esotéricos, que nisso reside uma elevada missão, etc. Isso ocorre freqüentemente na vida prática. Aí essas pessoas encobrem, com tal autojustificação, uma infinidade de coisas que viçam e vigoram nos subterrâneos da vida animal. Nesse caso o sonho, que escolhe as imagens no mundo sensório, mas querendo, com elas, atuar como realidade psíquico-espiritual, apresenta a imagem de um homem que, perseguido por animais selvagens, procura fugir mas não consegue escapar-lhes. A interpretação psíquico-moral correta, excluindo o conteúdo sensorial, aumenta o nosso autoconhecimento: veremos neste sonho uma advertência no sentido de fazermos uma crítica das verdades íntimas do nosso ser para ver se estas não estão mais próximas dos impulsos animalescos do que dos ideais mirabolantes que colocamos à nossa frente.

O sonho pode, pois, admoestar-nos e criticar-nos de muitas maneiras. Se o relacionarmos com o mundo superior e não com o inferior, ele poderá atuar sobre nossa vida, abrindo-lhe novos rumos. Podemos então ver, por meio da imaginação consciente, que o sonho, mostrando-se também ao conhecimento imaginativo em suas imagens sensoriais, vai-se metamorfosear e transformar num acontecimento moral e espiritual.

O sonho é, portanto, capaz de levar a consciência comum para dentro do mundo espiritual, desde que julgado corretamente. Mas eu já disse também que, ao elevar-nos imaginativamente ao mundo espiritual, não estamos no mesmo estado d'alma que aqui, na vida terrestre. Na vida física terrestre, eu estou aqui e a mesa ali, fora de mim. Há uma

separação física entre e mesa e eu. No momento em que ascendo ao mundo espiritual, tal separação não existe; aí estou dentro do ser espiritual. Não é como se eu estivesse aqui e a mesa ali, mas como se todo o meu ser fosse estendido à mesa, e esta então me absorve. No mundo espiritual, mergulhamos nos objetos que percebemos. Não devemos, pois, relacionar somente com nosso interior aquilo que vivenciamos no sonho ou, conscientemente, na imaginação. Ao contrário, quando falamos de tudo o que vive no sonho, podemos repetir, em termos da Ciência Espiritual, as palavras do Poeta: "O mundo é tecido de sonhos" [6] — não do jogo dos átomos com o qual a ciência sonha, mas daquilo que descrevi como Caos grego, como o nosso tecido de sonhos, como o nosso estado de imaginação consciente que é, ao mesmo tempo, algo subjetivo e objetivo. Não é de forma apenas subjetiva que o mundo é tecido com isso. Devemos, portanto, explicar certos fenômenos físicos a partir desse mundo ondulante dos sonhos.

Por isso não podemos ter a pretensão de querer explicar, por exemplo, um germe vegetal apenas por leis físicas e anímicas. Nenhum cientista que vê num germe ou embrião apenas leis físicas e químicas pode explicá-los, pois nesse germe e nesse embrião a natureza sonha. No fundo deles atua aquilo que paira e ondula no sonho. Coloquemos concretamente à nossa frente um broto vegetal: é um sonhar o que vive e vagueia nele. Aí não conseguimos penetrar com o intelecto, que apenas visualiza leis da natureza; só podemos fazê-lo com aquela força humana que normalmente vive no sonho ou na imaginação consciente.

Mas o que vive no germe está também presente em todo o nosso organismo durante nossa vida na Terra. Não devemos, pois, procurar em nosso organismo apenas a atuação de forças físicas e químicas; temos de encarar o ser humano, com seus contornos físicos exteriores, como algo que vive no mundo sensorial físico-terrestre. Mas por trás disso vive algo que nenhum olho ou ouvido pode perceber, mas que a imaginação pode ver e que no sonho pode ser vivenciado como uma imaginação inconsciente. A natureza está sonhando em todo o corpo humano. Ela não pensa apenas, tal qual o homem com seu intelecto, mas sonha. É a partir do sonho que são dirigidas as nossas forças da digestão ou do crescimento. Tudo é plasmado a partir do sonho. Quando remontamos à evolução da Terra, costumamos tomar como ponto de partida a nossa era, a era... como podemos chamá-la? Tomando por critério um sintoma distinto, podemos chamá-la de era da máquina de escrever. Partindo então da era da máquina de escrever, remontamos, primeiro, à época em que pela primeira vez algo foi impresso, depois retrospectivamente à época dos romanos, dos gregos, depois à época oriental que nos legou os *Vedas*. Aí os documentos exteriores desaparecem. Podemos descobrir tesouros sobre tesouros em túmulos reais egípcios; vem a época em que os documentos exteriores nos abandonam, e à qual só podemos remontar por meio de um conhecimento espiritual, baseado na imaginação e na inspiração. Chegamos finalmente a um limite além do qual o passado constitui, para a consciência comum, algo indefinido, tal como o sono se estende para além do sonho. Remontando à evolução temporal do mundo chegamos, realmente, ao mesmo véu onírico que vivenciamos a cada noite.

Quando alcançamos esse ponto com a imaginação consciente, um passado mais remoto começa a iluminar-se. Mas essa era passada tem um aspecto diferente do mundo que conhecemos através do nosso intelecto e de documentos. Esse passado mais remoto, que na evolução do mundo se estende atrás de um véu de sonho, mostra-nos o homem num contato imediato com os espíritos divinos. O próprio homem ainda é um ser divino e

[6] Referência a W. Shakespeare: *We are such stuff / as dreams are made on, and our little life I is rounded with a sleep. (A tempestade,* IV ato, cena 1). (N.E. orig.)

anímico, e as entidades divino-espirituais, cujo destino é diferente de encarnar-se na Terra, convivem com ele que está esperando sua encarnação terrestre.

Nessa retrospectiva histórica até o véu do Caos e do sonho num passado remoto, situado além dos milênios dos quais falei nestes últimos dias. percebemos a convivência direta dos espíritos divinos com a alma ainda espiritual do homem, com o homem que estava para residir plenamente na Terra.

Nesta altura observaremos que existe uma relação entre a evolução da humanidade e a evolução cósmica. Quando a imaginação percebe, num passado remoto, aquele véu, vemos na evolução cósmica — ainda falaremos nisso mais detalhadamente — a Lua separar-se da Terra, com a qual estava ainda unida, e ir para o espaço cósmico, onde passa a girar ao redor da Terra. O olhar retrospectivo chega a um véu onírico, imaginativo, atravessa-o e encontra, além dele, a Terra unida à Lua, e os homens tendo uma convivência imediata com os seres espirituais. Vemos estar situado nesse mesmo ponto alcançado pela imaginação o importante fato cósmico de a Lua, mudando de aspecto exterior, desprender-se da Terra e formar no espaço cósmico um corpo celeste próprio. Olhando para trás, percebemos, portanto, uma fase da evolução humana, terrestre e cósmica em que a Terra ainda estava unida à Lua; mas aí já existia o homem, embora num estado mais anímico-espiritual.

Olhando sempre mais para trás, não encontramos época da evolução cósmica em que não houvesse começos de existência humana. Não podemos dizer, do ponto de vista da Ciência Espiritual, que a Terra se tenha desenvolvido, durante milhões de anos, de modo inorgânico ou com seres inferiores, e que o homem tenha aparecido em seguida; ao retrocedermos, sempre encontramos o homem ligado, sob formas diversas, àquela evolução cósmica que se abre ao nosso olhar retrospectivo quando transpomos o véu caótico do sonho, o véu da imaginação consciente, e percebemos a essência divina e espiritual do Universo.

Quando observamos, conforme eu já disse, um germe ou um embrião, o conhecimento imaginativo nos mostra neles algo afim com o sonho. Vemos algo real, semelhante a imagens oníricas, dominar a matéria desses germes e embriões. Quem é capaz de enxergar o aspecto espiritual do Universo encontra-o em qualquer lugar, mas sob as formas mais diversas. É justamente o elemento espiritual o que passa pelas metamorfoses mais variadas. Depois de compreendermos bem essa presença de forças oníricas nos germes vegetais e nos embriões animais, parece justificada a pergunta: qual é a situação no mundo aparentemente morto dos minerais? Olhando pela janela ou passeando na rua, vemos as montanhas rochosas e todo aquele mundo sem qualquer vida aparente, e perguntamos: se o germe vegetal que temos diante de nós contém a atuação de uma imagem de sonho, acaso existe algo análogo às massas rochosas que se estendem à nossa frente, ou ao solo sobre o qual pisamos? Se encontramos nas plantas uma realidade espiritual que domina com relativa facilidade a matéria numa trama onírica, o conhecimento imaginativo encontra também, nas massas pétreas, algo espiritual, constituído de seres concretos isolados.

Contudo não encontramos esse algo espiritual no estado de sonho — encontramo-lo no estado de sono profundo. Não devemos pensar numa neblina geral adormecida, que atravessa montes e rochedos, mas sim em seres espirituais individualizados, que dormem dentro das massas pétreas. Veremos mais adiante que essas entidades espirituais nasceram por separação de seres espirituais superiores, dotados de uma consciência mais elevada. Estes apartaram de si os outros seres que, em seu estado atual, têm apenas uma consciência de sono e dormem, como seres elementares, em todo lugar dentro da natureza inanimada. Andando por sobre uma montanha rochosa, deveríamos estar

cônscios de que forças espirituais dormem no solo, em concretas formações espirituais isoladas. Observando-as, constataremos estarem esses seres elementares permeados, em seu sono, de uma certa atitude anímica. A imaginação nos mostra os seres; a inspiração nos ensina que nesses seres vive uma certa atitude anímica. A atmosfera anímica existente nesses seres dos morros, dos rochedos, do solo em que pisamos, é idêntica à que sentimos na expectativa de um acontecimento. Assim, um ambiente de expectativa permeia essa vida anímico-espiritual que dorme nas massas pétreas aparentemente mortas.

A inspiração e, mais ainda, a intuição (quando nos aprofundamos nesses seres) nos ensinam que esses seres esperam seu próprio despertar em sonhos. Tudo o que se nos apresenta como formação montanhosa espera mais tarde sonhar e conseguir plasmar a matéria, presentemente pulverizada e sem vida, incutindo-lhe consciência de sonho e transformando-a em germes e embriões, de modo que algo vegetal resulte das pedras e montanhas. Justamente esses seres são capazes de apresentar ao nosso olhar anímico uma maravilhosa magia da natureza, uma criação a partir da espiritualidade.

Circundando tais rochas ou andando sobre elas, ao ver a luz física por elas refletida podemos, portanto, ter a revelação de seres elementares que atualmente dormem mas que mais tarde despertarão para uma vida de sonhos, e até para um estado de completa vigília. Um dia esses entes serão seres espirituais plenamente conscientes. Isto não será fruto de uma imaginação qualquer, e sim de um autêntico conhecimento.

A matéria física da planta ainda pode ser permeada de vida onírica. Esta matéria (a das rochas) desintegra-se. Todo o inanimado — conforme nos mostra a retrospectiva da imaginação e da inspiração — nasceu de seres vivos. Mas enquanto o vivo se torna sem vida, essa espiritualidade profundamente adormecida é instilada nele. Essa espiritualidade dorme e espera, dentro da natureza inanimada, até poder despertar para um sonhar e, ao mesmo tempo, conduzir a matéria morta a uma vida embrionária cósmica.

As várias regiões e localidades da Terra mostram, de diversas formas, esse sono dos seres elementares dentro das montanhas e da crosta terrestre. Por isso se deve dizer que esses seres, esperando por seu futuro, dormem, por exemplo, nesta região de uma maneira diferente do que costumam fazer em outras partes da Terra.

Com efeito, Penmaenmawr é justamente uma região onde, devido a uma configuração particular da Terra e uma formação especial das rochas, esses seres adormecidos podem alcançar o estado aéreo e, até, o estado de luz. Tal não acontece em outras regiões. Constatamos justamente aqui, em Penmaenmawr, que o elemento anímico da atmosfera é diferente, pois não apenas observamos o estado da atmosfera aérea, exterior e material, mas percebemos a presença de uma atmosfera anímica que permeia o ar, tal como a alma impregna o corpo humano. Vou ilustrar esse fato por meio de um exemplo.

Admitamos que o conhecimento imaginativo se esforce para fixar a imaginação em determinada parte da Terra. Isto permanece na consciência, com maior ou menor facilidade. Nas diversas regiões, há diversas possibilidades de as imaginações ficarem na consciência ou dissolverem-se rapidamente. Estamos numa região onde as imaginações permanecem durante um tempo extraordinário, evoluindo para uma intensa capacidade imaginativa.

Os sábios druidas e outros sempre escolheram, para seus templos e santuários, lugares onde houvesse a peculiaridade de as imaginações não se desfazerem logo qual nuvens, mas de se conservarem durante algum tempo. Em conseqüência disso, é

compreensível que tais lugares escolhidos para santuários druídicos ainda tenham sido procurados em épocas relativamente tardias.

As pessoas sempre sentiram que a conservação das imagens não era tão difícil neste local. Naturalmente, tudo tem seu lado luminoso e seu lado sombrio. A imaginação que permanece torna a inspiração mais difícil — porém conseqüentemente mais vigorosa. Por isso, tudo o que se pode dizer aqui sobre os mundos espirituais flui para as palavras com grande intensidade, mas também com maior dificuldade e peso.

Podemos, pois, discernir a existência, no que se refere à espiritualidade, de diferenças sobre a face da Terra. Poderíamos desenhar um mapa e fazer constar os lugares onde as imaginações facilmente permanecem ante a consciência imaginativa. Se para eles escolhêssemos cores diferentes, obteríamos um mapa bem interessante. Deveríamos usar para esta região uma cor particularmente intensa, a fim de expressar com uma coloração luminosa, radiante e viva o que vigora na atmosfera anímica.

Acho realmente que os participantes deste curso podem sentir esse ambiente elementar particularmente esotérico que entra pelas janelas e nos vem ao encontro em nossos passeios de uma forma bem diferente do que em qualquer outra região.

Por essa razão, estou muito grato aos organizadores deste curso por terem incluído esta região entre os diversos lugares onde já houve cursos deste tipo. Aqui o elemento esotérico quase vem ao nosso encontro nas ruas — ele existe também em outros lugares, mas não tão ostensivamente. Este curso, por esse mesmo motivo, integra-se de forma particularmente harmoniosa na evolução geral do movimento antroposófico.

Tais descrições nos indicam haver entre os mundos físico-sensorial e anímico-espiritual um limite que, com razão, é chamado de limiar do mundo espiritual. Já mencionei, de muitas maneiras, o que se deve fazer para transpor esse limiar. Ainda falaremos a esse respeito com maiores detalhes, mas já deve ter resultado claramente de minhas conferências que essa passagem pelo limiar era, em épocas remotas da evolução da humanidade, algo diferente do que seria no presente momento histórico. Em épocas anteriores, os homens podiam transpor o limiar de forma diferente porque tinham também, durante o dia, uma consciência mais próxima do sonho, e por isso uma consciência mais intensa do supra-sensível. Conforme eu já disse, eles passavam ao lado do guardião do limiar de uma forma onírica, semiconsciente, a cada vez que adormeciam ou acordavam.

É nisso que consiste uma transição da humanidade mais antiga, sem liberdade, para a humanidade cada vez mais livre: a sujeição à determinação, a falta de liberdade — resultado da percepção, a cada adormecer ou despertar, do guardião do limiar e suas advertências — evoluiu, no presente, para uma incapacidade de olhar para dentro dos mundos espirituais, mas ao mesmo tempo para uma liberdade sempre maior; é nisso que reside o princípio do progresso humano.

Do ponto de vista do mundo espiritual, os homens perderam muito enquanto tinham de ser levados, através de sua evolução, à liberdade. Ora, o que foi perdido deve ser recuperado, por exemplo, da forma indicada pela Antroposofia. O momento histórico atual é aquele em que a busca dessa recuperação deve ter início.

Vemos em todo lugar, e em pessoas muito diferentes, manterem-se até o presente heranças de épocas passadas em que os homens tinham um relacionamento diferente com o mundo espiritual. Uma pessoa atualmente dominada pelas forças intelectuais tem, em geral, consciência de existir uma separação nítida entre o que ela vivência no mundo sensível e aquilo que faz parte do mundo espiritual. Essa linha de demarcação é tão nítida que pessoas esclarecidas de nossa época não admitem que o homem possa transpô-la.

Procurando ao menos esboçar os caminhos que levam ao mundo supra-sensível, eu já disse que esse limite pode ser ultrapassado, e que o homem pode penetrar plenamente consciente nesse mundo. Mas há velhas heranças que se perpetuam até nossa era e são conservadas de épocas em que o homem penetrava no mundo espiritual de um modo mais instintivo e inconsciente, tendo também em sua consciência diurna maior contato com ele. Devemos esforçar-nos para compreendê-las mediante o conhecimento espiritual consciente, pois do contrário elas se prestam aos mais diversos enganos. E é justamente neste campo que o engano pode ser muito perigoso. Tenho, pois, de abordar no âmbito destas palestras, destinadas a mostrar-lhes a evolução da humanidade e do mundo, também essas questões limítrofes onde se perpetua até o presente aquilo que era óbvio e natural para uma humanidade mais antiga — com a possibilidade de gerar ilusões perigosas se o assunto não for tratado com o claro discernimento que requer.

Entre fenômenos que se situam, para a consciência comum, no limite entre os mundos sensível e supra-sensível estão, por exemplo, as 'visões': numa espécie de alucinação, a qual, porém, é mais ou menos dominada pelo indivíduo, surgem imagens que assumem determinadas formas e podem até ser coloridas ou audíveis; tal como essas visões se apresentam à nossa consciência, seu conteúdo não corresponde a uma realidade exterior: não há objeto exterior correspondente à visão interior. Na vida comum, o objeto está fora e a imagem, embora muito sombria, está dentro. O homem tem plena consciência da maneira pela qual a imagem de sua representação mental corresponde ao mundo exterior. Em compensação, a visão surge autonomamente e pretende constituir uma realidade. O homem perde a capacidade de julgar corretamente o grau de realidade da imagem que nela surge sem qualquer colaboração sua.

A primeira pergunta que surge, nesta altura, tem por objeto a origem dessas visões. Pois bem, visões nascem quando o homem ainda é capaz de levar as vivências de seu sono para o mundo diurno e de elevá-las ao nível de representações mentais, da mesma forma como normalmente o faz com aquilo que percebe fora de si por meio dos sentidos. Posso olhar para um relógio, que tem existência físico-sensorial, e fazer dele uma imagem interior; posso ter vivenciado no sono a configuração interior, a realidade íntima de um objeto exterior e formar, depois de despertar, uma imagem dessa vivência. Entre as duas situações não há diferença senão a seguinte: num dos casos, eu domino o processo e consigo tornar a imagem fraca e apagada; no outro, não sou dono do processo, não levo para minha vida de representações algo presente, e sim algo que vivenciei no último ou penúltimo sono, ou num sono ainda mais antigo, quando minha alma estava fora de mim; então formo a visão.

Tais visões eram algo natural em épocas passadas da evolução humana, quando se exercia um domínio instintivo sobre as relações do homem com o mundo físico e o mundo espiritual; o progresso da humanidade fez delas o que hoje são, isto é, algo indomado e ilusório. Esse desenvolvimento tem de ser claramente compreendido, pois existe algo que o homem de hoje não possui: quando ele volta ao mundo físico depois de ter passado, em sono, por uma experiência no mundo espiritual, não ouve o guardião do limiar que o adverte de lembrar as vivências do mundo espiritual e levá-las ao mundo físico. Levando-as, ele conhecerá o conteúdo da visão. Mas se a visão se manifesta no plano físico sem que ele saiba como foi trazida nem o que deve sê-lo, não há domínio da situação e ele é tomado por ilusões quanto à experiência vidente. Em outras palavras: as visões nascem pelo fato de o homem levar, inconscientemente, experiências do sono para a vida diurna, que as transforma em representações mais saturadas e mais cheias de conteúdo do que as representações comuns, que são vagas; é o próprio homem quem traz o conteúdo do sono e o transforma em visões vividas e coloridas.

Outro fenômeno se manifesta quando o homem leva para o sono aquilo que sente na vida física. Caso o leve, por assim dizer, para o mar aberto da vida de sono, haverá quem lhe faça ver que não deve cometer abusos. Mas se o sono for muito leve — caímos em sonos leves mais freqüentemente do que pensamos, e deveríamos prestar atenção a eles — também levamos as sensações cotidianas além do limiar, sem que disso tenhamos consciência. Nascem então aquelas impressões obscuras, como se percebêssemos algo a acontecer no futuro, seja a nós mesmos, seja a outras pessoas. Neste caminho nasce o *pressentimento*. Enquanto a visão nasce quando trazemos inconscientemente as vivências do sono para a vida diurna, o pressentimento surge quando estamos num sono leve, imperceptível — de modo que acreditamos estar acordados —, e quando para ele levamos outra vez, sem prestar atenção ao guardião do limiar, aquilo que carregamos conosco durante a vida cotidiana comum. Mas isto subjaz tão profundamente à consciência que não o percebemos. Com efeito, estamos sempre em relação com o mundo inteiro, e haveria muito para se trazer à tona caso tivéssemos essa capacidade.

Trazendo essas antigas heranças de uma evolução anterior, o homem pode, pois, vivenciar de um lado a visão e, de outro, a premonição.

Contudo ele pode também ficar no próprio limite, no limiar, sem perceber o guardião. Podem surgir também momentos nos quais a pessoa esteja como que fascinada; porém ‘fascinada’ não é aqui uma expressão feliz, pois não se trata meramente de estar fascinada, no sentido usual da palavra ‘fascínio’, mas de estar apenas com a alma dentro de certa região anímica. Quando ela pára, desta forma, no limiar, ainda sentindo o que se passa no mundo físico, mas também já sentindo o que existe no mundo supra-sensível, experimenta então um fenômeno muito comum em certas localidades da Terra: a deuteroscopia ou ‘segunda visão’. É um estado que se experimenta no limiar, em estado semi-consciente. Podemos, pois, dizer em resumo que as velhas heranças se manifestam em estado de consciência embotada, aquém do limiar, sob forma de visão; além do limiar, como premonição; e exatamente no limiar como segunda visão.

Na próxima conferência falarei ainda sobre as exatas características desses três âmbitos, a fim de identificar os mundos que, por meio da visão, do pressentimento e da segunda visão, são perceptíveis de maneira obscura e, não obstante, podem ser trazidos à plena claridade de uma consciência elevada por meio de um novo conhecimento.

25 de agosto de 1923

A interação entre os diversos mundos

Na vida humana, o mundo físico e o mundo supra-sensível se interpenetram constantemente. Já mencionei aqueles casos extremos em que os dois, ou melhor, os três mundos se interpenetram sem que o homem contribua para isso por sua própria evolução. Pretendo tratar hoje de três tipos de interação entre os diversos mundos: primeiro do tipo comum de sonâmbulo ou lunático, em seguida, do tipo ‘Jakob Boehme’ e finalmente do tipo ‘Swedenborg’.

Esses três tipos se relacionam de tal forma que cada qual nos mostra, como que por uma experiência em escala cósmica, de que maneira a evolução do homem está relacionada com a evolução do Universo. Quero aproveitar esses três casos para tratar desse assunto.

Examinando esses três tipos que, ignorando o guardião do limiar, penetram no mundo espiritual e dele regressam, constatamos que eles — o sonâmbulo, o 'Jakob Boehme' e o

'Swedenborg'[7] — percebem o mundo supra-sensível ou até, como é o caso do sonâmbulo, nele estão ativos de uma forma diferente do que acontece pelo conhecimento imaginativo, inspirado e intuitivo. A razão disso reside na diferença, já mencionada, entre o mundo supra-sensível — em que penetramos inconscientemente em cada sono — e o mundo físico.

No mundo supra-sensível há sobretudo três propriedades que são totalmente opostas à do mundo físico. E o homem sente essa contraposição com tal força, em tudo o que considera no mundo físico como verdadeiro, justo, sábio, etc, que a constituição física e anímica atual nem lhe permite penetrar sem preâmbulos no mundo supra-sensível.

Por isso, em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)* chamei a atenção para a necessidade de uma preparação adequada à penetração no mundo supra-sensível. Se as recomendações desse livro forem seguidas, os preparativos feitos corretamente conduzirão o discípulo a entrar de modo adequado no mundo espiritual. Os três tipos de que pretendo falar hoje não efetuam a entrada devidamente preparados, e sim em conseqüência de seu destino, de seu carma, que por sua vez os protege contra certos perigos. Esse carma tem, pois, como resultado o fato de a humanidade em geral adquirir certos conhecimentos que normalmente só poderiam ser obtidos por meio da imaginação, da inspiração e da intuição.

Em primeiro lugar, vemos cessar no mundo espiritual supra-sensível qualquer espécie de gravidade, de gravitação. Nesse mundo nunca estamos dentro do ponderável, mas do imponderável. Quem entra conscientemente no mundo espiritual tem a sensação de perder o chão embaixo dos pés, tendo de manter-se em seu lugar por meio de uma força interior.

Se realmente quisermos penetrar no mundo espiritual, teremos de passar por uma sensação semelhante à que teríamos no mundo físico se um demônio nos tirasse o chão de sob os pés, de modo que não estivéssemos mais sujeitos à gravidade mas precisássemos manter-nos livremente no espaço cósmico, por meio de um esforço próprio.

O segundo aspecto do mundo supra-sensível é a cessação de tudo o que existe no físico como percepção sensorial. Se disséssemos que no mundo supra-sensível a luz acaba e nós mergulhamos nas trevas, essa seria apenas uma verdade parcial; pois não é só a luz que deixa de existir — isso acontece também aqui com os cegos, mas estes possuem ainda os outros sentidos, e na Ciência Espiritual se usa freqüentemente o termo 'luz' para designar tudo; tudo o que constitui cores e luz, tudo o que é audível, tudo o que é palpável, tudo o que provoca uma sensação térmica, tudo isso deixa de existir no mundo espiritual. Empregando o sentido mais importante para a maioria das pessoas, diz-se então que a escuridão toma lugar da claridade.

O terceiro aspecto, para o qual se deve desenvolver uma enérgica sensibilidade, é o fato de o vazio substituir a plenitude. Aqui, no mundo físico, temos sempre algo que pode ser apalpado. Onde não há objeto palpável, temos o ar dentro do qual vivemos. Em qualquer lugar, o espaço é ocupado por algo; no mundo do espaço só há o vazio.

Podemos, portanto, dizer que aqui no mundo físico-sensível reina o ponderável, o luminoso (no sentido físico, que abrange todas as percepções sensoriais) e a plenitude; no mundo espiritual, a imponderabilidade, a escuridão que o homem deve iluminar por meio daquela luz que nasce com sua evolução, e o vazio que devemos preencher com a essência absorvida ao penetrarmos, por meio da intuição, em outros seres espirituais — voltando, com isso, a ocupar o vazio existencial na consciência superior.

[7] Jakob Boehme (1575-1624) e Immanuel Swedenborg (1688-1772), místicos. (N.E.)

Se um indivíduo é conduzido, por um destino instintivo, a uma região dominada inicialmente pelo imponderável, é capturado por forças exteriores à Terra. Enquanto anda na Terra, ou mesmo enquanto está deitado, o homem sempre está exposto à gravidade. Se for subtraído a ela durante certos momentos, um empuxo contrário à gravidade surgirá, qual uma antigravidade. A pessoa vivência dentro de si uma força que realmente a afasta da Terra ao invés de prendê-la a ela. Essa força é a mesma que, além da luz refletida, emana da Lua.

Na vida normal, o homem é exposto à gravitação terrestre que o atrai para baixo, prendendo-o à Terra. Se o carma, ligado às forças da natureza que atuam dentro do homem, subtrai este à gravidade terrestre durante alguns momentos, as forças lunares começam a atuar como uma antigravidade ou 'antigravitação'. Sob sua influência o indivíduo, embora adormecido, começa a perambular; em seus corpos físico e etérico ficam expostas aquelas forças que têm afinidades com as numerosas energias irradiadas da Lua para a Terra, além da luz solar. Essas forças atraem o homem, procurando arrebatá-lo constantemente à Terra. Nos momentos em que é dominado pelas forças antigravitacionais da Lua em vez de sê-lo pelas forças contrárias da gravitação terrestre, o homem começa então a perambular, qual sonâmbulo ou lunático. As forças que nele atuam são inteiramente diferentes das forças terrestres normais. Isso, porém, só se aplica ao estado atual da humanidade. Essas forças que só se vêem no sonâmbulo são atualmente anormais; se o chamarmos pelo nome quando ele, sob influência das forças lunares, estiver perambulando sobre o telhado, ele cairá — voltará ao campo de ação das forças terrestres e cairá porque nomes como os que se costuma dar hoje aos homens não eram dados em épocas passadas; o que aí atua no homem, isso sim, era normal em outras épocas. Quem tem uma visão clara de toda a situação percebe que o homem em estado hoje dito normal se relaciona com as forças terrestres atuais, enquanto o lunático lhe faz ver a relação da evolução humana com a evolução cósmica e, em particular, com a época em que essa evolução é lunar.

No momento em que adentra o âmbito da época lunar, a pessoa se comporta como se vivesse não no plano físico da Terra, mas no mundo astral; só que o astral se transmite a seu corpo físico, utilizando-se dele. Aquilo que hoje lembra essa influência astral sobre o físico era outrora uma fase da evolução cósmica, a fase lunar, e *voltará* a sê-lo; só que o homem será capaz de andar em estado consciente sobre planos inclinados, tal como hoje só as moscas sabem fazer. Isso aponta para o que existirá no futuro, na fase jupiteriana. Ao estudarmos o lunático, o sonâmbulo, o fenômeno físico que se nos oferece equivale a uma experiência evidenciada pela natureza, que nos demonstra o ocorrido conosco durante a época lunar — não numa matéria físico-carnal, mas numa substância infinitamente sutil —, bem como o que nos estará esperando quando, plenamente conscientes, tivermos aprendido a dominar a substância física no estado futuro de Júpiter. O sonambulismo aponta, pois, tanto para o passado como para o futuro da evolução cósmica.

Estamos, pois, lidando com homens que podemos chamar de lunares; e tais homens lunares, em determinados momentos de sua vida, tornam-se sonâmbulos.

Assim como, em sono, o sonâmbulo se move no imponderável, o homem pode fazê-lo espiritualmente com plena consciência, desde que tenha a energia para manter-se completamente imóvel. Enquanto o sonâmbulo tem de seguir os impulsos lunares aos quais está inconscientemente entregue, executando os movimentos que lhe são impostos, a pessoa que possui a clarividência exata e consciente retém qualquer movimento. Deixando de executar quaisquer movimentos, ela os retém, e os mesmos se metamorfoseiam em intuições. Portanto, as intuições — estado mais elevado da

clarividência exata — consistem em deter o que o sonâmbulo tem de realizar pelo fato de ficar abandonado às forças com as quais se identifica. Quem metamorfoseia esses impulsos não se perde nas forças lunares físicas; ele as retém e consegue, desta forma, alcançar a intuição, desde que se abandone intimamente ao âmbito espiritual correspondente.

Convém portanto analisar, de um lado, a relação entre a evolução cósmica e esses homens lunares e, de outro, os clarividentes, que de certa forma são o contrário dos sonâmbulos. Os que agem instintivamente são os sonâmbulos ou lunáticos, enquanto os clarividentes intuitivos e exatos são os que se mantêm ativamente imóveis, protegidos contras as influências da Lua. É isto o que nos revela, neste ponto, a relação do homem com o mundo.

O segundo tipo que pretendo mencionar é o 'Jakob Boehme'. Devido a seu carma natural, Jakob Boehme enfrentava em certos momentos, em estado consciente, a espacialidade escura no lugar do mundo iluminado pelo Sol. Conforme eu já disse, não se trata só da escuridão, oposta à luz, mas do silêncio de todas as qualidades sensoriais. Jakob Boehme enfrentava, em certos momentos, em lugar do claro o escuro, no lugar dos sons o silêncio e no lugar do calor algo indiferente ou até o frio, que se poderia chamar de anticalor, etc. De forma que, ao se observar seu estado por meio de inspiração, concluía-se ter ele diante de si, em certos momentos, sem perceber a si próprio, a absoluta escuridão em lugar do espaço ensolarado.

Pessoas capazes de ter essa vivência sem estar conscientes dela, de modo a sentir-se participantes do mundo iluminado pelo Sol mesmo ao cair num sono leve, tais pessoas têm o dom da deuteroscopia ou segunda visão. Jakob Boehme o possuía em alto grau, embora sua segunda visão tivesse a particularidade de abranger não detalhes do mundo terrestre, e sim a configuração da Terra toda. Como era sua maneira particular de ver o mundo?

Fazendo um desenho esquemático, podemos dizer que pessoas comuns se defrontam aqui com a luz do Sol. Jakob Boehme tinha diante de si a escuridão, o silêncio dos sentidos além daquele ponto onde normalmente os raios da visão se cruzam enquanto fixam um objeto, próximo ou longínquo, situado além desse ponto; ou também além do ponto em que colocamos a mão direita sobre a outra, tendo uma sensação não de algo exterior, mas de nós mesmos, como se aí houvesse uma parede. Imaginemos intensamente a presença dessa escuridão à nossa frente. Isso corresponde a uma situação concreta. Se temos perto de nós um espelho, não enxergamos o que está atrás dele, mas só o que se acha à sua frente. O mesmo ocorre, transposto para o espiritual, em alguém que tenha a visão de um Jakob Boehme. A escuridão atua como uma parede refletora que espelha o mundo terrestre em sua espiritualidade. Se fôssemos indivíduos do tipo Jakob Boehme, em certos momentos da nossa vida olharíamos para a escuridão e, pelo fato de esta refletir o que há de espiritual na existência terrestre, veríamos a constituição espiritual da Terra, aquilo que ocorre na vida terrena.

Em Jakob Boehme havia uma poderosa segunda visão. Outra pessoa pode ter, em certos momentos, a visão da escuridão que lhe esconde a luz física e lhe proporciona a percepção do espiritual. Aí pode ocorrer que tal pessoa, desde que saiba manejar corretamente o espelho constituído pela escuridão, tenha, embora estando na Europa, a visão dos atos ou mesmo dos pensamentos de um amigo na América, devido à comunicação interna existente entre tudo o que é terreno. O que se percebe com os olhos, com os sentidos físicos, é principalmente um efeito do Sol. Mas existem efeitos solares ocultos, atuantes nos minerais, nos vegetais, nos animais e também nos homens. E, devido a esses efeitos ocultos que possuímos, uma pessoa na Europa está em comunicação com os efeitos solares ocultos vivenciados por um amigo domiciliado até na América.

Essas comunicações atuam no carma. O destino faz com que muitas pessoas realizem, pelo casamento, por uma amizade ou pelo amor, um encontro com outra pessoa que esteja, em determinada época, vivendo na América; as influências ocultas do Sol atuam nos efeitos cármicos que se realizam na Terra. Aí os efeitos ocultos do Sol tornam-se visíveis como que num espelho.

Isso acontece particularmente em pessoas que vivem confinadas em ilhas, vales e outras regiões favoráveis; aí a segunda visão pode estar presente em todos os habitantes de uma região. A razão desse fato é a maior facilidade de tais pessoas isoladas para perceber a comunicação interior e espalhar a escuridão em seu redor, em determinadas áreas; daí o *second sight* dos escoceses, a segunda visão da Westfália, tão bem descrita por Oberlin[8] a respeito do *Steintal* ('Vale das Pedras') na Alsácia, etc. Tais fenômenos aparecem em regiões privilegiadas. Os efeitos que se manifestam na Terra, autênticos como os que acabo de descrever, devem ser julgados, por serem efeitos ocultos do Sol, de forma diferente do que se costuma fazer nesta época materialista.

Nesta época materialista, certas pessoas discutem sobre a existência ou não do Rei Artur, questionando se ele foi real ou lendário; tais pessoas até se julgam muito inteligentes. Quem está a par da situação total fala de modo bem diferente. Para este as pessoas que duvidam da existência do Rei Artur são muito mais lendárias do que o Rei Artur! Para quem discerne as realidades, aquele cientista que duvida da existência do Rei Artur é, não obstante sua presença física, uma lenda maior do que o próprio Rei Artur. Por isso tais homens que possuem a segunda visão, fenômeno manifesto em grau extremo em Jakob Boehme, são homens solares de um tipo especial. Assim como o homem comum percebe os efeitos solares no mundo exterior por meio de seus olhos, estes são permeados interiormente pelas forças solares ocultas. Enquanto o primeiro tipo era constituído por homens lunares, os indivíduos do tipo Jakob Boehme, dotados de segunda visão, são homens solares; como tais eles carregam, devido a seu carma natural, algo que atualmente é anormal mas que, não obstante, corresponde à realidade. Mais uma vez: aquilo que hoje em dia é anormal era normal em certos tempos.

Imaginando o que os homens com segunda visão são capazes de perceber, pensando nas forças solares ocultas que os permeiam, somos levados a constatar o seguinte: o que hoje é anormal, isto é, a convivência com os efeitos ocultos do Sol, era normal numa época passada da evolução terrestre, e voltará a sê-lo. Era normal naquela era da evolução que chamamos de ciclo solar. Nessa era que precedeu o ciclo terrestre, era normal o homem olhar para as trevas como para um espelho a refletir-lhe tudo o que fosse espiritual. Toda a Terra passou, outrora, por aquela fase da evolução que fez do homem solar um ser existente numa matéria sutil e levíssima. Nessa fase, ele vivia num estado de consciência reduzida e embotada.

Isso voltará a ocorrer um dia. Mas então o homem terá, em estado de plena consciência de vigília, a capacidade de irradiar as trevas para seu ambiente, projetando dessa forma, para si próprio, a imagem espelhada de todo o Universo.

Chegamos então a uma fase futura da evolução que chamarei de época de Vênus. Para alcançar essa segunda visão, o homem deve abandonar sua sensorialidade e sua sensibilidade ao aspecto físico do mundo ambiente, dando ênfase à sua sensibilidade livre. Isso pode ser conseguido de uma forma totalmente interior, embora esse caminho não deixe de oferecer perigo. Pode também ser conseguido exteriormente (não aconselho isso a ninguém, apenas quero relatar o fato) se a pessoa fixar um objeto muito brilhante; dessa forma se provoca a fascinação. A sensibilidade exterior fica um pouco paralisada, e com

[8] Johann Friedrich Oberlin (1740-1826), pastor protestante. (Cf. N.E. orig.)

isso a interior se manifesta, dando eventualmente ensejo ao aparecimento da segunda visão. Em tempos passados, a segunda visão foi sistematicamente provocada em certas circunstâncias. Relatos que tratam do assunto mencionam o assim chamado 'espelho mágico'. Os espelhos mágicos constituíam instrumentos para provocar a fascinação e um embotamento da sensação exterior, com o aparecimento simultâneo de uma sensação interior. A reflexão espiritual era, portanto, provocada pelo instrumento do espelho físico. O importante não era o que se via no espelho físico, mas sim o embotamento da sensação exterior, assim como a sensação interior obtida por seu intermédio. Isso fez nascer a crença de que se podia ver no próprio espelho os sentimentos e pensamentos de amigos longínquos, etc. Na realidade, o que se via era o próprio estado da alma, obtido por meio do espelho exterior e material.

Quem tem essa visão percebe realidades. Percebe o espiritual que atua nos reinos da natureza, e isso estabelece também uma certa comunicação entre ele e tudo o que, na Terra, é afim com o Sol.

Se quisermos realmente compreender os escritos de Jakob Boehme, teremos de entendê-los do ponto de vista segundo o qual seu conteúdo resulta de uma segunda visão maravilhosa e complicada.

Uma outra personalidade, Paracelso[9], era constituído de um modo semelhante e, ao mesmo tempo, um pouco diferente. Além da sensação, possuía ele um intelecto mais forte que o levava a interpretar as imagens de sua própria segunda visão. Não se alteram os objetos físicos-sensoriais quando se reflete sobre eles, pois o intelecto é impotente diante da constituição dos objetos físicos. Porém ele não é impotente contra o que se percebe por meio do espelhamento acima descrito. Perceber de forma pura a constituição íntima do mundo mediante a segunda visão só foi possível a alguém como Jakob Boehme, que podia abandonar-se às coisas exteriores de uma forma totalmente desinteressada. Qualquer linha da obra de Jakob Boehme nos fala do imenso amor que vivia nele e com o qual ele enxergava tudo — amor que também penetrava em sua concepção das imagens refletidas do elemento espiritual contido no Universo. Dessa maneira os reflexos, espécie de imaginação do espiritual, permaneciam nele perfeitamente puros.

Em Paracelso, dotado de forte intelectualidade, as imagens refletidas eram modificadas pelo intelecto. Lembrem-se os Senhores de que é possível modificar as imagens dos objetos refletidos num espelho material; basta olharem para seu rosto refletido por uma 'bola refletora' de jardim.[10] Com certeza não gostariam de possuir um rosto tal qual o vêem nessas bolas! De maneira análoga, a intelectualidade altera, de certa forma, a superfície refletora quando alguém dotado da intelectualidade de um Paracelso olha para ela. Mas ao mesmo tempo isso permite que se penetre mais profundamente nas forças interiores.

Por isso Jakob Boehme, que desenvolveu ao máximo a contemplação amorosa das coisas, tornou-se um espectador contemplativo; Paracelso. mais inclinado às forças interiores, deformou e manipulou as imagens refletidas, chegando antes às forças terapêuticas ocultas nas coisas como forças solares.

Quando aprendemos a dominar conscientemente as forças solares ocultas em nós, isto é, quando não usamos a escuridão para ver imagens refletidas, e sim para conduzir às trevas aquela luz físico-espiritual interna à qual ascendemos por meio da meditação, da concentração, etc; quando conseguimos preencher com as forças solares ocultas o espaço iluminado exteriormente pelo Sol físico, se nos tornamos anímica e espiritualmente

[9] Theophrastus Bombastus Paracelsus von Hohenheim (1493-1541). (N.E.)

[10] Existia, no tempo de Rudolf Steiner, o costume de colocar nos jardins bolas opacas de vidro colorido, de superfície extremamente polida e que refletiam a luz solar, para 'embelezar' os jardins. (N.T.)

resplandecentes, ao mesmo tempo iluminado o que se acha ao nosso redor, surge então a imaginação consciente. Essa imaginação consciente traz à superfície, de forma consciente tal como no conhecimento normal, fenômenos como aqueles descritos por Jakob Boehme, que era um homem solar, embora tivesse um domínio mais reduzido sobre o mundo dos conceitos, etc.

Assim como a intuição está relacionada com as forças lunares escondidas no homem — forças que ele desenvolveu quando era sonâmbulo e que ora são retidas —, as imagens refletidas projetadas pela escuridão espiritual se transformam em imaginação consciente. Quando essas imagens não são acolhidas, mas penetradas — quando, em vez de olhar para elas e deixar-nos dominar por elas, atravessamo-las reagindo à segunda visão em sentido contrário —, forma-se a imaginação consciente.

Como o tipo sonâmbulo vive nas forças lunares e o tipo Jakob Boehme nas forças solares, um terceiro tipo vive nas relações de calor e de frio que sempre estão presentes no espaço, na proximidade e a uma distância maior em torno da Terra. Em sua vida normal, o homem está habituado a essa presença do calor. Existe, porém, uma sensibilidade muito íntima e sutil que não é afetada pelas condições térmicas exteriores, mas possui uma receptividade muito grande a certos efeitos ocultos de calor ou de frio que atravessam o espaço cósmico. Em dado momento de sua vida, Swedenborg alcançou essa capacidade de perceber esses efeitos de calor e de frio que existem no espaço cósmico, além dos efeitos físicos habituais de calor ou de frio. Essa capacidade, essa sensibilidade pelas condições térmicas do espaço cósmico ao redor da Terra nasceu em Swedenborg pelo fato de ter ele sido, até aquela idade, um excelente cientista, dentro da ciência de seu tempo. São numerosas as obras de Swedenborg no campo da ciência oficial.[11] Essas obras não foram todas logo publicadas, mas existe atualmente uma sociedade de cientistas suecos que pretende editar, em muitos volumes, todos os seus escritos póstumos no campo da ciência. Não obstante, Swedenborg dá a tais cientistas alguma dor de cabeça. Temos de admitir que suas obras fizeram dele, evidentemente, uma das personalidades mais geniais de sua época. Mas em dado momento de sua vida ele se tornou clarividente, isto é, bobo, segundo a opinião dos que hoje, oficialmente, editam suas obras.

Vejamos um pouco qual foi a vidência superior que se desenvolveu em Swedenborg depois de ele haver concentrado em si todos os conhecimentos científicos de seu tempo; temos de analisar de que forma Swedenborg se tornou 'bobo' para o mundo científico oficial.

Analisando a personalidade de Swedenborg, constatamos que ele se tornou tão 'bobo' em conseqüência de um intenso amor que sentia, ao redor dos seus quarenta anos, por tudo o que tinha aprendido. Mais do que qualquer outra pessoa, Swedenborg passou a amar o saber, o conhecimento. Esse amor fez com que ele conseguisse, em dado momento de sua vida, ter uma visão do mundo espiritual e tornar-se sensível às correntes térmicas no espaço cósmico.

Essas correntes não estão relacionadas nem com a Lua nem com o Sol, mas com Saturno — astro que, de certa forma, brilha modestamente no espaço cósmico. Essa radiação modesta peculiar de Saturno, em nosso sistema planetário, produz as forças ocultas que chegaram a permear Swedenborg.

[11] Swedenborg possuía uma abrangente erudição no campo das ciências naturais, tendo feito ainda significativas descobertas mecânicas. Escreveu obras sobre álgebra, astronomia, marés, mineralogia e geologia: *Opera philosophica et mineralogica* (1731), *Oeconomia regni animalis* (1740-41), *Regnum animale* (1744-45). (N.E. orig.)

Em conseqüência disso, ele passou a ter uma sensibilidade particular para o vazio, em lugar da plenitude que nos rodeia em nosso mundo sensorial. Um dia essa sensibilidade para o vazio nasceu nele instintivamente, sem que ele a tivesse procurado. Swedenborg não passou por uma evolução tal como descrevi em *O conhecimento dos mundos superioras (A iniciação)*. Esta nasceu nele como que por um instinto sutil, mais elevado. Ele conseguiu então olhar para aquele mundo — não o físico-sensorial — que só se abre a quem se permeia com as condições de calor e de frio existentes no Universo como resultado da radiação de Saturno.

Para quem lê o que Swedenborg expôs como resultado de sua vidência, o conteúdo representa como que experiências terrestres refinadas ou eterizadas. Os espíritos que ele vê — anjos, arcanjos, etc. — movem-se livres de ponderabilidade e similares, mas não deixam de fazê-lo de forma quase igual à dos seres terrestres. Podemos perguntar: seria um mundo real o que foi visto por Swedenborg? — ou seria apenas algo que ele projetou no vazio, a partir da plenitude que nele reinava? Não se trata nem de uma nem de outra coisa; trata-se de algo bem diverso. Além do mundo que vemos com nossos sentidos físicos e daquele, etérico, que percebemos em segundo lugar, existe ao nosso redor um mundo exclusivamente espiritual onde vivem e se movimentam seres espirituais atuantes que nunca descem à Terra. Mas essas entidades, cuja atividade se desenrola no mundo espiritual, interferem na vida terrestre. Para isso transmitem ao éter da Terra aquilo que fazem no próprio mundo espiritual. Desenhado esquematicamente, temos aqui a Terra envolta e até permeada por seu éter terrestre. Externamente — só posso fazer um desenho espacial, mas na realidade o fenômeno é extra-espacial — está a região das entidades que atuam espiritualmente. Esta região dos seres espiritualmente ativos se estende até o âmbito terrestre. Aquilo que a Terra é ela o deve à atuação dos seres espirituais.

Essa atuação irradia para a Terra, mas dali é refletida e vai gravar-se no éter. As forças que encontramos no éter terrestre são, de fato, realizações do espiritual que se acha numa zona mais elevada. Olhando para o éter terrestre ao nosso redor, encontramos a atividade de seres espirituais sob forma de imagens etéricas, já que a própria atividade emana de uma região mais alta. Aquilo que circunda diretamente a Terra é a atividade projetada para baixo ou, antes, refletida para a Terra e por esta para o éter terrestre. E como se as imagens refletidas não permanecessem apenas como tais, mas começassem a desenvolver uma atividade própria. Temos, pois, ali [no desenho] uma atividade espiritual retransmitida da Terra ao éter. Esta atividade espiritual é uma real projeção da atividade espiritual.

Assim como Jakob Boehme viu num espelho aquilo o que se passava no homem ou na natureza, para Swedenborg a própria Terra se transformou num espelho que refletia, para o éter, as imagens da atividade do mundo espiritual. É tão legítimo dizer "Swedenborg não viu o mundo espiritual" como "Foi o mundo espiritual que ele viu" — pois trata-se de uma imagem refletida, sendo que a própria Terra tem função de espelho. Trata-se de algo verdadeiro, porém do verdadeiro espelhamento de uma verdade exterior ao sujeito.

Eis o que Swedenborg viu: no éter da Terra ele observou como os seres supra-terrestres desenvolvem forças suscetíveis de desempenhar uma função na vida do homem e na vida terrestre em geral. Ora, esses impulsos etéricos, que não são anjos ou arcanjos, mas forças que vibram no éter, têm uma função importante na vida humana e na Terra. Hoje em dia seria anormal alguém poder observar as forças ocultas que plasmam, no éter que circunda a Terra, uma imagem etérica dos arquétipos espirituais superiores. Porém isso era normal numa época anterior da evolução que precedeu a época solar e que pode

ser chamada de saturnina, ou seja, do antigo Saturno. Ao mesmo tempo, tomamos consciência de que, uma vez decorrida a fase de Vênus, haverá uma época de Vulcão.

A Swedenborg, uma forma particular de vidência mostrou a Terra em sua existência anterior tal como se manifestava a homens daquela época, e a Terra em seu aspecto futuro. Ora, quando alguém consegue impregnar com sua consciência o que Swedenborg viu no éter sob forma de imagens — em outras palavras: se a própria plenitude do observador se opõe ao vazio do espaço cósmico, os seres que se refletiram etericamente na vivência de Swedenborg desaparecem da visão etérica; passam, porém, a ser audíveis ao ouvido espiritual. Eliminados como imagens visionárias, esses seres vêm a ser inspirações que emanam do mundo espiritual e são ouvidos por nossa consciência.

Em outros termos: quando se obedece às advertências do guardião do limiar, coisa que Swedenborg era incapaz de fazer, a imaginação inconsciente, que nele se manifestava numa imagem etérica, transforma-se em inspiração astral, que no homem pode tornar-se plenamente consciente.

Com isso eu lhes mostrei a diferença entre os estados inconscientes de um sonâmbulo, de um 'Jakob Boehme' e de um 'Swedenborg', bem como o que se pode conquistar por meio da intuição, da imaginação e da inspiração.

A seqüência desta palestra teve de ser diferente da normal, pois eu a formulei a partir do Cosmo. Quando não nos orientamos por nomes, mas pelos fatos, a ordem tem de ser alterada de acordo com o ponto de vista adotado, da mesma forma como uma observação em perspectiva pode às vezes modificar a ordem dos objetos: se estou entre duas pessoas, tenho uma à minha frente e a outra atrás de mim; se, porém, estou em frente à primeira, ambas estão diante de mim. Assim, os fenômenos no espaço cósmico também se modificam conforme os pontos de vista que adotamos.

Por esse motivo existem em minhas conferências ordens diferentes para as mesmas coisas, pois estas têm de ser descritas de vários pontos de vista. Quem não discernir esse fato e apenas raciocinar de forma abstrata achará que reina aí grande incoerência. Só os que fazem relatos com base em suposições podem tão facilmente fazer afirmativas que mesmo um intelectual ache corretas. Quem baseia seus relatos na realidade tem também de aceitar esta verdade: a realidade pode apresentar-se contraditória quando encarada de vários pontos de vista.

26 de agosto de 1923

As vivências oníricas como presságios das vivências após a morte

Ao discutirmos sobre a relação entre o sono e a vigília, de um lado, e a divisão do ser humano, de outro, constatamos que o sono traz ao homem uma cisão profunda de sua existência terrestre. As considerações destes últimos dias nos têm mostrado que devemos distinguir nele uma parte fisicamente perceptível aos sentidos — o corpo físico — e outra, fisicamente imperceptível, que pode apenas ser vista por meio da imaginação — o corpo etérico ou corpo de forças plasmadoras. Este contém as forças vivas que fazem o homem crescer e provocam os processos de alimentação, de constituição, etc. Mas este corpo etérico contém também todo o sistema dos nossos pensamentos, conforme aprendemos há pouco. Integrados nesses corpos físico e etérico ou vital acham-se os dois membros superiores da entidade humana, ou seja, o corpo astral e a organização para o eu (conforme eu já disse antes, não devemos ficar chocados com a terminologia empregada). Enquanto o homem vive sua vida diurna, esses quatro membros estão integrados, intimamente unidos numa atividade comum. Quando ele adormece, o corpo astral e o eu

se separam dos corpos físico e etérico, e estes ficam, de certo modo, no leito, ao passo que os dois outros penetram num mundo puramente espiritual. Entre o adormecer e o despertar o homem se acha, pois, cindido em seu ser: de um lado a organização física e etérica está retendo todo o mundo dos pensamentos e, de outro, existem a organização para o eu e a astral.

Creio que alguém manifestou, durante estes dias, a seguinte apreensão: se a totalidade dos pensamentos permanece durante o sono na organização etérica, não seria possível exercermos uma influência sobre o estado de sono por meio dos pensamentos que são captados exclusivamente durante o estado de vigília. A pessoa em questão teve quase uma espécie de medo ao pensar que a força dos pensamentos não levados para o sono seria perdida se, por exemplo, alguém vazasse em pensamentos quaisquer votos em prol de seus próximos, ou se seus pensamentos se dirigissem a uma pessoa adormecida. A essa observação eu gostaria de responder por meio de uma imagem.

Ninguém que queira atirar num alvo tem de jogar seu fuzil em direção ao alvo. Ele atira a carga e fica com o fuzil na mão. Não podemos afirmar que nada vai em direção ao alvo só pelo fato de o atirador ficar com a espingarda. De forma análoga, os pensamentos do estado de vigília não deixam de ter sua influência sobre a vida de sono pelo fato de, em vez de mandá-los para o sono, nós os retermos no corpo físico e etérico. Num assunto tão sutil como este, devemos raciocinar sempre com a maior precisão; no mundo físico, tal rigor do raciocínio nunca seria necessário porque a realidade do mundo ambiente logo nos corrigiria. Mas de tudo o que foi dito aqui nestes dias resulta haver uma ligação muito mais íntima entre o corpo etérico e o corpo físico do que, por exemplo, entre o corpo etérico e a organização astral. Com efeito, os corpos físico e etérico permanecem juntos durante toda a vida terrestre. Eles nunca se separam, nem durante o sono. Já os corpos etérico e astral têm de separar-se nesse período.

De outro lado, existe uma íntima relação entre o eu e a organização astral, pois ambos tampouco se separam durante a vida terrestre. Em compensação, a ligação entre os corpos astral e etérico é mais frouxa, permitindo que sua separação se realize. Isso tem um efeito bem definido na vida terrestre e, também, na extraterrestre. Quando estamos em estado de vigília, avivamos nossos sentidos por meio do eu, e nosso sistema nervoso por meio do corpo astral; o resultado dessa atuação é transmitido aos corpos etérico e físico, pois quem quer viver no mundo físico deve enviar, tudo o que vivência, no eu e no corpo astral, ao corpo etérico e ao corpo físico. Por isso o materialismo crê ser o corpo físico tudo o que existe no ser humano, pois de fato tudo deve gravar-se no corpo físico, manifestando-se na vida entre o nascimento — ou melhor, a concepção — e a morte.

Contudo esse trabalho de incorporar as vivências da vida terrestre nos corpos físico e etérico não se realiza sem obstáculos. Nunca somos capazes de incorporar sem maiores dificuldades, nos órgãos dos corpos etérico e físico, aquilo que vivenciamos por meio dos sentidos e aquilo que introduzimos em nosso sistema nervoso diretamente pelo pensar. O que nós acolhemos do mundo físico exterior tem, no início, uma forma ou estrutura íntima tal que se assemelha à existência exterior. Ao percebermos, por exemplo, algo que tem forma angulosa, surge em nosso eu e em nosso corpo astral a vivência do anguloso. Esta, porém não pode ser diretamente assimilada pelo corpo etérico, que resiste contra o recebimento daquilo que vivenciamos em contato com o mundo exterior. Para elucidar esses aspectos complexos, somente a cognição imaginativa pode interferir. A observação sensorial comum, as experiências sensoriais realizadas em pessoas ou os raciocínios intelectuais não bastarão para termos uma visão do processo que consiste na transformação imprescindível daquilo que percebemos pelos sentidos a fim de torná-lo apropriado para continuar a existir nos corpos etérico e físico, de modo que possamos

separar-nos dessas vivências durante o sono. Só quando somos capazes de observar a relação entre a vigília e o sono é que chegamos a constatar existir na vida uma luta contínua. Quando temos a impressão ou a vivência de algo exterior, não podemos logo transmiti-la aos corpos físicos e etérico porque, para voltar ao exemplo um pouco rude, a vivência do objeto anguloso deve primeiro ser arredondada, adquirindo dessa maneira uma forma mais adequada aos corpos em que deve penetrar. Deve ocorrer uma transformação profunda.

Essa conversão de algo tão sutil quanto nosso eu e nosso corpo astral numa formação plástica capaz de existir no etérico e num movimento plasmador capaz de continuar no corpo físico — essa transformação produz uma luta interior desapercebida à nossa consciência humana atual; mas quem possui a cognição imaginativa pode observar essa luta que, via de regra, dura de dois a três dias. Temos de dormir duas ou até três vezes depois de uma vivência até que esta se entrose nas outras vivências já gravadas nos corpos físico e etérico. É preciso que se durma duas ou três vezes após. E o mundo dos sonhos é a manifestação exterior — mas apenas exterior — dessa luta. Enquanto o homem sonha, seu eu e seu corpo astral vêm entrosar-se, conforme eu já disse, nos corpos etérico e físico, mas aí se detêm. Esse deter-se é uma manifestação da referida luta cuja duração é de aproximadamente dois a três dias. O fato de termos dormido uma vez depois de uma vivência ainda não basta para que esta se imprima suficientemente no corpo etérico. Esse implante no corpo etérico só se realiza após dois a três dias de sono. Vemos, pois, um constante entrelaçamento na região onde o homem aparenta uma ligação frouxa entre os corpos astral e etérico.

Ilustrando o que foi dito, por meio de um desenho elementar e esquemático, temos o seguinte: se isto é o corpo etérico e isto é corpo astral durante o sono, uma luta constante se desenrola no limiar durante o acordar e o adormecer; essa agitação viva que se manifesta exteriormente através do sonho significa, interiormente, o entretecimento das vivências nos corpos físico e etérico. Só depois de ter o indivíduo dormido duas, três ou até mais vezes após o acontecimento é que a vivência se junta às reminiscências já integradas nos corpos etérico e físico; o importante é que a vivência se transforma em reminiscência, que permanece na cama enquanto dormimos, por ser a expressão dos corpos etérico e físico no pensamento. Dentro de dois a três dias, a vivência passa a fazer parte das reminiscências.

A percepção deste processo é muito interessante para o conhecimento imaginativo. Já é bastante significativa a forma como se manifesta. Costumamos abordar as ocorrências exteriores dando-lhes determinados contornos, de acordo com as leis da natureza. Tudo o que compõe nossa existência terrestre é vivenciado, com certos contornos — eu diria —, numa forma naturalista. As leis da natureza dissolvem-se ao serem as vivências incorporadas ao etérico. Tudo o que aqui tem contornos definidos se transforma em algo imaginativo e maleável. O que é imóvel entra em movimento; o pontiagudo se torna arredondado. Tudo passa do que se vivência como intelectual para aquilo que se vivência como artista.

Eis a razão íntima pela qual, naqueles tempos em que os homens, conforme expliquei, ainda tinham uma vidência instintiva, a arte estava enraizada na vida de maneira bem diferente de hoje. Mesmo na Renascença, com Rafael e outros artistas, havia ainda tradições que lembravam aquela metamorfose do intelectual para o artístico — pois no momento em que se chega ao plano supra-sensível, o intelectual perde sua forma e se transforma em algo artístico. Enquanto insistem tanto no naturalismo e procuram produzir modelos de nosso mundo físico, os homens de hoje apenas mostram o quanto se afastaram do autêntico espírito artístico. A humanidade deve voltar à verdadeira atitude artística.

A vida humana se revela, pois, bastante heterogênea, de modo que se pode sempre dizer: se tenho hoje uma vivência, durante três dias ela fluirá para o corpo etérico; o que eu vivenciar no próximo dia chegará também ao corpo etérico uns dias mais tarde. Quanto ao corpo etérico, o homem termina, de certa forma, suas vivências apenas depois de dois, três ou quatro dias. Ao transpor o portal da morte, o corpo etérico se separa do físico — fato que nunca acontece durante a vida terrestre. Tudo o que foi entrelaçado ao corpo etérico volta, no prazo de dois a quatro dias, a dissolver-se nesse corpo etérico que se liberta de seu corpo físico. Essa dissolução dura tanto quanto durou a incorporação. A imaginação, que sabe julgar corretamente, mostra que o corpo físico mantém coeso, por sua resistência, aquilo que pouco a pouco se integrou no corpo etérico. Com o abandono do corpo físico constata-se, nos primeiros dias depois da morte, que tudo o que se entreteceu ao corpo etérico volta ao éter cósmico geral, dissolvendo-se. E o próprio homem vivência esse dissolver-se de todo o seu patrimônio de recordações dentro do referido prazo de dois, três ou quatro dias. Podemos chamar esse processo de abandono do corpo etérico. Mas esse abandono é, na realidade, uma expansão sempre maior das reminiscências; estas perdem a terceira dimensão e se tornam bidimensionais, pictóricas. E após haver transposto o portal da morte, a pessoa tem diante de si durante dois, três, quatro dias — o tempo varia de um indivíduo para outro — uma vista panorâmica global de sua vida. Ora, quem estudou botânica vê, pela observação de um germe vegetal, qual planta se desenvolverá dele; de forma análoga, quem alcançou o conhecimento imaginativo não precisa esperar a morte para perceber essa transferência do etérico, isto é, do conjunto das recordações, para o Cosmo: ele já a vê enquanto a mesma ainda existe sob forma de imagens; e essas imagens estão sempre presentes no homem. Se discernirmos corretamente a metamorfose das vivências terrestres, essa sua incorporação ao corpo etérico se nos manifestará como a preparação do que o indivíduo vivência durante dois, três, quatro dias após sua morte. A não ser que possua a cognição imaginativa, o homem vive, de forma mais ou menos inconsciente, a referida interiorização das vivências numa memória mantida coesa pelo corpo físico; logo depois da morte, ele vivência a exteriorização, a evolução e a transferência de todas as suas reminiscências para o Cosmo. O acervo de pensamentos que abandonamos entre o adormecer e o despertar passa, depois da morte, para o Universo e a este se liga. É isto o que, ao morrer, devemos entregar à existência cósmica. Essas coisas devem ser assimiladas não apenas com o intelecto, mas com o coração — pois diante de tal fato sentimos que o homem não deve ter uma concepção egoísta de sua própria existência, e sim compreender sua posição no mundo como a de um ser pensante cujos pensamentos não devem apenas ser guardados por ele, mas ser entregues ao Cosmo depois da morte, passando a ser forças atuantes no Universo. Quando pensamos bem, são bons pensamentos os que entregamos ao Cosmo; se pensamos mal, os pensamentos entregues ao Cosmo são maus. O homem não existe apenas para desenvolver-se como ser livre — isso ele deve fazer, e o pode na base daquilo que lhe concerne de uma maneira mais ampla —; ele existe também para constituir um ser em que os próprios deuses trabalham com o intuito de conduzir o Cosmo de uma época a outra. Eu diria o seguinte: os pensamentos que os deuses desejam entretecer ao mundo devem ser preparados pelo que é pensado e ponderado na existência humana individual. Eis o lugar onde os deuses devem cultivar os pensamentos de que precisam para fazer evoluir o mundo, incorporando-os ao Cosmo como os verdadeiros impulsos dinâmicos do Universo.

Entre o adormecer e o despertar o homem vive, quanto ao seu eu e sua organização astral, fora dos corpos físico e etérico. Como ser anímico-espiritual ele está, nesse estado, entretecido às forças espirituais que permeiam todo o Cosmo; está no mundo que —

expressando-me metaforicamente — existe fora de sua pele e do qual ele recebe apenas as impressões sensoriais, entre o acordar e o adormecer. Ele penetra, pois, no âmago das coisas que, durante o estado de vigília, lhe apresentam apenas sua face exterior. Contudo só poderá ser levado aos pensamentos do corpo etérico aquilo que a organização astral vivência quando está fora dos corpos físico e etérico. O que é vivenciado pelo eu não pode ser trazido de volta ao corpo. Por isso as vivências que o eu tem no sono permanecem subconscientes, por ocultarem-se à consciência comum e mesmo à consciência imaginativa durante a vida terrestre. Só aparecem à consciência inspirada, conforme expus em conferências anteriores.

Podemos, pois, dizer que o homem tem força suficiente — adquirida durante o sono — para transmitir ao corpo etérico aquilo que, de suas vivências, pode ser gravado nos pensamentos. Porém ele não possui, durante a vida terrestre, forças suficientes para o que o eu vivência durante o sono em matéria de desejos, de cobiças relacionadas com as vivências terrestres e também experimentados entre o adormecer e o despertar. Em nossa época, só passa ao estado de vigília aquela parte da vida noturna que pode ser transformada ou impressa em pensamentos. Em compensação, tudo o que o verdadeiro eu vivência durante o sono permanece escondido atrás do véu da existência.

Nesta altura surgem, para a consciência tanto imaginativa como inspirativa, dois fatos compreensíveis ao intelecto humano sadio e imparcial, porém que esbarram em enormes preconceitos justamente na civilização atual. Uma certa isenção de idéias pre-concebidas já é necessária para se compreender o fato de tudo o que no mundo físico é tridimensional (no fundo, tudo no mundo físico é vivido em três dimensões) passar, ao ser gravado no corpo etérico, da tridimensionalidade à bi-dimensionalidade, do plástico ao pictórico. É que no momento de chegarmos à imaginação estamos na presença de duas dimensões, e não de três nem de quatro, conforme supõe uma ciência dedutiva. A dificuldade em imaginar isso consiste no fato de estarmos habituados a contar, em nossas experiências terrestres, com três dimensões e a representar qualquer objeto sob forma tridimensional; passando de três dimensões para apenas duas, somos inclinados a achar que essas duas estão inclusas nas três: as duas dimensões de um plano podem ter posições variadas, de modo que voltaríamos a ter três dimensões.

Entretanto, não é esse o caso. Na realidade, a terceira dimensão nos é indiferente quando entramos no mundo imaginativo; não faz diferença se o plano está nesta ou naquela posição; a terceira dimensão deixa de ter importância no momento em que penetramos no mundo etérico imaginativo. Aos matemáticos eu diria, entre parênteses, que todas as equações deveriam ser transformadas, no caso do éter, de modo a levarem em conta um universo bidimensional, e não tridimensional.

Ora, quando queremos passar ao mundo acessível à inspiração, onde nosso eu se acha entre o adormecer e o despertar, esse mundo se nos revela como unidimensional. Lidamos então com um mundo que possui apenas uma dimensão. A ciência iniciática de todos os tempos consistiu na compreensão do mundo unidimensional ao qual se passava desde que existisse, como premissa, a capacidade de realmente ver o âmbito espiritual onde vivemos em sono.

Eu lhes contei de que modo as forças solares ocultas — não a força solar física que aparece como luz — se manifestam no tipo Jacob Boehme. Essas forças solares ocultas não se propagam em três dimensões — elas são percebidas apenas numa dimensão. Uma cognição iniciática mais antiga e mais instintiva conseguiu chegar até à inspiração; não tinha disso uma consciência clara, mas o conseguiu. E muitas tradições contidas em documentos de uma humanidade mais antiga só se nos tornam inteligíveis ao sabermos que se referem ao mundo espiritual unidimensional alcançado pela inspiração, isto é, às forças

solares e estelares ocultas à nossa vida terrestre comum. É nestas forças solares ocultas que vivemos entre o adormecer e o despertar, e não nas forças solares visíveis.

Essas forças solares escondidas atravessam, por exemplo, certas pedras que não são atravessadas pelas forças solares visíveis. Enquanto as atravessam, tornam-se unidimensionais. E quem alcança a vidência da inspiração — embora não possa ver a luz física — consegue ver as forças solares ocultas através das pedras normalmente opacas, pois estas se tornam permeáveis às forças solares ocultas e também às forças de inspiração.

Em épocas bem antigas da evolução humana, não era necessário recorrer a tais recursos; mas quando a antiga clarividência instintiva — base do velho conhecimento iniciático — estava declinando, os interessados recorriam a tais recursos que eram, por assim dizer, símbolos, a fim de ter a visão daquilo que não podia mais ser visto por meio de um conhecimento inspirado instintivamente. Os símbolos aos quais se recorreu podiam, por exemplo, ser os seguintes: — Imaginem os Amigos que se junte um certo número de pedras — vou desenhar primeiro uma vista de cima. Agora desenho uma vista lateral. Agora coloco uma pedra por cima, vista de lado. Se a disposição das pedras é feita de tal forma que os raios solares, em determinadas ocasiões, recaiam sobre a pedra de cobertura, esta reterá os raios físicos, mas deixará passar os raios ocultos.[12]

Quando alguém devidamente treinado se coloca lateralmente, vê os raios solares espirituais unidimensionais atravessar a pedra de cobertura e desaparecer no solo. Quando tal símbolo era colocado, da forma descrita, nas épocas em que a clarividência instintiva não conseguia mais perceber o fenômeno, o homem era capaz de ver, de lado, no pequeno espaço sombreado, aquele mundo dos raios solares espirituais dentro do qual dormimos a cada noite; conseguia, portanto, ver o mundo que atravessamos entre o adormecer e o despertar. Tais dispositivos que se encontram justamente nessa região eram, durante um tempo de transição bastante demorado, um meio pelo qual os sábios guias da humanidade procuravam penetrar nas forças solares ocultas, isto é, naquele reino em que um homem como Jakob Boehme penetrava instintivamente, pela simples observação dos objetos terrestres.

Quem vê, hoje em dia, tais conjuntos de pedras nos lugares apropriados só consegue decifrar seu sentido por meio da Ciência Espiritual. Sem esta os homens tratarão os mesmos fenômenos deste tipo com uma certa superficialidade, contentando-se com uma explicação exterior que não chega ao âmago do problema.

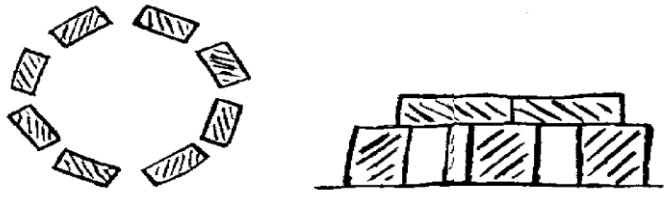
As pedras podem também ser colocadas em círculo, para que se possa observar a diferenciação dos raios solares espirituais, de acordo com os vários signos do zodíaco.

Tentei tornar compreensível o mundo em que vive o nosso eu entre o adormecer e o despertar. Esse mundo não é mantido coeso pelas forças dos nossos corpos físico e etérico; mas são estes que proporcionam ao homem a clara consciência e dão origem aos julgamentos que cunhamos de acordo com nossos sentimentos e também com nossa

---

[12] O conferencista se referia aos círculos de dolmens ou *cromlechs,* tal como foram achados em Stonehenge, não longe do lugar onde foram proferidas as presentes conferências. Podemos imaginar que os referidos desenhos de Steiner tenham sido mais ou menos os seguintes:

vista de cima *vista lateral*



(N.T.)

vontade a respeito de nossas ações, de nossas vivências interiores e de nossos pensamentos. Julgamos nossa vida durante o estado de vigília de acordo com os pensamentos que fomos capazes de gravar em nossos corpos físico e etérico. Mas não é só o nosso eu que toma posição diante do que vivenciamos e fazemos. É o Cosmo espiritual inteiro que julga e denomina boa ou má uma ação, um pensamento ou um sentimento. Os juízos entre o despertar e o adormecer, a respeito do que somos como homens, são emitidos por nós mesmos. Mas é entre o adormecer e o despertar que o eu observa a opinião concebida a respeito do seu ser e dos seus atos pelo Cosmo, pelo cerne espiritual do Universo que contém o elemento moral qual lei da natureza. Seja qual for a duração do sono, o eu recapitula tudo o que o indivíduo vivenciou desde o último despertar até o adormecer que conduziu a esse sono: a inspiração observa que isso acontece mesmo durante o sono mais curto. Considerando-se a alternância vigília-sono-vigília-sono, o homem revive no sono as experiências do último período de vigília.

Em se tratando de experiências do eu, estas permanecem inconscientes para a consciência terrestre comum; porém a inspiração pode torná-las conscientes. Aí percebemos que elas são revividas em sentido contrário à seqüência normal do tempo. Excluindo sonos mais curtos, podemos dizer que durante o sono noturno, começando pela noite e terminando pela manhã, vivenciamos as ocorrências que se desenrolaram da manhã até à noite; há um movimento retrógrado, e o que se vivência é a apreciação das nossas vivências diurnas pelo Cosmo espiritual.

Entretanto, isso não vem à consciência do homem atual durante sua vida na Terra. Deve, porém, fazê-lo sob pena de haver incompatibilização entre a existência humana e seu contexto cós mico. Ora, o conhecimento inspirado revela que uma nova forma de se ver a vida passada em retrospectiva começa depois do período em que o indivíduo teve, durante dois, três ou quatro dias, a visão panorâmica, isto é, a separação do corpo etérico durante a qual as reminiscências foram ampliadas e projetadas para o Cosmo.

A referida visão panorâmica apenas abrange as vivências que tivemos durante o dia, em estado de vigília. Mas isso não é tudo: tivemos também as vivências dos períodos de sono. A recordação comum sempre deixa de lado os períodos de sono. Olhamos para trás, recordamos as vivências do dia 25 de agosto de 1923, mas não as vivências interiores da noite. Esta foge à nossa consciência, de forma que colocamos logo depois do dia 25 os dias 24, 23, etc. até um período, posterior ao nosso nascimento, do qual não temos lembrança.

É isso o que se verifica durante dois a três dias depois da morte. Em seguida começa o período em que o anímico-espiritual, bastante fortalecido depois da morte, tornou-se capaz de vivenciar no mundo espiritual o que, anteriormente, só podia transformar inconscientemente em imagens nos diversos intervalos entre o adormecer e o despertar. Tudo isso se reapresenta sob forma de vivência, com a qual o homem perfaz aproximadamente uma terça parte de sua vida, pois é esse lapso de tempo que se costuma passar dormindo; portanto, a pessoa atravessa, depois de sua morte, um período em que revive suas noites em sentido contrário, durante um tempo que corresponde a um terço da vida passada. Então revive primeiro a última noite, depois a penúltima, a antepenúltima, etc. até o nascimento, ou antes, a concepção. Descrevi, de outros pontos de vista, esse percurso retrospectivo através de um mundo diferente quando relatei, em minha *Teosofia*, a passagem da entidade anímico-espiritual pelo mundo anímico.

Depois de haver percorrido o mundo anímico durante um período equivalente ao tempo passado em sono na Terra — uns sete anos, se morreu aos 20 ou 21 anos, uns vinte anos se chegou à idade de sessenta —, o homem está apto a perceber o que toda a sua entidade veio a ser nessa existência terrestre criada pelos deuses para que o mundo desse um passo à frente, com a ajuda do gênero humano. Até o término da recapitulação

invertida de suas noites, o ser humano experimenta apenas o que ele mesmo veio a ser e o que representa para o Cosmo. Nesta altura, ele tem de vivenciar o que aconteceu à própria Terra por meio de sua vida. Mas isso requer muito tempo — voltaremos a esse assunto na próxima palestra, com maiores detalhes — e preenche a metade do tempo entre a morte e uma nova vida terrestre.

Recapitulando as noites, acabamos chegando ao nascimento. Resta-nos então percorrer o caminho até nossa vida terrestre anterior. Podemos então abranger nossa penúltima vida terrestre, observando-a plasmar a futura, ou seja, uma terceira. O homem não deve, pois, remontar apenas até seu nascimento, mas até a vida precedente.

Com isso alcançamos uma região da antiga ciência iniciática — a qual deve ser atualmente renovada de acordo com as capacidades atuais do homem — em que o conhecimento foi transformado em vivência religiosa. Ora, a ciência da iniciação, que nunca deixa de ser conhecimento autêntico, conduz o homem do mundo sensível para o espiritual, induzindo sua vontade de forma que esta adquira caráter religioso. Aí a ciência iniciática de todos os tempos tem feito uma experiência muito importante que se revela ao conhecimento intuitivo, o terceiro dos que tenho caracterizado nestas palestras: é de suma importância para o homem empenhado em voltar, em sua recapitulação retrocessiva, até a vida terrestre anterior, encontrar em seu caminho qualquer ser que lhe possa servir de guia.

Em certa região da Terra, os homens se compenetraram da necessidade de assimilar, em sua nova vida, as doutrinas do último Bodisatva surgido na Terra. Digamos que um desses homens haja vivido trezentos anos depois do aparecimento do Bodisatva. Depois de sua caminhada de volta à vida anterior, essa pessoa chegou, após sua morte, àquela época em que o último Bodisatva esteve na Terra. A tal encontro com o último Bodisatva a antiga ciência iniciática atribuía a possibilidade de se estabelecer uma ligação com a vida precedente, pois só o restabelecimento de um laço com a encarnação anterior proporcionaria a força para a vida eterna.

Essa possibilidade de um encontro com os Bodisatvas, que desciam de certas regiões do mundo espiritual à Terra, cessou de existir a partir de determinado momento da evolução humana e cósmica. Hoje em dia não se teria a possibilidade de fazer a ligação com as vidas anteriores procurando-se voltar até elas depois de se ter recapitulado, após a morte, a última vida até o nascimento ou a concepção.

Nos últimos milênios antes do Mistério do Gólgota, esse reatamento era possível devido ao encontro com o último Bodiatva. Hoje em dia, essa caminhada só será proveitosa se for orientada por aquele que se uniu à Terra através do Mistério do Gólgota; em outras palavras, o homem deve ter, com o Mistério do Gólgota, um relacionamento tal que o Cristo possa ser seu guia, já que o Cristo resume em si todas as forças diretrizes que haviam existido previamente, para a vida entre a morte e o novo nascimento, sob a forma dos Bodisatvas que surgiam na Terra.

O Mistério do Gólgota revela-se, pois, como um dos fatos mais importantes de toda a evolução da Terra, no que concerne às vivências entre a morte e o novo nascimento. Querendo conhecer a evolução da Terra e sua posição no contexto da evolução espiritual do Cosmo, e querendo compreender as vivências do homem na vida entre a morte e o novo nascimento, em sua relação com o desenvolvimento espiritual da Terra e do Cosmo, devemos integrar o Mistério do Gólgota em toda a evolução cósmica. O homem de hoje deve progredir da observação da evolução humana para a evolução do Universo, incluindo nessa observação o Mistério do Gólgota em toda a sua importância capital para os acontecimentos da evolução terrestre e da evolução da humanidade dentro do âmbito terreno.

A próxima conferência versará sobre as experiências pós-morte do homem em relação com a evolução cósmica, à medida que a ciência iniciática moderna ainda pode revelar os fatos que se desenrolam depois da recordação das vivências noturnas.

27 de agosto de 1923

As vivências entre a morte e o novo nascimento

Na conferência anterior comecei a esboçar as vivências do sono consideradas como presságios das vivências pós-morte. Essas vivências do sono situam-se além do chamado limiar, muitas vezes mencionado nas conferências precedentes. Também aquilo que passarei a descrever são vivências reais que qualquer pessoa tem durante o sono, só que não afloram à consciência comum, manifestando-se apenas à imaginação, à inspiração e à intuição. Não devemos concluir que tais vivências, por não haverem chegado à nossa consciência, sejam inexistentes. Elas existem, e o homem as experimenta. A situação é semelhante à de uma pessoa que atravessa uma sala com os olhos vendados: ela não enxerga os objetos, mas tem de fazer o esforço de locomover-se e pode ter na sala várias experiências, só que não as vê. Da mesma forma, aquilo que vou descrever, com relação ao intervalo entre o adormecer e o despertar está mergulhado na escuridão, porque a consciência é cega para tais fatos. Mas, como dissemos, o homem não deixa de vivê-los, e as conseqüências das vivências noturnas fazem-se sentir no estado de vigília. De forma que só compreendemos corretamente a vida entre o despertar e o adormecer quando a encaramos como síntese entre os pós-efeitos do último sono e as realizações feitas durante o dia por meio dos corpos físico e etérico.

Ao adormecer, o homem sente uma espécie de angústia indefinida. Essa angústia não chega a ser representada e conscientizada, mas existe como processo no corpo astral e no eu, e o homem leva os efeitos de sua angústia noturna para o estado de vigília. Se não o fizesse, se essa angústia não atuasse durante o dia qual uma força nos corpos físico e etérico, o homem não conseguiria manter coesa sua constituição física de forma a poder, por exemplo, segregar corretamente sais e outras substâncias. A segregação, imprescindível ao organismo, é uma conseqüência da angústia subconsciente durante a vida de sono. Enquanto adormecemos entramos, pois, numa esfera de ansiedade.

Em seguida a alma passa a um estado correspondente a uma oscilação constante entre estados alternados de tranqüilidade e intranqüilidade; se o indivíduo tivesse essa sensação em plena consciência, sentir-se-ia cair numa espécie de desmaio e, depois, voltar a si. A angústia está, portanto, impregnada de uma oscilação entre consciência e perda de consciência.

Em terceiro lugar, o indivíduo que adormece tem a sensação de se achar diante de um abismo, de perder o chão de sob os pés, correndo o perigo de afundar a qualquer instante.

Vemos portanto que mesmo nesta vida, no momento de o homem adormecer, tudo começa a desprender-se do físico e mergulhar no moral. Com efeito, o segundo estado em que caímos só pode ser devidamente julgado quando admitimos a existência de leis morais cósmicas equivalentes às leis da natureza que atuam normalmente na Terra, e quando sentimos sua realidade com a mesma segurança com a qual sabemos que uma pedra cai ao chão ou que uma máquina a vapor é movida por este. Possuindo, na vida atual, apenas uma força limitada, o homem é impedido, por uma providência cósmica bondosa, de viver com plena consciência o que vivência inconscientemente a cada noite.

Acontece que o Universo é organizado de tal maneira que também as coisas que refulgem no maior brilho devem ter por fundo a dor, o sofrimento e a privação; e estes constituem o pano de fundo de tudo o que nos parece belo no primeiro plano. Isto é tão necessário no Universo como é o fato de a soma dos ângulos de um triângulo ser igual a 180 graus. Nestas condições, parece algo simplista perguntar: por que os deuses não organizaram o Universo de forma a produzir no homem sentimentos de prazer? O ser gera necessidades. Já o sabia, por exemplo, a antiga doutrina dos mistérios no Egito, que denominava como o mundo das três necessidades inexoráveis a percepção consciente do que surgia durante o sono — a angústia, a oscilação entre a segurança e a impotência e a necessidade de enfrentar o abismo. Por isso a doutrina iniciática egípcia, imbuída da antiga clarividência instintiva, afirmava: ao penetrar conscientemente no mundo em que entra inconsciente a cada noite durante o sono, o homem deve mergulhar na esfera das três necessidades inexoráveis.

As vivências que ali o esperam produzem nele um profundo anseio inconsciente. É a nostalgia do divino, que ele percebe como algo que preenche e impregna todo o Universo tal como ele ora o sente; pois o próprio Cosmo se dissolve numa espécie de formações nebulosas que se movem e pairam e nas quais, por assim dizer, ele se sente flutuar, embora também imagine que possa, a qualquer instante, perecer em meio a toda essa vida ondulante. O homem se sente aí entrelaçado com o divino que impregna e permeia o Universo. E o sentimento panteísta de Deus, que aparece em todo indivíduo sadio durante a vida diurna consciente, não passa de uma conseqüência, de um pós-efeito da vivência panteísta de Deus que se tem inconscientemente durante o sono. E o homem sente de fato sua alma preenchida por uma convicção íntima, embora inconsciente, nascida do medo e da impotência; mas ao mesmo tempo sente algo que lhe proporciona um ponto de apoio interior em lugar do ponto de gravidade exterior resultante de efeitos físicos.

As sensações que costumam invadir o homem quando este mergulha na esfera das três necessidades inexoráveis encontraram sua expressão na doutrina secreta dos rosa-cruzes. Deu-se aos discípulos uma interpretação das vivências que se seguiam imediatamente ao adormecer. Eles foram conscientizados da evaporação de suas vivências diurnas em formações nebulosas e, ao mesmo tempo, reveladoras de sua essência; de estarem eles próprios entretecidos a essas formações, envolvendo-se nelas em angústia e desfalecimento sobre um precipício. Mas ao mesmo tempo lhes foi lembrado terem eles encontrado algo que se podia exprimir por meio de três palavras: — *Ex Deo nascimur* —, as quais deveriam permear toda a sua alma.

É esse *Ex Deo nascimur* indefinido na consciência comum e tornado consciente nos discípulos dos novos mistérios que o homem experimenta ao passar do estado de vigília para o estado de sono.

Veremos mais tarde que esse *Ex Deo nascimur* desempenha ao mesmo tempo uma função histórica na evolução da humanidade. O que lhes estou descrevendo, porém, é a função pessoal e individual que desempenha na vida de cada ser humano nesta existência terrestre.

Continuando a dormir, o homem perde a costumeira visão do Cosmo que ele tem aqui na Terra; enquanto ele pisa na Terra as estrelas brilham no céu, o Sol e a Lua atuam sobre seus sentidos; mas em determinado momento do sono o mundo das estrelas como que desaparece: as estrelas deixam de ser formações físicas. Mas lá onde as estrelas antes apareciam aos sentidos como seres físicos, os gênios, espíritos ou deuses estelares se destacam, de certa forma, da irradiação, que desaparece. O Cosmo se transforma naquilo que a inspiração consciente passa a perceber — um Universo que fala e se manifesta por

meio da música das esferas e do Verbo Cósmico. Ao invés do Cosmo sensorial visível da Terra, nasce um Cosmo formado por seres que vivem o espírito.

Se pudesse conscientizar-se de suas vivências, o homem teria a sensação de que o Universo pronuncia um veredicto a respeito do que ele é devido a seus atos bons e maus. O homem sente-se em sintonia com o Cosmo por meio de seu próprio valor humano.

De início, porém, a sensação que o invade causa-lhe a maior confusão; se a experimentasse conscientemente, como ocorre na inspiração, ele a perceberia. O homem necessita de um guia. Esse guia aparece nesta era da evolução humana quando o homem consegue estabelecer em sua alma uma relação com o Mistério do Gólgota, criando nesta sua vida terrestre um laço com o Cristo, que passou por esse Mistério na pessoa de Jesus. E a sensação que o homem tem nesta época — descreverei amanhã os sentimentos que o invadiram em outras épocas — é a de que sua alma confusa se desintegraria na esfera em que ora penetra caso não tivesse como guia o Ser Crístico que lhe preenche as representações, os sentimentos e os impulsos do coração.

O Cristo que se aproxima e se transforma em guia, e que devemos imaginar tão relacionado com o Sol como o homem o é com a vida, é vivenciado da forma como uma escola de mistérios medieval fez sentir aos seus discípulos nestas palavras: *In Christo morimur*. Trata-se do sentimento de que a alma morreria se não esmorecesse em Cristo, o que transforma a morte anímica em vida cósmica.

É dessa forma que o homem se aprofunda no sono. Enquanto ele percebe as estrelas cósmicas como algo essencial, e enquanto se encontra nesse ambiente estranho, nasce nele o desejo de voltar à esfera da consciência, já que ele não pode despertar conscientemente na esfera em que se acha. Esta é a força que nos acorda. E temos a sensação — mais uma vez não advinda à consciência — de que graças a tudo o que absorvemos das estrelas, das divindades estelares, não despertamos desprovidos de espírito: trazemos para a existência diurna e corpórea o espírito que habita na alma.

Esse sentimento, o terceiro aspecto das experiências noturnas, também foi vazado num ditado transmitido aos alunos de uma escola medieval de mistérios: *Per Spiritum Sanctum reviviscimus*.

Portanto, a vivência do mundo espiritual além do guardião do limiar, desconhecido ao homem moderno, é realizado em três passos, a estes por sua vez gravam na alma humana a verdadeira trindade que permeia e vivifica toda a vida espiritual.

O que acabo de descrever-lhes, o homem o experimenta a cada noite sob forma de imagem. Nessa imagem ficam incorporadas, em sentido inverso, as vivências do dia. Assim como as novas vivências na Terra estão entrelaçadas aos fatos que ocorrem na natureza durante a vigília, nossa recapitulação retrógrada durante a noite fica incorporada às reminiscências do mundo das estrelas. Mas por ora tudo isso é apenas imagem, e só pode tornar-se realidade após o homem ter atravessado o limiar da morte. Aqui na Terra é imagem, vivenciada em sentido inverso. Realiza-se quando terminamos, depois de três ou quatro dias, aquela retrospectiva da qual falei na palestra anterior, e quando realmente penetramos no mundo espiritual, e não apenas imaginativamente, como acontece a cada noite.

"Para termos uma perfeita compreensão dos acontecimentos que o homem vive depois da morte, convém ainda levar em conta o seguinte:

Os deuses, isto é, os seres espirituais que encontramos — por assim dizer, provenientes dos astros transformados, metamorfoseados — vivem numa direção cósmica bem diferente da nossa enquanto estamos na Terra. Com isso digo-lhes uma verdade muito importante a respeito dos mundos espirituais, verdade que normalmente não se leva e consideração quando assuntos relacionados com os mundos espirituais são debatidos de

forma teórica e pouco clara. Como seres terrestres conscientes, possuímos um corpo físico e um corpo etérico, ambos organizados de tal forma que vivemos no fluxo do tempo onde o anterior precede o posterior. Os referidos corpos têm a característica desta orientação no Cosmo.[13]

Ora, as entidades que vêm ao nosso encontro quando, após a morte, vivenciamos o que no sono assume a forma de imagens, movimentam-se em sentido contrário. Elas vêm constantemente ao nosso encontro. Devemos portando dizer, com referência ao que na Terra chamamos de tempo, que os deuses possuem corpos espirituais ou corpos de luz com os quais, porém, deslocam-se do futuro mais remoto em direção ao passado, isto é, neste sentido [no esquema, uma seta da direita para a esquerda].

E ao entrarmos no período entre a morte e o novo nascimento, adotamos os corpos divinos da mesma forma como recebemos na vida terrestre o corpo físico composto de substâncias físicas. Vestimos os corpos divinos, isto é, aquilo que em minha *Teosofia* chamei de homem-espírito e espírito vital. Nós mesmos, vestindo um homem-espírito e um espírito vital, recebemos no Cosmo uma direção em sentido contrário, e por isso recapitulamos, depois da morte, nossa vida em direção ao nascimento ou, antes, à concepção. Para ilustrar melhor o processo, vou representar graficamente, por meio de um círculo, o que decorre de modo linear: — Durante a existência terrestre andamos nesta direção, partindo do nascimento ou da concepção [metade superior da circunferência]; depois dessa existência voltamos neste sentido [metade inferior da circunferência] ao ponto onde se situa, no tempo, o nascimento ou a concepção. Quando damos um passeio indo para um lugar e voltando para o ponto de partida, descrevemos, de certa forma, um círculo no espaço. De maneira análoga, efetuamos um caminho de ida e volta no tempo — pois no mundo em que entramos o espaço não existe mais, enquanto o tempo continua existindo —: de ida, avançando do nascimento até à morte; de volta, perfazendo as vivências noturnas como realidade espiritual, até chegarmos ao ponto de partida temporal. Hoje em dia, em nossa época materialista, pouco se fala sobre esses ciclos dentro da vida global. Teremos de remontar um pouco na evolução terrestre da humanidade se quisermos encontrar uma linguagem que corresponda a esses processos reais da vida humana. Na sabedoria oriental hindu, que tinha conhecimento dessas coisas — não através de um discernimento consciente como aquele de que dispomos, mas por meio de uma clarividência de caráter onírico —, encontramos uma expressão admirável. Notamos que essa admirável expressão resulta da visão que nós, homens de hoje, podemos readquirir desde que transponhamos conscientemente o limiar, passando ao lado do guardião e entrando no mundo espiritual com plena consciência.

Se o mundo espiritual é descrito a partir de teorias que, ao menos parcialmente, são construídas pelo intelecto, essa descrição corresponde à imagem que a mentalidade materialista tem do Universo e da vida do homem: este começa pelo nascimento, transforma-se em criança, adolescente, envelhece, chega à morte, e além, e mais e mais além, traçando-se uma reta a cujo fim, evidentemente, não se chega. Quem conhece a iniciação sabe que seria tolo falar em tal fim, pois não existe absolutamente esse caminho até o fim. Existem caminhos que voltam à sua origem. E a expressão admirável empregada pelos iniciados orientais para designar esse fato é a 'roda dos nascimentos'.

Muito se fala dessa 'roda dos nascimentos', mas pouco se aponta hoje em dia para a realidade. De fato, terminamos a primeira roda dos nascimentos quando chegamos ao fim da nossa caminhada pelas estrelas, que efetuamos num tempo igual a um terço da vida total, isto é, os intervalos passados em sono. Terminamos então a primeira roda e

[13] No esquema desenhado na lousa, Rudolf Steiner colocou uma seta dirigida da esquerda para a direita. (N.E. orig.)

aguardamos, na existência entre a morte e o novo nascimento, os ciclos constituídos pelas rodas dos nascimentos subseqüentes.

Assim ocorre quando penetramos no mundo situado além do véu do mundo sensível depois de termos despertado nossa cognição por meio da imaginação, da inspiração e da intuição. Em tempos antigos da evolução histórica, os homens possuíam essa cognição como herança de um passado no qual conviviam, da forma já descrita, com os próprios seres espirituais; só quando um certo discernimento dos mundos espirituais nos permite remontar àquilo que os homens sabiam desses mundos é que conseguimos compreender o conteúdo das velhas sabedorias, o qual tem sido transmitido até nós. Aí começa a grande admiração pela sabedoria primordial da humanidade. Quem acolhe a iniciação em nossa época não pode senão olhar com admiração e veneração para as épocas mais antigas da existência humana na Terra.

Mas há ainda outro aspecto: do que precede, constatamos que só podemos captar a essência dessas antigas doutrinas quando as redescobrimos por meio da Ciência Espiritual moderna. Os que desejam excluí-la não chegam a compreender a língua falada pelos que possuíam a velha sabedoria primitiva da humanidade, e por isso não são capazes de dar-nos uma descrição historicamente correta. É muitas vezes ingênua a maneira pela qual os que nada conhecem da Ciência Espiritual interpretam os antigos documentos dos povos primordiais. Ressoam em tais escritos, repletos de uma sabedoria talvez um pouco embotada, palavras admiráveis como a 'roda dos nascimentos'. Para compreendê-las temos de reencontrar a realidade que esses termos queriam expressar. Se quisermos descrever a história da humanidade de acordo com a verdade, não deveremos ter medo de primeiramente inteirar-nos do significado das línguas em tempos antigos.

Nada é mais fácil, para mim, do que começar com uma descrição da evolução histórica da humanidade e empregar os termos que se encontram nos documentos; mais aí teríamos palavras e nada mais, palavras que estão esvoaçando pelo mundo afora quando se fala nos documentos antigos. Por isso a descrição daquele trecho que o homem percorreu em seu tempo histórico já requer, para corresponder à realidade, que se fale primeiro da relação do ser humano com os mundos espirituais, pois só assim se consegue penetrar na linguagem e em tudo o que se fazia em épocas passadas para se obter uma comunicação com esses mundos. Na última palestra eu lhes descrevi como os sacerdotes druidas colocaram e cobriram os blocos de pedra com o intuito de perscrutar a vontade do mundo espiritual que se dirigiu ao mundo físico, recorrendo, para tal, à sombra que se formava no interior do dispositivo e atravessando as próprias pedras com o olhar espiritual.

Havia, porém, outro aspecto, pois no mundo espiritual qualquer ação em determinado sentido é acompanhada de outra em sentido oposto. Assim como as forças temporais que nos trazem à existência física nos levam de volta após a morte, também existem forças que, dentro dessas formações pétreas, se dirigem de cima para baixo, e outras que vão de baixo para cima. E os sacerdotes druidas observavam nessas formações uma corrente descendente e outra ascendente. Colocando esses dispositivos no lugar apropriado, os sacerdotes não observavam apenas a vontade dos espíritos divinos que neles descia à Terra, mas também, por força da unidimensionalidade reinante na ascensão, a bondade ou maldade dos homens que faziam parte de sua comunidade, a qual falava ao Cosmo. As pedras constituíam portanto, para os sacerdotes druidas, também um observatório que possibilitava ver o interior das almas pertencentes às comunidades em questão e que estavam em comunicação com o Cosmo.

Todos esses enigmas e mistérios estão ligados àquilo que os tempos passados haviam legado, em estado bastante decadente. Só compreendemos isso ao penetrarmos na vida

oculta do mundo espiritual por meio da força da imaginação, da inspiração e da intuição próprias.

Em sua vida entre a morte e um novo nascimento, o homem percorre repetidamente tais ciclos cuja reprodução gráfica é, naturalmente, apenas figurada, já que nos movimentamos na esfera da unidimensionalidade. De forma análoga a este ciclo que vai do nascimento até a morte e dela volta ao nascimento, há outros em toda a existência entre a morte e o novo nascimento, embora exista sempre uma diferença de grau entre a vivência da ida e a da volta. Aqui, na primeira roda do nascimento, a diferença existe entre a parte correspondente à ida até a morte física, e a outra, correspondente à volta, imediatamente posterior à morte, e cuja duração é de um terço da vida quando expressa em termos de tempo terrestre. Aí a primeira roda termina, mas há outras que se juntam à primeira, e percorremos esses ciclos até chegarmos a um determinado ponto onde iniciamos a caminhada de volta da qual falarei na próxima palestra. Esse ponto da nossa vivência total indica a última morte que experimentamos em nossa encarnação terrestre anterior.

Nesses ciclos — retrocessivos nos primeiros tempos depois da morte — vivemos nossas experiências feitas entre a última morte e o nascimento que nos fez entrar na vida que acabamos de deixar. Cada um desses ciclos corresponde, em seu trecho de ida, a uma vida de sono cósmico.

Se eu continuasse a desenhar esses círculos a partir deste ponto, o trecho de ida corresponderia sempre a uma vida pós-morte em que o homem se torna uno com o Cosmo dentro do qual ele vive.

O trecho da volta corresponde sempre à fase em que o homem volta do mundo espiritual como que para si mesmo, elaborando dentro de si e unindo ao seu próprio ser aquilo que viveu no Cosmo. Assim como na vida terrestre temos de realizar uma alternância entre o sono e a vigília, a fim de que nossa existência terrestre seja sadia, entre a morte e o novo nascimento devemos vivenciar tal abandono ao Cosmo, onde nos sentimos tão grandes e tão amplos como ele próprio, onde sentimos as formas e os fatos cósmicos como se fossem nossos e identificamo-nos com o Universo a ponto de reconhecer estarmos vivendo dentro daquilo que havíamos olhado de fora, com nossos olhos físicos, enquanto cidadãos da Terra: o mundo das estrelas, que se nos manifestava, durante a vida na Terra, apenas em seu aspecto sensorial. Mas não são os astros físicos, e sim os seres divino-espirituais que unem sua existência à nossa. Somos como que dissolvidos na vida cósmica, e sentimos os seres divinos do Cosmo viver dentro de nós; cabe-nos identificar-nos com eles.

Eis uma parte das vivências entre a morte e um novo nascimento — podemos chamá-la de noite cósmica ou de dia cósmico; as expressões terrenas usadas por nós são, naturalmente, indiferentes aos deuses que vivem no mundo espiritual. Temos de usar expressões terrenas para descrever nossas impressões, mas devemos fazê-lo corretamente.

Aos períodos em que, de certa forma, crescemos até termos o tamanho do Universo, identificando-nos com ele, seguem outros em que nos retraímos para o nosso próprio eu, encolhendo até ficarmos apenas num ponto, aquele da nossa própria personalidade; aí sentimos, como que numa recordação cósmica, unir-se com nosso eu tudo o que antes estava derramado no Cosmo inteiro. Sentimos, de certa forma, essa roda do nascimento como um turbilhão: primeiro a vivência externa, no Cosmo, depois o retrai-mento para o cerne da nossa personalidade, onde vivenciamos uma terça parte; em seguida, nova expansão, nova contração na espiral. A ‘roda dos nascimentos’ pode, pois, também ser descrita como um movimento espiralado que sempre gira sobre si mesmo. Tal é a

alternância entre a vivência e a alienação de si, percorrida pelo homem entre a morte e o novo nascimento. Enquanto descrevemos os fatos físicos dizendo que os homens dormem e ficam acordados dentro de um lapso de vinte e quatro horas, também já fica caracterizado o que se vivência no mundo espiritual entre a morte e o novo nascimento; pois essa alienação de si e essa volta a si correspondem, no mundo espiritual, ao sono e à vigília na vida terrestre. E assim como os acontecimentos vividos se colocam na existência terrestre, os acontecimentos vivenciados entre a morte e o novo nascimento integram-se no decurso das rodas dos nascimentos e das mortes. Para se compreenderem esses acontecimentos, convém que se forme um conceito sadio da posição do homem em sua existência terrena.

Na realidade, o homem só está plenamente acordado em relação ao mundo de suas representações mentais e a uma parte de sua vida sentimental contígua às representações. Mas quando o homem pretende fazer isso ou aquilo — mesmo que seja apenas pegar um pedaço de giz, o que não passa de outra representação —, quando as manifestações da vontade, da cobiça se integram em nossa vida, tudo o que acontece dessa forma permanece, mesmo durante o dia, tão envolto em escuridão quanto o é a vida de sono. No estado de consciência comum, só estamos acordados quanto às representações e uma parte de nossos sentimentos. No que se refere à vontade e à outra parte do sentir anexa à vontade — aquela que aprova ou desaprova o que queremos —, estamos dormindo.

Os pensamentos, porém, não os levamos para a vida pós-morte, como não os levamos para a noite. Ali temos de formar pensamentos adequados àquele outro mundo. Levamos, sim, aquilo que aqui permanece no subconsciente, ou seja, a vontade e uma parte dos sentimentos, contígua à vontade. Em nossa caminhada entre a morte e o novo nascimento, somos acompanhados justamente por aquilo que ficou inconsciente durante a vida terrena: o que vivia nos instintos, nas cobiças, em toda a nossa natureza volitiva e em tudo o que de espiritual permeava essa natureza volitiva; nessa nova forma de existência formamos conscientemente pensamentos acerca do que vivenciamos inconscientemente aqui na Terra.

Se quisermos, por exemplo, compreender apenas o período imediatamente posterior à morte, deveremos estar cônscios de que as experiências psíquicas relacionadas com o corpo físico na Terra adquirem nova feição quando, após a morte, não possuímos mais um corpo físico. Não é o corpo físico, isto é, as substâncias analisadas pela química, que sente sede e fome. A vivência interior da sede e da fome é de origem psíquica. Mas é o corpo físico que proporciona, durante a existência terrena, a satisfação dessas sensações de sede e de fome. A fome vive na alma, e a satisfação da fome se realiza, na vida terrena, através do corpo; o mesmo ocorre com a sede. Transposto o limiar da morte, não temos corpo físico, mas continuamos sentindo sede e fome. Levamos para além do portal da morte a sede e a fome comuns; o período da vivência retrocessiva das noites, que corresponde a um terço da vida terrena, destina-se a desacostumar o indivíduo de sentir a sede, a fome e as outras cobiças cuja satisfação pressupõe a existência do corpo. A diferença entre a vivência desse terço após a morte e a vida na Terra reside no seguinte: tudo o que só pode ser satisfeito por meio do corpo ou somente na Terra tem de ser eliminado da alma; esta tem de libertar-se das cobiças que, de um lado, devem existir nela mas que, de outro, só podem ser satisfeitas por meio do corpo e de fatos terrestres. Veremos mais tarde o que ocorre em seguida.

Com isso eu lhes dei uma descrição parcial das vivências pós-morte; continuaremos na próxima palestra com o estudo da vida entre a morte e o novo nascimento e suas relações com a evolução geral da humanidade na Terra.

No entanto, devemos estar cônscios dos acontecimentos que ocorrem durante a vida terrena. A humanidade tinha, outrora, uma espécie de visão instintiva do que hoje pode novamente ser observado por meio da imaginação, da inspiração e da intuição. A noite não era tão fechada para os homens. O dia tinha um caráter de sonho e oferecia, em suas formações oníricas, perspectivas mais amplas do mundo espiritual.

Estamos vivendo na época em que existe o maior perigo de a humanidade perder todo o contato com o mundo espiritual — quero chamar desde já sua atenção para este ponto; a circunstância será esclarecida nas palestras seguintes. Talvez seja justamente esta região, onde ainda estão próximos os santuários de antigas reminiscências druídicas, o lugar indicado para apontar certos sintomas que em si não constituem um mal, mas que assinalam, como sintomas, algo que se realiza não só fisicamente em nossa existência terrena, mas também espiritualmente e, de certa forma, nos bastidores da existência.

Considerem o homem medieval, com todos os seus defeitos — aquilo que se chama hoje de Idade das Trevas — e façam a comparação com a humanidade atual. Quero pôr em relevo apenas dois sintomas, que nos mostram como se deveria analisar o mundo de um ponto de vista espiritual.

Vejam um livro medieval. Cada letra é como que pintada. Sentimos que outrora o olho descansava olhando para essas letras. Toda a atitude psíquica de um homem que olhava tranqüilamente para as letras escritas tinha maior disposição para se acostumar a revelações que pudessem chegar-lhe do mundo espiritual.

E pensem em certas escritas de hoje, que quase não podem mais ser decifradas! Não são letras que nos dão um prazer estético, mas algo que se jogou com um movimento mecânico da mão [é escrita na lousa a palavra 'Penmaenmawr''de forma muito negligente]: é esse o caráter de muito daquilo que se acha escrito neste ou naquele papel!

A isso acresce o fato de começarmos a escrever sem qualquer participação humana nesta atividade: usamos máquinas de escrever, não tendo mais relação vivencial alguma com o que se nos apresenta.

Isso, e mais os automóveis, constituem sintomas a revelar o que se passa atrás dos bastidores da existência, e como o homem está sendo expulso, em grau sempre maior, do mundo espiritual.

Não creiam que eu queira passar por arquireacionário e pleitear a proscrição do automóvel, das máquinas de escrever ou até desses horríveis tipos de letra! Quem discerne o curso do mundo sabe que todas essas coisas têm de vir e são justificadas. Com minhas palavras não tenho em mira a eliminação, mas um cultivo. Tais coisas têm de vir, e devemos aceitá-las como ao dia e à noite, embora o entusiasmo por elas possa ser muito unilateral entre os homens com fortes tendências materialistas. Mas a tudo o que se manifesta desta forma no mundo, criando um alvoroço terrível nas letras ilegíveis, nas máquinas de escrever e nos carros que correm pelo mundo, devemos opor, para que a humanidade se desenvolva sadiamente, a aquisição de um conhecer, de um sentir e de um querer espirituais.

Não se trata de combater o elemento material, e sim de conhecê-lo em sua realidade e necessidade; mas também de constatar ser necessário opor uma forte espiritualidade àquilo que arrasa a humanidade em sua existência física. Então a evolução sadia da humanidade pode ser favorecida por uma oscilação entre carros e máquinas, de um lado, e a imaginação e visões conquistadas mediante a Ciência Espiritual, de outro; caso contrário, essa evolução seria prejudicada.

Permito-me dizer isso justamente aqui, em Penmaenmawr, onde se sente, de um lado, que as imaginações se conservam qual uma herança de velhos templos druídicos,

enquanto se constata, de outro, com quanta violência essas imaginações conservadas são destruídas pelos automóveis que correm pela região.

28 de agosto de 1923

A existência cósmico-espiritual do homem após a morte

Se quisermos compenetrar-nos com o caráter especial das vivências entre a morte e um novo nascimento, teremos em primeiro lugar de focalizar a tremenda diferença existente entre essas vivências e aquelas que temos aqui, na vida terrena. Aqui, tudo o que realizamos se desprende de nós e deixa de pertencer-nos. Confeccionamos, por exemplo, todo tipo de objetos, mas estes se desprendem de nós. Muitas pessoas os soltam na vida social exterior, vendendo-os. Tudo o que o homem produz como emanação de sua vontade incorpora-se na existência terrestre de tal maneira que ele se sente relativamente — insisto: relativamente — pouco ligado à sua criação. E os pensamentos que movimentaram o ato criador retiram-se para o interior do homem, sob forma de meros pensamentos passivos ou de lembranças, hábitos ou aptidões.

Na vida entre a morte e um novo nascimento a situação é diferente, pois aí tudo o que o homem realiza volta, de certa forma, para ele.

Convém lembrar que na Terra realizamos nossos impulsos de vontade atuando sobre os reinos da natureza: o mineral, o vegetal e o animal. Nós os plasmamos, movimentamos, e até pomos em movimento outros seres humanos, terrenos.

Mas no mundo espiritual, entre a morte e o novo nascimento, estamos entre seres inteiramente espirituais, entre os quais aqueles que nunca se encarnam em substâncias terrestres e que têm sua vida exclusivamente no mundo espiritual; podemos chamá-los de entidades divino-espirituais. A essas entidades pertencem as hierarquias superiores: os Anjos, os Exusiai, os Serafins e os Querubins. Poderíamos escolher outros nomes, mas ninguém deve ficar chocado pela terminologia empregada aqui, pois trata-se de nomes venerados desde há muito tempo, e podemos perfeitamente aplicá-los ao que redescobrimos na região espiritual.

Entre a morte e o novo nascimento, o homem convive, portanto, em parte com essas entidades e em parte com almas humanas desencarnadas possuidoras de corpos espirituais, isto é, almas com as quais conviveu na existência terrena, e outras que esperam por sua existência na Terra, prontas a logo voltar a ela. Essa convivência depende, em verdade, um pouco da existência de laços cármicos estabelecidos com essas individualidades durante a vida terrestre. Com efeito, os que não nos eram muito chegados durante a vida terrestre têm também no mundo espiritual um relacionamento menos intenso conosco. Disso ainda falaremos mais adiante.

Além disso, o homem está relacionado com aquelas entidades que tampouco se encarnam na Terra por terem um grau de evolução inferior ao seu e não poderem assumir a forma humana. Trata-se de seres elementares que vivem nos diversos reinos da natureza — no mineral, no vegetal e até no reino animal. É, portanto, em todo esse mundo povoado de seres espirituais que o homem se integra entre a morte e um novo nascimento.

Tenho de acrescentar ainda que esses seres se manifestam à consciência inspirativa, imaginativa e intuitiva, pois essa consciência permite termos uma visão do mundo em que o homem vive entre a morte e um novo nascimento.

Enquanto o homem tem essa maneira tão diferente de ser, sua constituição e seu estado humano também se modificam. Se construímos uma máquina na Terra — com esse exemplo quero, mais uma vez, tratar de um assunto importante —, tudo o que fazemos,

manuseando e juntando as partes, emana da nossa vontade e dos nossos pensamentos, mas acaba desligando-se de nós. Mas quando fazemos algo no mundo espiritual entre a morte e o novo nascimento — pois ali estamos também constantemente ativos, como almas —, vemos resplandecer, naquilo que fazemos, um brilho que reconhecemos como pensamentos envoltos em luz. Enquanto durante nossa vida terrestre o pensamento fica conosco, naquele mundo ele não permanece dentro do homem, mas resplandece nos atos que este realiza; em tudo o que fazemos, o pensamento resplandece como uma entidade brilhante. De forma que nunca podemos cometer, no mundo espiritual, um ato sem que um pensamento seja liberado; e aí o pensamento difere de um pensamento humano na Terra. Este pode permanecer oculto no íntimo do homem, mesmo sendo um pensamento funesto — pois trata-se de um pensamento humano e individual, ou mesmo humano e pessoal; mas o pensamento liberado durante a vida entre a morte e o novo nascimento é um pensamento cósmico, e como tal exprime a reação do Cosmo, do conjunto dos seres espirituais diante de nossa ação.

Procurem os Amigos ter disso uma imagem viva: um ser humano é ativo em sua vida pós-morte. Enquanto ele age, qualquer gesto ou ato anímico logo se transforma num pensamento cósmico. Enquanto atuamos, deixamos uma impressão no mundo espiritual — e aí o Cosmo responde de todos os lados; em tudo o que fazemos brilha a reação e o julgamento do Cosmo. Mas isso não é tudo: há ainda um outro cintilar que acompanha o brilho dos pensamentos cósmicos. O que cintila são pensamentos não oriundos do Cosmo; veremos, portanto, pensamentos que se revestem de um brilho vivo para o Cosmo — e não para a vida terrena — serem permeados por toda ordem de pensamentos obscuros; eles cintilam a partir das coisas.

Ora, enquanto entre a morte e um novo nascimento os pensamentos cósmicos e resplandecentes nos enchem com uma sensação de profundo bem-estar, os pensamentos cintilantes contêm freqüentemente, embora nem sempre, algo inquietante, pois são pós-efeitos de nossa vida terrestre. Se em nossa vida terrestre nos apropriamos de bons pensamentos a respeito de qualquer assunto, estes cintilarão, depois da morte, a partir das formações cósmicas brilhantes; se nutrirmos e assimilarmos pensamentos maus, estes se manifestarão, qual um cintilar, do radiante julgamento cósmico que nos apresenta os pensamentos.

Temos, desta forma, a visão do que o Cosmo nos diz e, ao mesmo tempo, do que nós mesmos levamos ao Cosmo.

Este não é um mundo que se desprende do homem, mas que fica animicamente unido a ele. Depois da morte, o homem encerra em si sua existência cósmica; mas também tem dentro de si, como reminiscência, a vida terrestre que acaba de terminar. Sua tarefa imediata é desacostumar-se dessa existência terrena, desfazer-se dela, pois só desta forma conseguirá transformar-se em ser realmente cósmico. Enquanto estamos naquela região de experiências espirituais que em meu livro *Teosofia* chamei de 'mundo anímico', somos confrontados predominantemente com esses pensamentos, hábitos e aptidões terrestres que nos enviam sua cintilação. Isso faz com que desfiguremos em caricaturas aquilo que, conforme sentimos, poderiam ser lindas formações cósmicas. Enquanto atravessamos o mundo anímico desconfortavelmente julgados pelas formações cósmicas tornadas caricaturescas, sendo ao mesmo tempo juizes, estamos caminhando para a libertação de tudo o que ainda nos vinculava à Terra; podemos então passar para a região que, em minha *Teosofia,* foi chamada de 'mundo espiritual'; aí teremos deixado para trás a constituição anímica que adquirimos no corpo físico terrestre, podendo agir estritamente de acordo com as diretrizes dos seres espirituais em cujo reino entramos — única maneira de ser naquele mundo.

Os Amigos vêem, portanto, que o homem deixa de levar para o mundo em que vive após a morte o que vive em seus corpos físico e etérico. Tudo isso é abandonado e entregue ao Cosmo. O homem leva apenas o que vivenciou, como eu e como corpo astral, enquanto vivia nos corpos físico e etérico.

Essa circunstância nos revela algo muito importante. Enquanto se encontra na Terra, o homem chama de seu corpo os corpos físico e etérico — embora não saiba muito a respeito deste último, podendo, porém, sentir sua atuação nas forças do crescimento, etc. Mas na realidade o homem não tem o direito de chamá-lo de 'seu' corpo — pois apenas é *seu* o que existe no eu e no corpo astral. Mesmo enquanto ele vive na Terra, aquilo que existe nos corpos físico e etérico pertence aos seres divinos e espirituais que neles vivem e atuam. E esses seres continuam atuando nestes corpos mesmo quando, durante o sono, o indivíduo não está presente. O homem se sairia muito mal se tivesse de cuidar pessoalmente de seus corpos físico e etérico durante um constante estado de vigília entre o nascimento e a morte. Ele é obrigado a entregar periodicamente esses corpos aos deuses, principalmente na infância, pois o sono das crianças é o mais importante, já que, mais tarde, tem apenas efeito corretivo; o sono realmente fecundo é aquele dos primeiros anos de vida.

Épocas mais antigas da evolução da humanidade sabiam a esse respeito, pois chamaram o corpo humano de templo dos deuses; a maravilhosa estrutura do corpo humano lhes sugeria um templo divino, e tais povos imitavam as leis dos corpos físico e etérico em suas obras de arquitetura. Isso aconteceu em todos os lugares, embora o fenômeno possa ser melhor observado na arquitetura oriental, mas também no Egito e na Grécia. Da mesma maneira como os Querubins são colocados nos templos do Oriente e as esfinges e as colunas estão dispostas, assim se encontra o que era sentido como a atuação espiritual e divina nos corpos físico e etérico do homem. A consciência disso perdeu-se no decorrer da evolução, e hoje em dia o homem chama o corpo físico de *seu* corpo; ele o faz sem saber, mas nem por isso incorretamente, pois na realidade o corpo físico é propriamente dos deuses. Quando diz "meu corpo" e considera como sua propriedade o que se passa no corpo sadio, o homem da civilização moderna demonstra uma imensa arrogância, arrogância subconsciente, não-intencional, mas que não deixa de ser terrível. Essa arrogância está incorporada na própria língua, demonstrando como os homens, ao falar em "seu corpo", "meu corpo", reivindicam o que, na realidade, pertence aos deuses.

Cabe à Ciência Espiritual alertar os homens a respeito desses fatos; chamar sua atenção para a circunstância de que a moralidade se intromete até na vida comum, natural, sendo que no presente caso não se trata de uma vida moral boa, mas de uma vida moral má. Tais fatos nos ensinam que um verdadeiro conhecimento espiritual pode modificar nossa vida sentimental e que, se o homem realmente compreender a Ciência Espiritual, mesmo sua maneira de falar deixará de ser aquela que lhe agrada, hoje em dia, sob a influência de uma mentalidade puramente materialista e naturalista.

Para compreendermos as vivências posteriores na vida entre a morte e um novo nascimento, teremos de lembrar o que já foi mencionado ontem: na medida em que o homem se entrosa no mundo espiritual, o aspecto físico dos astros vai desaparecendo, cedendo lugar a algo que corresponde, espiritualmente, à luz física irradiada dos astros até o olho humano. Assim como a Terra é a morada dos homens, que a habitam como seres espirituais dotados de eu e de corpo astral, cada astro é o domicílio de determinados seres espirituais. Enquanto vive no mundo físico, o homem está ligado aos seres elementares que habitam os reinos mineral, vegetal e animal; sua existência dentro da corporalidade exterior o une a outras almas humanas. Entre a morte e o novo nascimento, ele entra em contato com os habitantes de outros astros. A vida entre a morte e o novo

nascimento é, de fato, uma viagem através do mundo estelar, sendo este considerado em seu aspecto espiritual, graças ao convívio com os outros seres divino-espirituais dos mundos estelares. Conforme vimos, logo depois da vida terrena passamos por um período no mundo anímico, período constituído em sua essência por uma recapitulação real do que o homem viveu em sono, imaginativa e inconscientemente, durante todas as noites que se intercalaram em sua vida na Terra. Durante um terço de sua vida terrestre, o homem se abstém de praticar aquilo que provoca os pensamentos cintilantes em meio aos pensamentos cósmicos. Um indivíduo que viveu uns sessenta anos atravessa o mundo anímico em vinte anos, libertando-se de tudo o que o vincula à existência terrena. Ele vivência interiormente a maneira como entra em contato com o mundo dos astros após a morte. Enquanto permanece no mundo anímico, sente-se intimamente ligado à existência lunar. Eu disse que a pessoa termina, de certa forma, um ciclo cuja primeira metade é constituída pela vida entre o nascimento e a morte, enquanto a volta é mais rápida por durar apenas uma terça parte do tempo; assim, ela tem a sensação de que tal ciclo envolve a existência da Lua e os espíritos da região lunar. Já na palestra anterior indiquei que a pessoa não tem a consciência de voltar à ocasião de seu nascimento. Não se trata de um círculo, mas de uma espiral. O homem avança, e eu deveria desenhar toda a seqüência sob forma de espiral.

Aquilo que nos faz avançar em vez de simplesmente girar ao redor da Lua, aproximando-nos de uma outra existência logo depois da morte, decorre em parte da força impulsora dos seres de Mercúrio. Estes são um pouco mais fortes que os seres de Vênus. Os seres de Mercúrio provocam o avanço, enquanto os de Vênus o contêm, dando-lhe plenitude; desta forma a passagem pelo mundo anímico faz com que o homem se sinta acolhido na atividade da Lua, de Mercúrio e de Vênus.

Cabe-nos procurar um discernimento claro do que significa essa fase. Enquanto estou na Terra, constato que possuo uma cabeça. Esta é movida a partir daquilo que se poderia chamar de centro do cérebro, isto é, da glândula pineal e semelhantes. Tenho aí, bem no centro, o órgão mais importante da cabeça; na parte do meio, tenho o coração; no organismo metabólico-motor tenho tudo o que pertence ao sistema renal.

Não se pode falar de forma análoga, depois da morte, no mundo anímico. Aí não é possível dizer: “Eu, homem, consisto em cabeça, tórax (com o coração) e membros (com os órgãos do metabolismo).” Não teria sentido, pois tudo isso ficou para trás. Nós dizemos, isso sim: “Sou constituído pelo que provém dos espíritos lunares. Esta afirmação seria equivalente à constatação, feita na Terra, de que possuo uma cabeça.” Na Terra dizemos, com razão, que temos uma cabeça. Depois da morte, no mundo espiritual, devemos dizer que temos aquilo que nos chega dos espíritos da Lua. Da mesma forma, na Terra constatamos que temos em nosso peito um coração, que exprime todo o nosso sistema respiratório e circulatório. Esse modo de falar também só tem valor na Terra, pois o coração é também rejeitado. Depois da morte, devemos dizer: “Trago em mim as forças de Vênus”; isto seria o correspondente. E enquanto dizemos na Terra: “Tenho um sistema motor e metabólico com todos os seus órgãos, principalmente o sistema renal”, a afirmação correspondente, depois da morte, seria esta: “O que vive em mim são as forças que emanam de seres mercuriais.” Na Terra, pois, dizemos que como seres humanos somos cabeça, tórax, abdômen e membros; depois da morte, diríamos: “Como ser humano sou Lua, Vênus e Mercúrio.”

Isso corresponde inteiramente à verdadeira existência intrínseca da vida. Ora, toda a nossa existência na Terra, como homens físicos, depende da sinergia da cabeça, do coração e do sistema digestivo. Tudo depende disto. Em qualquer movimento da mão encontramos a atuação da cabeça, do coração e do sistema metabólico, pois as

substâncias aduzidas são transformadas enquanto faço o movimento de minha mão. Toda a nossa existência terrena decorre na cabeça, no coração e nos membros — obviamente, dito de forma sintética, abreviada. Da mesma forma, nossa vida no mundo anímico decorre sob a atuação das forças lunares, mercuriais e venusianas. Na Terra somos algo diferente, mas no mundo anímico somos Lua, Mercúrio e Vênus. E isto nos faz voltar, de certa forma, a uma época passada que o homem atravessou em sua evolução natural. Já me tenho referido várias vezes a essas fases mais remotas da evolução humana.

Aí o homem estava num estado de vivência instintiva, cujos tipos remanescentes mencionei nestas palestras. O homem já pressentia, na Terra, que sua vida extraterrestre estivesse relacionada, por exemplo, com a Lua, com Mercúrio e com Vênus. Essa consciência se perdeu para a época atual. Qual foi a causa dessa perda? Quando se fala desses assuntos que têm por palco uma região situada além do véu do mundo físico, e que apenas são mencionados quando se fala a partir dessa região, provoca-se a relutância — ou, para empregar um termo mais distinto, a crítica do mundo atual. Ora, é muito difícil, hoje em dia, dizer abertamente o que a verdade iniciática realmente é: ou temos de falar de uma maneira tão abstrata que os homens atuais nem percebam o que desejamos exprimir — pois tudo fica envolto em conceitos abstratos —, ou temos de dizer as coisas de maneira que estejam realmente caracterizadas; então muitas pessoas, ao ouvir isso, ficam furiosas. Podemos compreender que fiquem furiosas, pois falamo-lhes de um mundo que elas querem esquecer, um mundo que elas receiam e odeiam. Mas isso não pode impedir que se volte a falar honestamente desses assuntos, dentro de um mundo civilizado. Se levássemos em conta — na realidade, nem adiantaria — a atitude dessas pessoas que detestam a Ciência Espiritual (trata-se, evidentemente, não de pessoas presentes aqui, e sim ausentes), diríamos o seguinte: enquanto se vai familiarizando com o mundo anímico, o homem entra num estado algo semelhante a um estado remoto da Terra em que os seres humanos ainda possuíam uma verdade espiritual instintiva; e nessa verdade espiritual primitiva e instintiva viviam as forças lunares. Dessa forma nossa maneira de falar poderia, pelo menos em parte, ser considerada congruente com as idéias materialistas de nossa época. Mas as coisas têm sido ditas de uma maneira muito abstrata.[14] Quem não receia a crítica que obviamente virá das mentes materialistas deve falar de outra maneira. Deve-se dizer o seguinte: — Quando o homem atravessava uma época muito remota da evolução terrestre, anterior à época histórica, convivia também na Terra com seres espirituais não diretamente ligados à própria Terra, mas que tinham, mesmo em sua existência terrestre, uma ligação com o Cosmo. Podemos dizer que os dirigentes dos mistérios eram, naquela época, mestres divinos e não terrenos, e ensinavam os homens na Terra.

Esses mestres das épocas mais antigas não se revestiam de um corpo físico denso, carnal: atuavam sobre os homens em seus corpos etéricos; os instrutores superiores nos mistérios eram divinos e etéricos, e só seus servidores eram homens encarnados fisicamente. Esses seres conviviam com os homens na Terra, numa época mais remota da evolução humana. Podemos dizer, com todo o realismo, que houve uma época antiga quando seres divinos e espirituais coabitavam com os homens na Terra — seres que não se mostravam a quem, digamos, andasse passeando, mas que se manifestavam quando alguém era conduzido à sua presença, de forma correta, pelos auxiliares nos templos de mistérios. Manifestavam-se apenas nos mistérios, mas ali o faziam de fato. E por meio desses mistérios tornaram-se conviventes com os homens na Terra. Mais tarde se retiraram daqui, migrando para a Lua, em cujo interior vivem como que numa fortaleza cósmica,

[14] Com esta observação, o Autor parece referir-se a erros possivelmente cometidos por discípulos seus. (N.T.)

imperceptíveis a quem vive na Terra. Devemos, portanto, considerar o interior da Lua como lugar de reunião daqueles seres que outrora eram, em seu corpo etérico, os grandes mestres dos homens. Nunca deveríamos olhar para a Lua sem estar cônscios de que nela estão reunidos os que antigamente foram os mestres — pois atualmente a Lua não irradia o que nela vive, mas apenas reflete o que recebe do Cosmo. Assim como reflete a luz, ela o faz também com todos os impulsos cósmicos.

Olhando para a Lua vemos da forma mais nítida sua luz, mas esta não é a única parte, sendo mesmo a mais insignificante. O que vemos é um espelho das influências cósmicas, e não aquilo que vive no interior da Lua. Aí vive o que outrora viveu na Terra. É apenas em sua existência imediatamente posterior à morte, ao atravessar o mundo anímico, é que o homem volta a ser influenciado pelos seres que antigamente estavam na Terra. São eles que, com o julgamento de eras primordiais, após a morte exercem um efeito corretivo sobre o que o homem realizou na Terra. É assim que em nossa época atual o homem volta, após sua morte, a ter uma relação com aquelas entidades que antigamente eram educadores e mestres divino-espirituais no contexto da evolução geral da humanidade. A Lua deve ser considerada, conforme critérios espirituais, como uma fortaleza cósmica para a qual se retiraram aqueles que outrora conviviam conosco e com os quais voltamos a relacionar-nos logo depois de iniciar, após nossa morte, a peregrinação através do mundo anímico.

Depois de concluir a vivência de tudo o que, de certa forma, pertence à esfera lunar, o homem tem a incumbência cósmica de passar à existência solar. Enquanto o primeiro círculo [é feito o desenho correspondente] ou a primeira volta da espiral tem por centro a Lua, esse movimento espiral ou circular tem de evolver e passar do âmbito lunar à esfera solar.

Figuras espaciais não podem senão dar ensejo a ilusões, pois todos os processos se realizam no supra-sensível, no unidimensional. Mas já que temos de usar palavras terrestres, é-nos lícito dizer que o homem, uma vez percorrido o primeiro círculo no âmbito da Lua, passa à região solar, e que o Sol, isto é, o Sol espiritual, vem a ter com ele a mesma relação, na vida entre a morte e um novo nascimento, que antes tinha a Lua. O homem tem de metamorfosear sua existência anterior — Lua, Vênus, Mercúrio — ao penetrar na esfera solar que chamei, em minha *Teosofia,* de mundo espiritual. De fato, ele tem de sofrer uma transformação profunda. Em sua existência terrena, ele dizia de si: "Sou cabeça, sou um ser que possui um coração, um peito, que possui o sistema metabólico e os membros." Logo depois da morte dizia: "Sou Lua, Mercúrio, Vênus." Mas não pode continuar a dizê-lo, pois isso implica em que sua existência pare no meio, entre o mundo anímico e o mundo espiritual propriamente dito. Cabe-lhe agora sofrer uma metamorfose significativa em sua existência anímico-espiritual. Posso caracterizá-la dizendo que o Sol deve vir a ser sua pele. Em todo lugar ao seu redor deve haver Sol. Assim como em nosso corpo físico terrestre somos cobertos por nossa pele, temos de alcançar uma existência espiritual em que sejamos envoltos por uma pele constituída, em toda direção, por impulsos solares espirituais. Não é fácil imaginar isso, pois do nosso ponto de vista terrestre estamos acostumados a supor que o Sol esteja lá fora, enviando-nos seus raios. Aí o Sol é centro de uma irradiação dirigida para a periferia. À medida que entramos na esfera espiritual do Sol, este não se encontra mais num lugar determinado, mas em toda a periferia. Nós é que estamos dentro do Sol, e este nos envia seus raios a partir da periferia, constituindo, de fato, a pele espiritual do ser humano que passamos a ser. E não é fora do Sol, mas dentro de sua esfera espiritual que temos algo a ser designado com o termo 'órgãos': assim como na vida terrestre possuímos cabeça, coração

e membros, e depois da morte Lua, Mercúrio, Vênus, temos agora como órgãos o que devemos chamar de Marte, Júpiter e Saturno. Somos agora Sol e temos, dentro de nós, os órgãos Marte, Júpiter e Saturno. São eles os órgãos internos tal como o são, aqui na Terra, o coração, a glândula pineal ou os rins. Tudo isso, porém, é metamorfoseado no âmbito espiritual. E esses órgãos têm de formar-se paulatinamente. Não os temos prontos ao passar do mundo anímico para o mundo espiritual. Por isso traçamos não só um círculo, como fizemos durante a fase lunar, mas três círculos, de forma que a fase solar é descrita por meio de três círculos. No primeiro círculo, aquele pertencente a Marte, é formado o órgão espiritual marciano; no segundo círculo, o de Júpiter, é formado o órgão jupiteriano, e no terceiro o órgão saturnino — três círculos que são percorridos muito mais lentamente do que o círculo lunar, tomando-se por termo de comparação o tempo terrestre. O círculo da Lua é percorrido em tempo relativamente rápido. Estes outros, conforme explicarei mais detalhadamente na próxima palestra, requerem uma velocidade mais ou menos doze vezes menor. O homem descreve, pois, círculos correspondentes a Marte, Júpiter e Saturno. Enquanto atravessa essa região, que é o mundo das esferas espirituais, e vivência as forças espirituais desse mundo das esferas, o homem está constantemente ativo. Assim como exerce atividades aqui, em meio às forças da natureza, ele é ativo em relação às forças ou seres das chamadas hierarquias superiores que aparecem e se manifestam fisicamente no céu estrelado, inclusive o Sol e a Lua, cuja aparência física nos circunda.

Mas para efetuar a transição da esfera lunar para a esfera solar, o homem precisa de um guia. Já falei desse guia. Vimos, na época mais antiga, seres vivendo na Terra e retirando-se em seguida à fortaleza cósmica da Lua. É só depois da morte que o homem volta a ter uma ligação com esses seres. Estes, porém, tiveram sucessores que apareceram na Terra de tempos em tempos, em épocas remotas mas posteriores à época hiperbórea. Esses sucessores eram chamados, no Oriente, de Bodisatvas. Apareceram encarnados em corpos humanos, não obstante serem sucessores daqueles seres que se retiraram para a Lua. A vida dos Bodisatvas decorre, pois, em comunhão com os seres estabelecidos na fortaleza cósmica da Lua. É lá que se situa a fonte de sua força e de seus pensamentos. Foram eles os guias que facultaram aos homens a transição por meio de tudo o que lhes ensinaram, dando-lhes a força necessária para penetrar na região solar ao chegarem ao término da região lunar.

Veremos, no decorrer das próximas conferências, que isso se tornou impraticável no decurso da evolução humana, de modo que o ser Cristo teve de descer da existência solar a fim de realizar o Mistério do Gólgota. Graças à doutrina do Cristo, à doutrina do Mistério do Gólgota, o homem recebeu na Terra a força necessária para efetuar a transição da região anímica para o mundo espiritual, da esfera lunar para a solar.

Em tempos antigos, um impulso vindo da região lunar e intimamente ligado ao desenvolvimento terrestre havia feito o necessário para a evolução espiritual. Essa fase da influência direta ou indireta da Lua, caracterizada essencialmente pela atuação dos Bodisatvas, foi substituída, ao ser cumprido o tempo — isto é, depois do primeiro terço da quarta época pós-atlântica —, pelo efeito do Mistério do Gólgota: a atuação do Cristo é circundada pela atuação combinada dos doze Bodisatvas, fato que alude, embora se trate de um fato real, à presença dos doze apóstolos ao redor do Cristo. O Cristo, encarnado no corpo de Jesus, é portanto a força que, provinda do Sol espiritual, passou a unir-se com a Terra.

Se não quisermos fitar a Lua apenas com a alma ou o espírito materialistas, e sim compreendê-la, devemos encará-la como lugar de reunião de seres espirituais que significam a evolução cósmica no passado da Terra; da mesma forma, temos de olhar para

o Sol como o conjunto daqueles seres que orientarão o futuro, e já hoje o presente, e cujo delegado é o Cristo, que passou pelo Mistério do Gólgota. Relacionando-se com o Mistério do Gólgota, os homens assimilarão impulsos que lhes permitirão penetrar na região espiritual, isto é, na esfera solar espiritual. Percorrendo uma tríplice órbita, num movimento muito mais lento do que a volta em redor da Lua, receberão inteiramente os órgãos de Marte, Júpiter e de Saturno, nas respectivas regiões planetárias. Só que isso, por sua vez, depende da evolução de todo o Universo. Na realidade, a realização completa do que acabo de descrever, isto é, a gênese de um homem-Marte, de um homem-Júpiter e de um homem-Saturno, é assunto do futuro. Na época atual, só a região de Marte pode ser inteiramente percorrida, de acordo com as influências das potências cósmicas; depois da morte, o homem só pode terminar a órbita de Marte e apenas tocar, e não percorrer, a região de Júpiter. A entrada total na região de Júpiter só será possível, na vida entre a morte e o novo nascimento, depois de percorridas muitas vidas terrestres; ainda mais tarde, haverá a possibilidade de se atravessar a região de Saturno.

Para que o homem possa receber algo dos impulsos de Júpiter e de Saturno, não obstante sua incapacidade de pensar na esfera de Júpiter, existem os inúmeros planetóides intercalados entre Marte e Júpiter. Os astrônomos estão constantemente descobrindo a existência física de novos planetóides, os quais, todavia, constituem aquela região que o homem atravessa espiritualmente depois da morte porque ainda não pode alcançar Júpiter. Esses planetóides têm a característica de ser, em sua essência espiritual, colônias de Júpiter e de Saturno. Há seres jupiterianos e saturninos que regressaram aos planetóides. Antes de ser completamente amadurecido para a plena existência terrena, o homem encontra na região dos planetóides algo que, de certa forma, é capaz de substituir as regiões de Júpiter e de Saturno que ainda lhe são inacessíveis. Quando volta a nascer, ao fim do tempo decorrido desde sua última morte, o homem percorreu a região de Marte e assimilou das forças de Júpiter e de Saturno o que está contido na região dos planetóides. Ao renascer, ele inicia nova existência terrena, enriquecido dos pós-efeitos da evolução precedente, os quais ainda estudaremos melhor.

29 de agosto de 1923

A vivência do passado da Terra

Recapitulando o que foi dito na conferência anterior, conscientizamo-nos de como o homem, enquanto vivência o tempo posterior à morte — o termo 'tempo' tem de ser usado em analogia com as condições terrestres —, entra primeiro no âmbito dos seres lunares, passando depois à região dos seres solares. De certo modo, os seres lunares ainda pertencem à existência terrena, e as experiências feitas pelo homem no mundo anímico sob a influência desses seres são, na realidade, reminiscências da vida terrena. Em sentido contrário ao tempo, têm-se autênticas vivências da existência na Terra, embora permeadas, conforme já caracterizei, de julgamentos cósmicos. Estes chegam ao homem, após a morte, provenientes dos referidos seres lunares. São realmente estas as entidades a cuja influência o homem passa a sujeitar-se, e que de certa forma fazem fluir esses julgamentos para o ser humano da mesma forma como os minerais, vegetais e animais fazem fluir para nós os julgamentos que emitimos na Terra. Vemos, portanto, que o homem, ao entrar após sua morte numa existência espiritual e cósmica, começa por ter experiências que ainda emanam de seres outrora ligados à Terra. Conforme já foi dito, esses seres que mais tarde se fixam na Lua foram, em tempos primordiais, os educadores dos homens. Em sua passagem pelo mundo anímico o homem vive, sob a influência desses seres elevados a habitantes da Lua, aquilo que em épocas remotas vivenciou diretamente

na Terra. Essa população da Lua — expressão lícita desde que lembremos o que foi dito na última palestra —, dirigida pelos antigos regentes da humanidade, tem um julgamento bem diferente daquele dos habitantes da Terra, pois estes, em sua vida terrena entre o nascimento e a morte, só fazem atualmente as experiências que a população da Lua fez em tempos passados.

Empregando números terrestres, podemos dizer que essa população lunar vivenciou em sua existência terrena, bem mais de quinze mil anos atrás, aquilo que a humanidade ainda está para vivenciar. Há bem mais de quinze mil anos essa população da Lua passou a formar juízos em que se juntaram elementos naturalistas e morais.

Aqui na Terra ainda damos um tratamento diferente aos julgamentos naturalistas que emitimos a respeito de pedras ou de animais, abstendo-nos de julgamentos morais. Afirmamos que a natureza segue uma necessidade amoral. Porém não é o mundo *todo* que se pauta por uma necessidade amoral. Embora os animais, vegetais ou minerais, considerados isoladamente, não devam ser julgados na base de juízos morais, sua criação e o fato de fazerem parte do mundo tiveram sua origem em julgamentos cósmicos de caráter moral.

Ora, aqueles habitantes da Lua já têm esses julgamentos cósmicos e morais. Por isso, ao relacionar-nos com essa população lunar depois de nossa passagem pelo portal da morte, temos de ouvir o que o Cosmo diz a respeito do que temos pensado, desejado, sentido e feito aqui na Terra. Toda a nossa vida terrena é, de certa forma, exposta à luz do julgamento cósmico. Nós aprendemos o quanto nossos feitos terrestres valem para o Universo.

É na base dessas experiências que desenvolvemos o impulso de completar ou corrigir em nossa próxima vida o que fizemos, em concordância ou em oposição à evolução cósmica. Enquanto estamos, dessa forma, sob a influência da população da Lua, acolhemos os impulsos para o nosso destino nas vidas terrenas subseqüentes, ou seja, para o que a sabedoria oriental sempre chamou de carma.

Os impulsos para o carma são recebidos enquanto o homem está sob a influência dos referidos seres lunares, que lhe revelam o quanto seus feitos e pensamentos terrenos valem para o Cosmo.

As entidades espirituais do mundo superior que vivem ao redor do homem enquanto este se acha sob a influência da população lunar são os que, em minha *Ciência oculta*, eu reuni como seres das hierarquias dos Anjos, Arcanjos e Arqueus. Trata-se do primeiro grupo de entidades que não precisam passar uma fase de sua existência numa encarnação terrestre. Essas entidades estão, por sua vez, intimamente ligadas aos seres de hierarquias ainda superiores; mas durante sua fase lunar após sua morte o homem alcança essencialmente essas hierarquias dos Anjos, Arcanjos e Arqueus, nada percebendo ainda, por assim dizer, das hierarquias mais elevadas.

Os julgamentos relativos aos atos de cada homem individual emanam principalmente dos Anjos; é deles que o homem aprende, depois da morte, qual o valor de seus atos individuais no contexto do Cosmo inteiro. Ele ouve dos Arcanjos, de preferência, a apreciação de seus atos na medida em que fala esta ou aquela língua ou pertence a este ou àquele povo. Esses aspectos também contribuem na formação dos impulsos relativos ao destino ou carma futuro. E dos Arqueus o homem ouve que valor seus atos cometidos em determinada época têm para a época em que ele deverá descer novamente das alturas espirituais à existência terrena.

A transição da esfera dos seres lunares para a dos seres solares, o homem a realizará na base de tudo o que houver assimilado no mundo anímico desde que — insisto nesta condição — se tenha preparado adequadamente para a existência extraterrestre, isto é, na

base dos impulsos recebidos e da atitude que assumiu para com os grandes guias espirituais da humanidade. Deveremos, pois, mencionar, ao falarmos dos mundos alcançados pelo homem entre a morte e o novo nascimento, tanto uma população lunar quanto uma solar.

A população lunar é aquela que já conhecemos como tendo possuído antigamente seu domicílio na Terra e estando ligada a esta. Contudo, em tempos muito mais remotos também a população do Sol estava unida à Terra e compartilhava de sua vida.

Quando chega à esfera dos habitantes da Lua, o homem percebe claramente haver penetrado numa população que outrora conviveu com ele na Terra. Ao alcançar, mais tarde, a esfera da população do Sol, ele é como que dominado por uma imponente reminiscência cósmica de um tempo vetusto. Fiz desse tempo, em minha *Ciência oculta,* uma descrição baseada num ponto de vista diferente. A reminiscência que aí domina refere-se a uma época antiqüíssima, quando o Sol e os seres solares ainda estavam unidos à Terra. Atingimos pois, depois da morte, duas regiões espirituais cósmicas, e encontramos nelas populações com as quais já estivemos ligados, na Terra, quando nós mesmos éramos seres totalmente diferentes do que hoje somos.

Vemos, pois, que as vivências pós-morte nos proporcionam na época atual, sob forma de majestosas reminiscências, uma visão da evolução da Terra no Universo. E enquanto na Terra o homem passa apenas por uma parte da evolução da humanidade, entre a morte e o novo nascimento ele percorre uma parte de toda a evolução cósmica. Os seres solares transcenderam, numa época bem antiga, as experiências que se pode fazer na Terra, ultrapassando inclusive as experiências que o homem pode fazer como ser lunar.

Ao alcançar a região da população solar, o homem penetra numa esfera de suma sabedoria, onde ele só pode viver tendo tido na Terra um preparo adequado.

Ora, na conferência anterior eu disse que a caminhada cósmica do homem se torna mais lenta quando ele passa do mundo anímico ao espiritual, ou seja, da esfera dos seres lunares àquela dos seres solares. Ao passo que a volta ao redor da Lua dura aproximadamente um terço da vida terrena, os ciclos seguintes de Marte, Júpiter e Saturno — já mencionei que estes não são percorridos em toda a sua extensão — requerem uma caminhada mais lenta, ou seja, doze vezes mais demorada que o ciclo lunar.

Calculando o tempo, obtemos o seguinte: — Devemos realmente partir da situação originalmente prevista para o homem pela providência cósmica. Podemos supor que o homem percorra o período lunar num terço da duração da vida terrestre. Somando os períodos passados em sono, em particular os de maior duração, na infância, obtemos uma média aproximada de trinta anos para o percurso do primeiro ciclo, o da Lua. Cada um dos ciclos seguintes requer um tempo doze vezes maior, ou seja, 360 anos. A caminhada cósmica total é de três ciclos. O homem não chega a Saturno, mas deveria cumprir os ciclos conforme a determinação original. Podemos então dizer que o homem percorre o primeiro ciclo, depois o segundo e o terceiro; mas tem de atravessá-los novamente na volta, de modo que obtemos três voltas durante a ida e três durante o retorno: são seis ciclos. Obtemos, dessa forma, um total de 2.160 anos como o tempo originalmente fixado — ainda vou explicar que o homem nem sempre observa esses lapsos de tempo, porque a situação se apresenta de modo totalmente diferente para o homem atual.

O que significa um período de 2.160 anos? Lembremo-nos de que a cada ano o ponto equinocial da primavera se situa, para o Sol, num ponto diferente de um signo zodiacal. O ponto equinocial da primavera avança. Nos últimos séculos estava em Áries, avançando dentro de Áries até chegar ao signo de Peixes. Em 25.920 anos, mais ou menos, isto é, num período de quase 26.000 anos, o Sol perfaz uma volta completa no zodíaco. Dois mil cento e sessenta anos são um duodécimo disso. Em 2.160 anos, o Sol avança de um signo

zodiacal para o seguinte. Segundo a providência cósmica, o homem deveria voltar à Terra quando o Sol tivesse avançado de um signo para o seguinte.

Ao calcularmos esse número 2.160 na base de tal causalidade interior, e ao compará-lo com aquele mencionado *era A ciência oculta* e decorrente de um critério totalmente diverso (os que leram aquele livro estarão lembrados de que descrevi o tempo necessário para o avanço do Sol de um signo a outro como sendo igual ao tempo originalmente fixado para o homem ir do nascimento à morte) — isto é, ao seguirmos dois caminhos para chegar a uma indicação de tempo, obtemos o mesmo número. São esses os fatos que a humanidade deveria anotar: quando a Ciência Espiritual emite julgamentos corretos partindo de dois pontos de vista diferentes, esses julgamentos coincidem intrinsecamente.

Alguém que julgasse a Ciência Espiritual segundo os critérios atualmente em voga seria facilmente levado a perguntar: "Mas qual é o fundamento dessa tua Ciência Espiritual? A nossa ciência baseia-se na observação e nas experiências; é daí que partimos, é aí que temos um fundamento sólido."

Um indivíduo que falasse desta forma poderia ser comparado, diante dos fatos expostos, com alguém que dissesse aos astrônomos: "Quando estou em pé na Terra, tenho o solo firme sob meus pés; um bloco de pedra também repousa no solo firme. Tudo na Terra tem um fundamento sólido. Ora, vocês, astrônomos, não passam de fantasistas, pois nos contam que a Terra flutua livremente no espaço celeste. Para falar de forma sensata, deveriam dizer-nos que ela também repousa, de qualquer modo, num fundamento sólido, como acontece com o bloco de pedra." Seria mais ou menos desse tipo a opinião de quem objetasse à Antroposofia que ela carece de um fundamento sólido. Tais indivíduos julgariam ridículo exigir que a Terra devesse repousar no solo qual um bloco de pedra; mas não se consideram ridículos, a si próprios, ao ignorar que aquilo que deve sustentar-se intrinsecamente, como fazem os corpos celestes, não pode estear-se em explicações ou experiências. Bastaria aos homens usar de mais lógica em seus julgamentos para ver que a Ciência Espiritual, aqui tratada, dá todos os seus passos da forma mais exata e tem a cada um deles plena consciência dos juízos que emite sobre o Cosmo e os seres cósmicos.

No mundo em que entra depois da morte, no início o homem convive com as almas que, como ele, atravessaram uma vida terrestre e penetraram nesse mundo espiritual após sua desencarnação. Enquanto se familiariza com a esfera dos homens desencarnados, o morto continua com o relacionamento que com eles mantinha na Terra, nas vivências espirituais da noite.

Vimos igualmente, porém, o morto estabelecer uma comunhão com outros seres espirituais, ou seja, com os habitantes da Lua que outrora haviam morado na Terra; e depois ascender à comunidade dos seres solares que também conviveram com ele na Terra, embora em tempos ainda mais antigos. Essa comunidade abrange, em primeiro lugar, as entidades da segunda hierarquia, que em minha *Ciência oculta* descrevi sob os nomes de *Exusiai, Dynameis* e *Kyriotetes*. São seres com os quais o homem deve colaborar para ter a capacidade de exprimir e manifestar, qual um produto cósmico, o destino ou carma elaborado em encarnações anteriores.

Depois de atravessar a esfera da população lunar, o homem sabe, não por meio de pensamentos terrestres, mas cósmicos, o que fez de errado em sentido cósmico; sabe o valor de seus atos, pensamentos e sentimentos para o todo da evolução cósmica. Mas não pode preparar uma nova vida terrena se apenas o sabe por meio de pensamentos cósmicos. Chega a saber, na esfera lunar, o que deverá ser dele na próxima vida terrena, mais ainda não tem a capacidade para prepará-la. Para isso tem de ascender à esfera

solar, morada dos seres que não lidam apenas com a existência na Terra, mas que cuidam dos assuntos de todo o nosso sistema planetário.

Do ponto de vista das vivências que esperam o ser humano, o Cosmo contém, portanto, duas regiões com suas respectivas populações espirituais, abrangendo o mundo anímico dos seres lunares e a população mais ampla, do mundo espiritual ou solar. Enquanto a população lunar, por ter sido ligada à Terra em época relativamente recente — falando-se em termos cósmicos —, uniu seus interesses aos habitantes da Terra, fazendo da Lua uma mera colônia cósmica destinada a orientar e provocar os acontecimentos terrestres, o universo solar, *habitai* dos seres solares dirigidos pelos *Exusiai, Dynameis* e *Kyriotetes,* tem por função cuidar dos assuntos de todo o sistema planetário: Marte, Saturno, Júpiter, Vênus, etc, além da Terra e da Lua.

A esfera solar é, portanto, uma região em que nossos interesses são consideravelmente ampliados; aí temos a possibilidade de efetuar, com a colaboração de *Exusiai, Dynameis* e *Kyriotetes,* um trabalho preparatório que permita a formação do germe espiritual de um corpo físico suscetível de ser posto à nossa disposição por um casal de pais. Nunca tal casal poderia gerar um corpo físico apropriado para os nossos fins se este não tivesse sido preparado através de um tempo prolongado, mediante um trabalho realizado no Cosmo espiritual com a colaboração de elevadíssimos seres espirituais. Nossa atividade no Cosmo espiritual — infinitamente mais ampla que os nossos limitados afazeres na existência terrena — consiste essencialmente em participar, em colaboração com os seres de nível mais elevado, dos fatos espirituais que se realizam nesses seres como o fazem aqui os acontecimentos da natureza, e de tudo o que evolui como arte espiritual, tal como o faz aqui a arte baseada na natureza. Por fim, estamos aptos a reunir tudo o que foi elaborado numa imponente imagem arquétipica, sendo esta o referido germe espiritual — como que uma sombra previamente projetada — daquilo que nascerá na Terra como nosso corpo físico.

Percorridos os três círculos acima mencionados, o homem inicia seu caminho de volta; seu interesse nos assuntos terrenos volta a despertar e ele olha, durante muitos anos antes de nascer, para as gerações que se seguem na Terra e em cujo final são colocados seu pai e sua mãe. Desde o momento de sua grande guinada cósmica, o homem começa a dirigir sua atenção à Terra. Aí percebe uma linhagem de origem remota com uma seqüência de descendentes sucessivos, até que, depois de séculos, ocorre o nascimento do casal de pais ao qual ele envia, em escala reduzida, o amplo e imponente germe espiritual de seu corpo físico; este germe espiritual se unirá com o germe físico no ventre materno.

Esse germe espiritual é inicialmente tão grande e majestoso como o próprio Universo. Enquanto o homem efetua sua caminhada de volta ao mundo físico e observa as gerações das quais descenderão seus pais, co-atuando do mundo espiritual sobre essa seqüência hereditária, o germe se torna cada vez menor, até que finalmente atravessa a esfera de Marte, a esfera solar propriamente dita e percorre rapidamente a esfera lunar, chegando por fim à Terra, onde inicia sua nova vida.

Já algum tempo antes de descer como ser anímico, o ser humano envia ao mundo físico esse germe espiritual, preparado para seu corpo físico. Uma vez terminado seu trabalho relacionado com a vida terrena seguinte, sua posição dentro do próprio Cosmo assume um aspecto diferente; ele entra numa nova relação com todo o éter cósmico e daí extrai as forças com as quais forma seu corpo etérico; esse é o último ato realizado enquanto ele desce dos mundos espirituais.

Enquanto o homem já enviou o germe individual de seu corpo físico à Terra, isto é, quando este germe já se dirige aos pais, depois de um fluxo que durante anos partia dos

mundos espirituais para moldar o corpo físico, ele mesmo ainda permanece no mundo espiritual a fim de concentrar o éter ao redor de si; em curto tempo transforma-se num ser dotado de um eu, de um corpo astral e de um etérico, sendo este contraído do éter cósmico geral. Só durante o período embrionário, na terceira ou quarta semana depois da fecundação, é que o homem reúne esses dois elementos: aquilo que se formou nessas três ou quatro semanas pela união do germe espiritual com o germe físico, já tendo chegado à Terra antes dele, e sua própria entidade. A isso ele acrescenta o corpo etérico contraído do éter cósmico — de modo que o ser humano total é constituído pelo que havia sido previamente enviado à Terra, isto é, o corpo físico, pelo corpo etérico concentrado como que no último instante da existência cósmica do indivíduo, pelo corpo astral e pelo eu, os quais atravessaram a vida entre a morte e o novo nascimento.

Assim o homem desce a uma nova existência no mundo físico, após haver enfrentado as vivências puramente espirituais.

De tudo o que precede, podemos concluir que o homem vivência o mundo percorrido entre a morte e o novo nascimento rememorando épocas primitivas da evolução terrestre, até da evolução cósmica. Essas lembranças cósmicas se transformam em seus atos — pois ele 'faz' algo com essas lembranças com a ajuda dos seres superiores que mencionei e dos quais falarei ainda mais adiante. E enquanto ele atua lembrando, ou lembra atuando, a perspectiva que se abre para o passado terrestre e cósmico se torna cada vez mais importante.

As vivências que o homem tem durante seu contato com os seres lunares lhe trazem à alma a recordação de uma época de suas vidas anteriores, em que seu relacionamento com esses seres havia sido semelhante ao de agora. Ele visualiza uma seqüência de vidas semelhantes à atual. Remontando para além delas, nota um período em que sua vida na Terra havia sido mais próxima da atual população lunar. Ele vê uma época da qual está separado, na existência física, por aquilo que os geólogos chamam de era glacial. Aquela época da evolução terrestre é descrita em minhas obras sob o nome de época atlântica. Mas seu olhar remonta mais além, encontrando a época lemúrica. Aí as condições exteriores na Terra eram bem diferentes das atuais: o homem não estava intimamente ligado à Terra em que pisava com seus pés. Vivia então, como ser etérico, na atmosfera ao redor da Terra. Essa forma de existência lhe era possível porque a atmosfera continha, em dissolução, a água que atualmente se encontra condensada nos mares e nos continentes, mas também outras substâncias, atualmente transformadas em matéria sólida. Nessa época lemúrica — pouco importa a terminologia usada — o homem vivia, pois, no espaço ao redor da Terra.

Prosseguindo em sua retrospectiva, o homem avista uma época em que vivia unido aos próprios seres solares, antes que o Sol se tivesse separado da Terra durante a evolução cósmica. Não se trata do ciclo solar descrito no livro *A ciência oculta,* ou seja, a segunda 'encarnação' da Terra, mas sim da recapitulação desse ciclo na presente fase evolutiva da Terra. De certa forma o conhecimento do homem, ao ser completado pelas experiências pós-morte, torna-se cosmológico. A evolução da Terra e os resultados repetidos dos ciclos anteriores da evolução terrestre vêm à tona mediante a atividade realizada pelo homem em colaboração com os seres superiores. Essa atividade faz reaparecer o passado da Terra em sua relação com todo o sistema planetário — o Sol, a Lua e os planetas que deles dependem. Com tudo o que vem à tona, o homem molda aquela porção do futuro que lhe cabe moldar nessa altura, ou seja, sua próxima vida terrestre. Mas ele está ao mesmo tempo entretecido ao preparo do futuro que se planeja para todo o Universo, isto é, os ciclos de Júpiter, Vênus e Vulcão, pelos quais passará a existência terrestre.

Enquanto nos compenetramos com esses fatos, chegamos a compreender de que forma uma fase da evolução cósmica da Terra ocorria em tempos remotos, pois temos uma visão retrospectiva da época em que a atual população da Lua fornecia aos homens terrenos seus mestres. Mais tarde essa população se retirou com esses últimos mestres para a fortaleza lunar do Cosmo.

Na Terra, porém, nasceram periodicamente homens que tinham, devido à sua evolução cármica, a possibilidade de manter um contato íntimo com as vivências da população lunar. Tais homens que nasceram periodicamente durante a evolução aparecem, como se fossem delegados do grande conclave lunar, àqueles que povoaram a Terra durante as primeiras épocas pós-atlânticas, dando origem, no Oriente, a uma civilização bastante elevada. Esses mensageiros da Lua foram chamados Bodisatvas. Eram homens que viviam na Terra, porém impregnados dos restos da espiritualidade que outrora havia atuado diretamente através dos grandes mestres lunares.

Acontece freqüentemente que, em determinadas épocas, a população lunar, mais próxima dos seres solares do que dos homens, estabelece relações particularmente intensas com a população solar. Foi por esse caminho, isto é, por meio dos mensageiros da Lua, chamados no Oriente de Bodisatvas, que a sabedoria solar pôde chegar até os homens que viviam na Terra durante a época das antigas civilizações orientais. Mas nessa altura o próprio progresso da evolução terrestre tornou necessário que a civilização fosse alimentada exclusivamente pelos seres lunares. Se os mensageiros da Lua houvessem simplesmente continuado a aparecer na evolução da Terra, esta teria tomado um rumo bem diferente, não previsto pela sabedoria cósmica. Por isso ocorreu o importante e significativo acontecimento que conhecemos como 'Mistério do Gólgota'.

Enquanto delegados lunares haviam trazido a sabedoria solar em épocas mais antigas, o próprio ser regente dos espíritos solares encarnou-se no homem Jesus e desceu à Terra pelo Mistério do Gólgota. Com isso a situação na Terra foi transformada, pois o Cristo Jesus incorporou na própria evolução terrestre, como impulso intrínseco, aquela sabedoria que os seres solares haviam acumulado. Por esse motivo, o desenvolvimento subseqüente da Terra tinha de realizar-se sob o impulso de Jesus Cristo.

Por ocasião do Mistério do Gólgota, a sabedoria lunar ainda existente na Terra era tal que permitiu, sob forma de gnose ou *Pistis Sophia* — na realidade uma antiga sabedoria lunar —, que se compreendesse o significado do Cristo. A antiga sabedoria ainda existia, manifestando-se como gnose, e esta era, em última análise, um esforço para se compreender o Cristo em toda a sua espiritualidade. E acontece que a gnose foi extirpada. Essa destruição da gnose — exceto dos libelos de seus adversários — marcou o primeiro passo numa evolução que visava à incompreensão temporária do Mistério do Gólgota.

Para terem uma idéia do que se sabe exteriormente a respeito da gnose, basta os Senhores imaginarem o que sobraria da Antroposofia se só tivéssemos os círculos de seus adversários. De fato, conhece-se apenas o que os inimigos disseram, e mais algo da *obra Pistis Sophia*[15] que os homens não compreendem. É isso o que os homens sabem a respeito da gnose. A gnose era como que uma dádiva da Lua, oferecida aos primeiros séculos, principalmente aos quatro primeiros séculos da era cristã; com efeito, não se compreendia mais a gnose depois do século IV. Podemos dizer que a gnose continha a opinião da velha sabedoria lunar, do *Logos* lunar, a respeito do Cristo, isto é, do *Logos* solar que havia descido à Terra. Só quem se inteira dessa situação pode entender a gnose, tão mal conhecida e tantas vezes objeto de observações bastante absurdas.

[15] Obra atribuída ao gnóstico Valentino, condenado à morte no século III. (N.E.)

Mas a evolução da Terra deve prosseguir, não podendo ficar estagnada. Temos de progredir da antiga sabedoria lunar para uma nova sabedoria solar, procurando compreendê-la diretamente. Pretendo descrever amanhã a forma como a antiga sabedoria, depois de terminada sua evolução, falava ao homem por meio de uma espécie de respiração iogue, isto é, de uma transformação do processo respiratório. Mediante essa transformação os homens ainda conseguiam alcançar a antiga sabedoria lunar.

Essa maneira iogue não é mais apropriada para a população ocidental. Esta deve chegar diretamente à imaginação. Atingir a consciência imaginativa deveria ser também a primeira meta almejada pela civilização em geral. Contudo existem muitos obstáculos. Por isso a civilização só poderá ter uma evolução ascendente se a humanidade voltar a seguir um impulso espiritual.

Isto se relaciona com seus destinos mais íntimos. De um modo geral, não havia homens relutantes naqueles tempos em que os Bodisatvas fizeram sua aparição; mesmo se esses tempos antigos nos parecem exteriormente cruéis e horríveis, sempre foi possível enfrentar com boa vontade os impulsos advindos do mundo espiritual. Assim, os Bodisatvas encontraram uma humanidade disposta a aceitar o antigo *Logos* lunar que, por sua vez, refletia o *Logos* solar. Nunca mais, porém, será possível falar dessa forma antiga à humanidade.

O que era, porém, tem de continuar, e a antiga sabedoria lunar, o *Logos* lunar, não pode simplesmente cessar, e sim continuar; só que deve ser permeado pelo Verbo Solar, o qual devemos reencontrar depois de haver perdido a última herança da gnose. Mas não se pode usar uma verdadeira linguagem solar antes que a humanidade queira aceitar de bom grado o Verbo Solar. Por isso a humanidade esperará em vão a chegada de um sucessor dos antigos Bodisatvas, já que sua presença para ajudar os homens dependerá da compreensão que estes tiverem em relação a ele.

A humanidade está, atualmente, cindida em oriental e ocidental Quem não tem dessa situação uma visão profunda não pode formar um juízo correto a respeito, nem percebe que o Oriente espera de um novo Bodisatva algo inteiramente diverso do que o Ocidente pode imaginar. Os anseios nacionalistas atuais ainda não se compenetraram com aquela consciência humana generalizada, espalhada na Terra inteira, consciência que deveria ser um resultado do impulso do Cristo. Mas antes de desenvolver uma busca espiritual em escala suficiente, a humanidade não conseguirá elevar-se à altura desse impulso verdadeiramente cristão, de caráter humano geral, nem compreender o que um eventual Bodisatva possa dizer-lhe; deverá, primeiro, chegar a uma compreensão que ligue o Oriente ao Ocidente, como fruto dessa busca espiritual.

Com isso eu indiquei o tema de minha próxima conferência: a situação atual não significa que os homens devam esperar pelo Bodisatva, mas sim que este deve esperar ser compreendido pelos homens, para poder falar em sua língua; com efeito, a humanidade entrou na época da liberdade.

É sobre essa entrada na época da liberdade que falaremos na próxima conferência, relacionando-a com o problema que hoje nos ocupou. Mas tudo o que a humanidade terá de enfrentar para encontrar o mais íntimo impulso que possa conduzi-la ao mundo espiritual está relacionado com vários aspectos e sintomas aparentemente insignificantes da civilização.

Perdoem-me se estou ligando o assunto grandioso que acabo de mencionar com algo mesquinho, mas o grandioso se observa às vezes através de sintomas minúsculos. Alguns dias atrás eu disse que justamente neste lugar onde as imaginações se apresentam à mente com tanta firmeza se sente a perturbação causada pelos automóveis. Já frisei que não falo contra os automóveis; a Antroposofia não pode ter um ponto de vista reacionário.

Andar de carro obviamente me apaixona quando é necessário, pois não se deve querer fazer o mundo regredir. Mas quando algo se manifesta de forma unilateral, convém opor-lhe algo em sentido contrário. Andar de carro é, portanto, perfeitamente correto; mas ao lado dos automóveis e de tudo o que se refere aos passeios de automóvel deveria surgir um coração com um pendor para o mundo espiritual. Só assim a humanidade sairá triunfante, mesmo se ainda surgirem outras coisas além dos automóveis; ela vencerá graças à liberdade que deve nascer mas que, não obstante, deve ser usada para uma volta ao Bodisatva.

A própria humanidade poderá defender-se contra os efeitos das coisas que surgem no mundo para a execução mecânica dos serviços pertinentes ao homem. Pode-se já afirmar que a humanidade resistirá com suas próprias forças aos efeitos dos automóveis, das máquinas de escrever, etc.

A situação é diferente no caso do gramofone[16] (desculpem que eu termine esta conferência com algo aparentemente tão trivial).

O que se verifica, no gramofone, é a intenção de mecanizar a arte. Se a humanidade fosse tomada de paixão por tais coisas, onde se mecanizasse aquilo que desce ao mundo qual sombra do espiritual — se, portanto, se entusiasmasse por um impulso como o que se exprime no gramofone, não teria forças suficientes para defender-se. Teria então de receber uma ajuda dos deuses.

Ora, os deuses são clementes, e hoje podemos ter a esperança de que, em relação ao progresso da civilização humana, deuses misericordiosos nos ajudarão até mesmo a superar tais desvios do bom-gosto, como os que se manifestam no caso do gramofone.

30 de agosto de 1923

A evolução do mundo em relação à evolução do homem

Sintetizando conscientemente todas as nossas reflexões acerca do homem e do Universo, concluiremos que o homem contém dentro de si, embora sob forma de imagens, todo o passado da humanidade, podendo gradualmente fazer com que essas imagens aflorem. Na consciência diurna comum só guardamos desse passado a lembrança que remete o homem às vivências obtidas na vida terrena. Mas quando o homem conduz sua consciência comum pelos caminhos por mim indicados, esta se torna cada vez mais clara e faz retroceder um passo cada vez mais amplo em direção ao passado da evolução do Universo. Nós vimos, inclusive, como o homem revive depois da morte todo esse passado cósmico.

Quando a imaginação torna paulatinamente visível aquilo que permanece invisível aos sentidos comuns, o homem olha não só para suas recordações, mas para tudo o que plasmou a ele próprio dando-lhe forma a partir de dentro, isto é, as forças do crescimento e da alimentação, as quais têm todas uma origem espiritual.

Ao alcançar a inspiração, o homem dirige o olhar para a existência pré-terrestre, porém não apenas para a de seu próprio ser. Vimo-lo ir, de certa forma, da Terra, ilha cósmica, para o oceano cósmico livre, onde se encontram os astros que, por sua vez, se lhe revelam como morada de seres espirituais.

Quando, finalmente, ocorre a intuição, seu olhar abrange até as vidas terrestres passadas, e com elas surge uma visão de toda a vida pregressa do mundo. O homem nasceu de todo o Universo, e todo esse Universo está presente em seus corpos físico, etérico e astral e, durante a existência terrena, em grau menor no eu. Tudo isso está contido

[16] Precursor do toca-discos atual. (N.T.)

nele, vivendo e atuando em seu interior. Nós carregamos todo o passado da evolução cósmica, resultado da atividade espiritual de inúmeras gerações espirituais divinas. Todo o trabalho de gerações divinas está contido na estrutura dos nossos órgãos, nas forças que os permeiam e nos sentimentos e pensamentos que desabrocham das forças desses órgãos. Carregamos dentro de nós a atuação de toda a evolução passada do Cosmo.

Depois de termos aguçado ao menos mentalmente o olhar em direção ao passado, dirigimo-lo àquele mundo que nos circunda aqui na Terra; em nosso estado de consciência comum, só percebemos deste mundo o que os sentidos nos trazem e o que a razão pode elaborar com base nas observações sensoriais. Mas isso é apenas uma parcela íntima do mundo. Além da existência sensorial estende-se imensa a existência espiritual, que por sua vez atua em todas as cores que aparecem na natureza, nos sons que nela ouvimos, nas sensações de calor e de frio — enfim, em tudo o que, dos fenômenos da natureza, atua sobre o homem.

Além da natureza manifesta, física e sensorial, existe uma natureza oculta e espiritual que também nos circunda. Esse mundo ambiente, que na percepção sensorial nos apresenta apenas em sua superfície, abarca já hoje toda a evolução futura do homem. Assim como carregamos, dentro de nós, o passado sob forma de grandiosas imagens, sendo nós próprios o resultado dessas imagens, a natureza oculta contém tudo o que se desenvolverá na evolução cósmica, tudo o que o futuro nos trará. Podemos, pois, enunciar as seguintes importantes afirmações: o homem carrega em seu interior o passado do Universo; o mundo exterior contém o futuro do homem.

Essas duas sentenças são os princípios básicos da evolução cósmica e humana. Já nas vidas individuais isto se manifesta: há, no homem, uma enorme diferença entre o que pertence à organização da cabeça e aquilo que pertence ao resto do corpo. Embora a verdade seja mais sutil, podemos dizer, *grosso modo:* existem forças que atuam no coração em direção à cabeça, conferindo-lhe sua configuração específica — a parte exterior representada pela calota craniana, extremamente dura, e seu conteúdo, isto é, a formação mais maravilhosa do mundo: as circunvoluções e entrelaçamentos do cérebro e os sentidos embutidos na cabeça.

Essas forças — tudo o que irradia do tórax e do coração em direção à cabeça — resultam do passado. A configuração atual desse jogo de forças é fruto do trabalho realizado por inúmeras gerações divinas no decorrer das metamorfoses planetárias. Em minha *Ciência oculta* frisei que a fase atual da Terra foi precedida pelas fases de Saturno, do Sol e da Lua, descrevendo a maneira como nossa Terra veio a existir. No decurso da evolução terrena, houve primeiro uma recapitulação das fases de Saturno, do Sol e da Lua. Atualmente ultrapassamos um pouco a metade da evolução humana no contexto da evolução geral da Terra.

Todas as forças que paulatinamente se desenvolveram, através de longos períodos, sob influência de gerações espirituais divinas, vivem atualmente no próprio corpo físico do homem, irradiando do coração para a cabeça. Foram essas gerações que prepararam e elaboraram tudo o que irradia da parte mediana do nosso corpo em direção ao homem-cabeça, tanto nos corpos físico, etérico e astral como no eu. O último resto dessas forças, cuja atuação permanece inconsciente para o homem moderno, é aquilo que se manifesta durante a vida terrestre como seu carma, como passado de seu eu.

Ao penetrar nessas forças da recordação, percebemos em primeiro lugar o carma, depois os vários passos da evolução terrestre e, finalmente, as metamorfoses planetárias pelas quais a Terra passou antes de ser propriamente Terra. Ora, antes que ela pudesse nascer, era necessário surgir um corpo cósmico que consistisse só em calor, ou seja, Saturno; esse corpo tinha de morrer e ressurgir como Sol, do qual o Sol atual, lá fora no

espaço cósmico, é o último resto. Tratava-se de um corpo cósmico constituído apenas de ar, o qual, por sua vez, tinha de morrer para que pudesse nascer a Lua formada por substâncias mais aquosas. E esta teve de perecer para abrir caminho à Terra, constituída de substância mineral e somente onde foi possível ao homem desenvolver-se na forma atual.

Mas assim como possuímos essas forças ascendentes, trazemos dentro de nós também forças descendentes cujo centro é o coração, e através de ambas as forças a circulação sangüínea flui para os movimentos de nossos membros. Essas forças atuam em qualquer movimento da mão, em qualquer atividade, em qualquer passo que damos para realizar nossos atos terrenos. São, porém, forças que pertencem ao mundo circundante oculto, e não ao passado. Elas passarão a fazer parte do passado — porém um passado futuro — quando o homem tiver atravessado o portal da morte, trocando a existência terrena pela estelar. Em tais forças se prepara o futuro do homem.

Essa gênese do futuro resulta da interação entre essas forças e aquelas que existem lá fora, na natureza oculta. Assim, o Universo abarca o futuro do homem em sua própria evolução. E o ser humano está nitidamente diferenciado quanto a essas forças superiores e inferiores; isso é revelado pelo conhecimento que se adquire ao passar pelo guardião do limiar.

Para a consciência comum, tudo o que se situa embaixo do coração permanece desapercebido. Isso não impede que esteja permeado de uma consciência, só que o homem atual ainda não chegou a possuí-la; por isso, com relação às suas vivências, ele é plasmado diferentemente do que em sua consciência. Em sua consciência ele só vivência, por assim dizer, o que emerge na superfície — qual uma ilha — das vivências totais que tem. Quem tem do homem uma visão total pode vê-lo munido dessas forças que, hoje em dia, ainda são subconscientes.

Pode-se ver como o homem realiza este ou aquele ato que lhe dá satisfação no momento imediato em que ele vive: sua cabeça está satisfeita. Admitamos que, por qualquer motivo, o ato seja bastante ruim: a cabeça fica satisfeita. A consciência comum desconhece as circunstâncias, pois enquanto a cabeça está satisfeita, a mão que comete o ato estremece no subconsciente. E embora nem sempre seja visível exteriormente, esse estremecimento transmite-se aos corpos etérico e astral. Desta forma, podemos observar intimamente como o homem pode ter em sua cabeça a satisfação causada por um ato e como essa satisfação se transforma em estremecimento dos órgãos astrais e etéricos relacionados com os braços ou com as pernas. Na satisfação proporcionada à cabeça por um ato ruim morre, de certa forma, a consciência; mas outra consciência nasce pelo fato de o homem inferior estremecer por causa de um ato.

Nesse estremecimento é que se prepara o carma futuro, pois o homem treme diante das forças da natureza escondida, do mundo oculto. Aí ele pressente qual será o julgamento cósmico quando ele passar da ilha terrena para o vasto oceano do âmbito estelar.

Assim, podemos dizer que o passado e o futuro do mundo estão presentes no ser humano de maneiras diferentes; eles vivem até mesmo na configuração exterior do corpo físico. A organização da cabeça, resultado mais perfeito e maravilhoso da evolução cósmica, desintegra-se em sua maior parte, mesmo quanto ao seu conteúdo espiritual interior, quando o homem atravessa o limiar da morte. Em compensação, a organização inferior, mesmo considerada apenas em seu aspecto físico, contém uma imagem do anímico-espiritual que vive nos braços, nas pernas, em todo o sistema metabólico-motor; nessa organização dos membros e do metabolismo vivem forças, e não apenas a carne e o sangue que se pode ver. Essas forças espirituais atuam por detrás da carne e do sangue

transformados em braços e pernas físicos. Atualmente elas fluem através dos braços e das pernas; numa existência terrena futura, fluirão através dos órgãos que movem a mandíbula para baixo e para cima e que se situam no prolongamento da maxila e da mandíbula. Em sua forma plástica, os ossos da cabeça serão, na vida terrena seguinte, os ossos transformados dos braços e das pernas — considerados obviamente em sua parte espiritual, pois a matéria física desaparece. Falando em termos de forças e dinâmica, podemos dizer que nossos braços e pernas atuais reaparecerão na próxima encarnação como formação da cabeça. A própria organização física é uma imagem de como o ser humano percorre as vidas terrestres. Quem contempla a forma artística da cabeça humana na vida presente vê aí as formações plasmadas pelo indivíduo em sua encarnação anterior, mediante o tratamento dispensado aos homens e ao ambiente por meio dos seus braços e mãos. Os feitos dos braços e pernas de uma encarnação vivem na forma da cabeça, na encarnação seguinte. A frenologia comum é, a esse respeito, bastante superficial, pois interpreta as formas da cabeça de modo intelectual. Por trás dela se esconde uma frenologia oculta mais profunda, que é individual para cada homem e não pode ser aprendida conforme regras gerais; mas permite desvendar, por uma interpretação das formas da cabeça baseada em intuições, o resultado de um trabalho preparatório realizado pelo indivíduo enquanto andava e atuava em sua encarnação anterior.

Eis, pois, a relação entre o passado e o futuro, na evolução cósmica e humana.

Vimos que o homem constata, ao observar a si próprio, que sua evolução é o fruto do trabalho de muitas gerações divinas através de períodos imensos. Naturalmente só podemos esboçar a maneira como os aspectos da existência atual do homem apontam para o trabalho plasmador dessas gerações de deuses ao longo da evolução terrestre, de Saturno, do Sol e da Lua. Tomemos três impulsos, na vida humana terrestre, que queiramos escolher como especialmente típicos do homem.

Basta observarmos com a consciência comum a maravilha do desenvolvimento humano a partir dos primeiros dias de sua existência, donde emergem os impulsos que plasmam a criança nos primeiros dias e semanas, dando contornos mais definidos às suas formas vagas e transformando mais tarde os movimentos caóticos dos braços e das pernas em movimentos ordenados; temos o pressentimento de que algo espiritual, escondido nas profundidades ocultas da natureza, se exprime no corpo. Sentimos que não existe coisa mais assombrosa do que esse desabrochar do homem interior em suas formas exteriores, constatável durante o desenvolvimento da criança em seus primeiros anos de vida. Quando sabemos contemplar esse processo com senso realmente artístico e religioso, a devoção que sentimos diante do espiritual que se desvenda ultrapassa qualquer vivência artística, científica ou religiosa que possamos receber do mundo exterior.

Podemos dar maior ênfase a três aspectos desse desabrochar da criança. Habitualmente se diz que a criança aprende a andar. Isto é de fato algo admirável, pois abarca um mundo de movimentos. De uma posição paralela à superfície da Terra, a criança se ergue para a posição ereta. No momento em que dizemos “a criança aprende a andar”, escolhemos apenas o fato mais visível e mais notável; na realidade, porém, ela aprende a orientar todas as suas forças de uma forma nova, no que se refere à Terra. Ela aprende a colocar-se no Cosmo inteiro com seu próprio equilíbrio interior, de acordo com suas próprias forças. No que ali constatamos, vemos o homem transcender o reino animal. O animal nunca chega a viver esse instante de sua existência; ele não pode fazê-lo, pois fica com sua coluna dorsal paralela ao solo; e mesmo quando se ergue, como acontece com os macacos, isso está em contraste com sua organização.

Quem pretende fazer um julgamento do homem deve observar o que significa a criança aprender a andar. Os cientistas compararam os ossos do homem com os dos

animais, e constataram que os primeiros são ossos animais metamorfoseados, da mesma forma como os músculos do homem são músculos animais transformados, etc. Dizem que isso ocorreu com todos os órgãos. Mas dessa forma não se descobre a diferença entre o homem e o animal; essa diferença, nós a descobrimos apenas ao focalizar o homem no momento em que ele abandona a animalidade que caracteriza os primeiros tempos de sua vida para erguer-se, achando seu equilíbrio dentro do equilíbrio do Universo. Ele nunca teria aprendido essa arte se os primeiros preparativos não tivessem sido feitos desde tempos antiqüíssimos. Essa capacidade já era inerente ao ser humano, qual um germe, durante o ciclo de Saturno. Foi nessa fase saturnina que seres divinos implantaram o germe para aquilo que acontece quando a criança, como nós dizemos, aprende a andar. Naquele tempo não havia animais; estes só apareceram durante o ciclo solar. O homem, considerado em sua disposição original, é mais antigo que os animais.

A origem das forças que atuam de forma invisível quando o homem passa a caminhar remonta à época do antigo Saturno. O segundo fenômeno ocorre quando os impulsos que, na criança, eram dirigidos para uma orientação no espaço, voltam-se para dentro. Ao dirigir-se para dentro, essas forças manifestam-se de um modo novo. Quando seguro um pedaço de giz, uma força se dirige para fora. Mas há uma força oposta que se dirige para dentro e se descarrega em meus órgãos internos. Essa força dirigida para dentro, mas que nasceu de um esforço para orientar-me através dos movimentos dos membros, manifesta-se na evolução da criança quando esta aprende a falar. A fala é a segunda arte que a criança aprende. Primeiro, as forças se dirigem para fora: a criança aprende a orientar-se no espaço. Depois, as mesmas forças dirigem-se para dentro: a criança aprende a falar. A Ciência Natural só conhece uma pequena parte desses fatos. Sabe apenas que um homem canhoto tem o centro da fala do lado direito do cérebro, enquanto o indivíduo que usa de preferência a mão direita tem seu centro da fala à esquerda. Mas, na realidade, tudo o que o cérebro contém em relação ao desenvolvimento de fala é a própria criança que o molda no cérebro, a partir dos membros, enquanto aprende a andar, a movimentar-se, a pegar as coisas. Eis as forças que se dirigem para dentro e que depois passam do cérebro aos órgãos da fala.

Também neste caso foram seres espirituais que prepararam, durante um tempo imensurável, a organização humana de forma que pudesse servir para a fala, na infância. O ser humano é capaz de aprender a falar pelo fato de os seres espirituais que no velho Saturno o haviam preparado para andar haverem-se dedicado, no antigo Sol, ao trabalho de produzir no homem a capacidade de falar.

O terceiro elemento que a criança desenvolve a partir da fala, tendo-a também a humanidade desenvolvido dessa atividade, é o pensamento. Com efeito, em sua evolução os homens aprendem primeiro a falar e depois a pensar. Ora, o pensamento foi preparado pelos seres divinos desde a época lunar. Eis o desenvolvimento do homem no passado: seres espirituais preparam-no para andar, para falar e para pensar, nas épocas de Saturno, do Sol e da Lua, respectivamente.

Ao homem juntou-se, na época solar, o reino animal, obviamente numa forma exterior diferente da atual. Hoje os animais têm de comer plantas; naquele tempo isso não era necessário, pois eles eram simplesmente seres existentes no ar e constituídos de mera matéria aérea. As plantas apareceram somente na fase lunar.

A evolução entra na fase da Terra propriamente dita. E somente nessa altura que o homem desenvolve aquilo em que as forças do andar, do falar e do pensar se realizam de uma forma visível: a figura humana. Ao mesmo tempo, o reino mineral e a mineralidade vêm penetrar também no ser humano. Tudo isso constitui o passado do homem.

Se quisermos vislumbrar o futuro do homem a partir do presente, devemos caracterizar a velhice do ser humano, embora os sintomas apareçam de um modo pouco nítido. Enquanto tudo o que se revela na evolução da criança através do andar, do falar e do pensar seja evidente por exteriorizar-se, a espiritualização crescente do indivíduo, à medida que este envelhece, é pouco aparente quando não se observa o ser humano com o olhar espiritual. Eu já disse que é maravilhoso contemplar a manifestação gradativa do anímico-espiritual através do corpo; esse espetáculo pode provocar-nos um sentimento de profunda religiosidade diante da mais significativa obra de arte. Mas é igualmente admirável observarmos como tudo o que o homem vivenciou por meio do andar, do falar e do pensar em sua vida terrena tende a desaparecer, espiritualizando-se, até o momento em que ele atravessa o portal da morte. Os pensamentos, as palavras, tudo o que o homem realizou e conquistou por meio de suas mãos passa por um processo de espiritualização e desaparece: o homem leva para a vida espiritual o que de espiritual recebeu através do pensar, do falar e do andar. E da mesma forma como os fenômenos do andar, do falar e do pensar apontam, na criança, para estados anteriores da evolução terrestre — Lua, Sol, Saturno —, aquilo que o homem vivência em seus pensamentos aponta para suas próximas vidas terrestres, e daí para as grandes épocas da evolução da Terra.

O desenvolvimento futuro, tanto do Universo como do homem, faz-nos entrever o ciclo de Júpiter, ou seja, o estado que só será realizado depois da morte da Terra e de sua ressurreição num novo ciclo planetário; são os pensamentos humanos que nos indicam isso. Eles próprios não existirão nessa época como pensamentos flutuantes no homem, e sim serão autoplasmados — sendo que o pensamento assim configurado se manifestará na forma do homem.

Podemos atualmente esconder nossos pensamentos, e nosso rosto pode parecer inocente enquanto somos intimamente culpados. Isso não será possível em Júpiter, próxima metamorfose do mundo terrestre. Aí teremos um rosto produzido pelos pensamentos, já que o corpo humano não será duro e mineralizado, mas interiormente maleável, consistindo numa matéria bem mole. Quem tiver um pensamento errôneo o manifestará logo a seus semelhantes, pela deformação instantânea de seu rosto. Qualquer pensamento tenderá a assumir, de imediato, uma forma definida. E os homens levarão, estampados em sua forma, os pensamentos duradouros, seu temperamento. No ciclo de Júpiter, primeira fase da evolução futura, pela aparência se perceberá se um indivíduo é um malandro ou se apenas nutre instintos animalescos.

A segunda fase será determinada por tudo o que o homem desenvolve por meio da fala. Em nossos dias a fala flui de dentro para fora, por meio do ar. No futuro, a fala será criadora. A palavra não se desintegrará no ar depois de pronunciada, mas se conservará. Por meio da palavra o homem será um criador de formas.

Desse modo, o homem moldará a si próprio pelo pensar, da fase jupiteriana em diante; e plasmará seu mundo ambiente por meio da palavra, durante a fase de Vênus. Se pronunciar uma palavra mal-intencionada, algo semelhante a uma hedionda forma vegetal nascerá no ar, pois o ambiente de Vênus consistirá, essencialmente, numa matéria tão sutil como o ar. O homem será rodeado pelas criaturas engendradas por sua própria fala.

Aquilo que vive no andar e nos movimentos dos braços será desenvolvido durante o ciclo de Vulcão, última metamorfose da Terra, enquanto os sentimentos criadores e a fala criadora se manifestarão na fase de Vênus.

Em nossos dias, locomovemo-nos até nossos atos; para realizá-los usamos nossos braços. Mas nada disso permanece. Dirigimo-nos a algum ponto para realizar algo; pode ser algo complicado — posso até fazer uma guerra. Mas quando vamos embora, nada fica no mundo exterior.

Ora, nossos movimentos deixarão um marco permanente na fase de Vulcão. Aí o homem não só andará e apalpará, mas tudo o que realizar andando e apalpando ficará gravado na existência de Vulcão. Seus feitos serão mesmo realizados na existência de Vulcão, e a fase de Vulcão será formada pelos atos realizados pelo homem.

Tudo isso nos mostra o enorme hiato constituído pela existência da Terra entre o passado e o futuro da evolução cósmica e humana. Tudo o que era feito até a existência da Terra era obra das gerações divinas e espirituais; o que seguirá será obra do próprio homem. Eis onde a liberdade chega ao ser humano, em meio à evolução cósmica. O homem foi colocado no mundo pelos deuses e deles recebeu a existência para a liberdade; dos deuses recebeu seu andar, falar e pensar, e até mesmo sua forma exterior. Mas enquanto anda, fala e pensa, ele acrescenta algo de seu à evolução futura do Universo. Na época atual, vemos o homem desprender-se do passado e integrar-se no futuro. Ele tem algo do passado em seu carma, e algo do futuro naquilo que incorporará ao seu carma por suas volições dirigidas ao futuro. O homem está agora, de certa forma, no período de aprendizagem entre o passado e o futuro.

Tudo isso impede que as coisas se passem da forma como indiquei ontem. Eu disse que deveria haver entre duas encarnações aquele intervalo de 2.160 anos. Mas o homem não assimila durante uma vida tudo o que deveria extrair dela. Por esse motivo os intervalos entre a morte e o novo nascimento são, na realidade, bem diferentes; para ninguém eles chegam a 2.160 anos — ao contrário, são sensivelmente mais curtos.

Pessoas que se abandonaram a uma vida exclusivamente terrena ou que tiveram tendência à criminalidade têm poucas chances de ir bem longe em sua viagem através das estrelas: voltam logo a viver na Terra, depois de um curto intervalo entre a morte e o novo nascimento. Outros precisam de mais tempo para aprimorar e refinar as vivências anímico-espirituais que tiveram na Terra. De um modo geral, pessoas com tendências animalescas, entregues a paixões e instintos, voltam rapidamente. Aqueles que passaram por um desenvolvimento espiritual normal só retornam após mais longo tempo. Pode também acontecer que certas pessoas, por espírito de sacrifício, voltem para prestar uma contribuição à evolução da Terra; tiveram um discernimento mais profundo e mais espiritual do mundo e do que se deve realizar na época atual. Com efeito, os três a seis círculos planetários descritos em minha última palestra (Marte, Júpiter e Saturno) podem ser percorridos mais rapidamente por quem manifesta amor pelo espiritual já na vida terrena.

Quem atravessa o portal da morte dotado de instintos inferiores recua antes de terminar os referidos círculos, sendo repelido em particular pela região dos planetóides. Em minha próxima palestra, falarei a respeito dos que penetram em todo tipo de círculos por terem cedido a determinadas influências em sua vida pessoal ou nacional, etc.

Pode-se afirmar que os homens que chegam corretamente até a região dos planetóides despendem de setecentos a oitocentos anos de uma encarnação à seguinte. Isso é normal para os que não são, especificamente, caracteres inferiores. Contudo, um discernimento mais profundo e um amor pelo mundo espiritual permitem que se abrevie conscientemente a vida entre a morte e o novo nascimento. Tais indivíduos podem voltar rapidamente, pois aproveitaram bem a vida passada e desejam contribuir, o quanto antes, para transformar a civilização na Terra.

Tive de conduzir os Amigos mentalmente até o mundo dos astros para fazê-los sair do mundo dentro do qual o homem atual costuma confortar-se, abrindo-lhes, ao mesmo tempo, uma visão do mundo em que o homem deve penetrar mediante um discernimento íntimo quando deseja vivenciar seu futuro de forma correta.

Ora, via de regra o homem está, atualmente, longe de desprender-se do mundo físico e material que o circunda e buscar o espiritual. O tempo já está muito avançado para se poder apontar os obstáculos que o homem moderno enfrenta ao pretender ao menos penetrar na esfera espiritual humana por meio da psicanálise. Voltarei a esse tópico amanhã. A observação do mundo físico-sensorial proporcionará um caminho certo, mesmo àqueles grupos que queiram encontrar o espiritual em nosso contexto físico-sensorial partindo da ciência contemporânea. Isso é possível. E uma prova dessa possibilidade está numa pequena obra publicada por nosso Instituto Fisiológico e Biológico em Stuttgart. A Dra. Kolisko[17] acaba de publicar os resultados de uma pesquisa muito bonita sob o título *Physiologischer und physikalischer Nachweis der Wirksamkeit kleinster Entitäten* [Demonstração fisiológica e física da atuação de substâncias mínimas]. Os Senhores sabem que a homeopatia pretende agir por meio de fortes diluições da matéria física. Atuando mediante uma grande diluição da matéria, consegue-se realmente entrar na esfera espiritual. Conseguiu-se demonstrar, seguindo um método muito exato, que entidades mínimas, ou seja, diluições extremas, têm uma atuação. A Dra. Kolisko seguiu durante longos períodos, e muito conscientemente, as instruções que eu lhe forneci nesse sentido, e conseguiu obter diluições da ordem de 1:1 trilhão.

Quando se dissolve uma substância num copo de água e depois se joga a metade e se dissolve o resto numa quantidade de água perfazendo um copo cheio, a dissolução obtida é de 1:2; jogando a metade e completando novamente, obtemos uma solução de 1:4, e assim por diante. Em nosso Instituto Biológico em Stuttgart, conseguimos chegar a diluições altas e extremamente exatas, da ordem de 1:1 trilhão; por esse meio chegamos às chamadas potências superiores. No referido trabalho os Amigos encontrarão resultados obtidos, por exemplo, com o antimônio, do qual falei recentemente numa conferência sobre medicina. Aí se constata que o crescimento de uma planta, como por exemplo um germe de trigo, é retardado ao máximo quando se aplica a 21ª potência, enquanto a maior aceleração é conseguida com a 29ª ou 30ª potência. Fizemos diluições de uma substância, chegando até à potência que corresponde a 1:1 trilhão, e verificamos que potências ou diluições menores modificam a rapidez do crescimento, ao passo que o crescimento mais rápido, isto é, a maior ativação da força vital, foi conseguida com as diluições mais altas. Conseguiu-se dessa maneira desintegrar a matéria, fazendo aparecer nela o que é realmente espiritual. Se alguém, em vez de fracionar a matéria em átomos, como o faz o atomista, consegue tornar visíveis suas forças e funções, isso demonstra sua boa vontade em espiritualizar a própria matéria a fim de chegar ao espiritual.

Imaginem os Amigos o que isso significa para uma noção exata dos medicamentos em sua atuação no organismo humano — pois os efeitos são visíveis. As diluições são produzidas em frascos de laboratório, e um germe de trigo é colocado em cada frasco para brotar. Nessa pesquisa, salas inteiras eram repletas com germes de grão de trigo, nos quais se tornou visível a maneira como as várias diluições haviam influenciado a terra em que os grãos germinavam. São tais experiências, baseadas nos métodos da ciência atual, que devem ser feitas para se elevar o conhecimento material comum ao espiritual. Como os Amigos sabem, sempre houve entre a homeopatia e a alopatia uma certa briga a respeito do efeito de quantidades mínimas em grandes diluições. Mas essa divergência tem sido até agora uma questão de fé: um indivíduo tendia para este ponto de vista, outro para aquele. Agora não se trata de tomar o partido da homeopatia, mas de constatar fatos científicos exatos. No futuro os homens terão obviamente de saber quando determinadas substâncias devem ser aplicadas alopaticamente ou diluídas, para que se possa atuar

[17] Lily Kolisko (1889-1976). (Cf. N.E. orig.)

convenientemente sobre o homem — principalmente sobre o corpo etérico, que representa as forças vitais —, e qual deve ser a diluição apropriada. No futuro será possível determinar, portando, os limites: neste caso convém recorrer à alopatia, naquele à homeopatia. Pois a atuação de quantidades mínimas ficou comprovada em nosso laboratório de Stuttgart, conforme relata a referida brochura da Dra. Kolisko, da mesma forma exata como experiências científicas costumam ser feitas em geral. Aquilo que podia ficar, até agora, no nível de simples crença passou a ser elevado ao nível de ciência. Mas há ainda outro aspecto:

Convém observar, na referida obra, as curvas traçadas com toda a exatidão, mostrando as variações das forças do crescimento: o traçado é diferente de acordo com a diluição maior ou menor das substâncias; em caso de determinada diluição temos um ponto mínimo e, em caso de diluição ainda maior, um máximo de crescimento; mas depois a curva cai para um novo mínimo, subindo daí para outro máximo, etc. As curvas elaboradas com toda a precisão revelam, pois, um ritmo que atua em toda matéria, tornando aí manifesta a presença do espiritual existente em todo o âmbito material. Efetuamos no homem a transição do sistema metabólico para o rítmico, mas esse sistema rítmico pode ser encontrado na natureza de uma forma cientificamente exata. Isso se verifica graças à publicação mencionada que constitui, a meu ver, um marco na disputa médica entre a alopatia e a homeopatia e, de modo geral, na história da compreensão da natureza. Se esses resultados forem devidamente apreciados, não será mais possível procurarem-se as leis da natureza apenas atomisticamente, pela medição e pelo peso, mas se verá que um ritmo se manifesta em toda matéria, e que um ritmo cósmico se expressa através do ritmo observado na natureza.

Achei oportuno indicar esse caminho que resulta diretamente dos métodos seguidos nas ciências exatas. Na próxima conferência procurarei mostrar que reina na psicanálise, e em campos correlatos, uma certa aversão teórica a tais caminhos que podem conduzir-nos da natureza física à espiritual.

Se a humanidade quiser progredir e não soçobrar, terá de seguir os caminhos espirituais.

31 de agosto de 1923

O homem na época da liberdade

A descrição da evolução cósmica em suas relações com a evolução humana, tal como foi feita na conferência anterior, mostrou-nos que às épocas atuais dessa evolução subjaz a necessidade de a humanidade pouco a pouco chegar à liberdade. Observando o passado da evolução cósmica, notamos que seres espirituais preparam o homem na aquisição das suas capacidades mais importantes: o andar ereto, o falar, o pensar. Observamos também como o homem deve voltar a conviver com esses seres depois da morte, de forma que tudo o que esses seres geraram nele durante a vida terrestre possa surtir efeito, mesmo de uma forma inconsciente.

Quero apenas lembrar que, graças às forças do Sol e da Lua e, dentro da esfera solar através de Marte, Júpiter e Saturno, o homem é introduzido no mundo dos astros, isto é, naquilo que corresponde espiritualmente ao mundo dos astros. Desejo acrescentar que, ao efetuar a caminhada de regresso — depois de ter chegado, em sua vida pós-morte, à região dos planetóides, onde vislumbrou os impulsos de Saturno —, o homem entra em comunhão com os seres espirituais por ora supremos das hierarquias superiores: os Tronos, os Querubins e os Serafins. Trata-se de entidades espirituais que impulsionam

simultaneamente tanto o espiritual como a natureza, permeando, vivificando e espiritualizando as leis naturais e procurando harmonizar a vida moral do Cosmo com essas leis. São seres que nunca se manifestam de uma forma física e que possuem no mundo espiritual um imenso poder, do qual não se pode fazer idéia na Terra; esse poder pode ser usado para constantemente harmonizar as leis morais com aquelas da natureza. Pelo fato de reativar em sua existência extraterrestre os impulsos do passado, o homem chega, em sua evolução, a um ponto em que ele próprio pode atuar em conformidade com esses impulsos extraterrestres.

Ora, nossa tarefa na época atual da evolução cósmica e humana consiste em transferir para a liberdade do homem tudo o que outrora era produzido por um condicionamento superior, do qual resultava, em escala maior ou menor, uma falta de autodeterminação.

Há um momento, na evolução cósmica e humana, em que a humanidade efetuou a passagem da antiga determinação de seu ser e da liderança por seres espirituais à conquista consciente do conhecimento desses seres e, concomitantemente, à conquista da liberdade. Esse momento, que de certa forma significa a grande crise da evolução humana, situa-se ao redor do ano 333 após o Mistério do Gólgota. É uma data aproximada, já que as cronologias nunca são exatas. Mas aplicando nossa cronologia atual, o momento crítico se situa ao redor de 333 d.C.

Remontando a esse momento crítico, poderíamos caracterizá-lo da seguinte maneira: se a evolução da humanidade e da Terra tivesse continuado normalmente, isto é, se os homens tivessem ficado sob a influência das potências espirituais que a haviam conduzido até aí, a humanidade teria alcançado a liberdade. Mas isso teria implicado, naquela época, na ruptura do equilíbrio entre duas partes do corpo astral humano.

Pensem os Senhores, um instante, nas relações entre os corpos físico e etérico; não vou desenhá-los, por enquanto — quero desenhar apenas o corpo astral. Até o ano 333, o corpo astral era tal que devo desenhá-lo esquematicamente da seguinte maneira: sua maior parte, aquela mais atuante, estava na região superior do corpo; a menos atuante, na região inferior. Entre ambas estava a parte mediana do homem. Era através dessa parte mais atuante do corpo astral que os seres espirituais exerciam, naqueles tempos antigos, sua grande influência sobre o homem. Mas a evolução da humanidade era planejada da seguinte forma: sendo este o estado do corpo astral, digamos, no ano 3000 a.C, o estado em 1000 a.C. era tal que a parte inferior do corpo astral crescera, enquanto a superior diminuíra. E nesse ano de 333 as duas partes haviam-se tornando iguais. Foi essa a crise do ano 333 d.C. Desde então, a parte superior do corpo astral continua ficando sempre menor; nisso consiste sua evolução.

Não podemos, pois, compreender a evolução humana sem levar em conta o que aconteceu com o corpo astral. Se essa diminuição de sua parte superior não tivesse ocorrido, o eu não teria adquirido uma influência bastante grande. O homem não teria chegado à liberdade. O encolhimento do corpo astral serviu, pois, para provocar a liberdade. Como eu já disse, os acontecimentos não se desenrolam de acordo com a pergunta 'por que os deuses não organizaram tudo de forma que agradasse aos homens?'. Eles tinham de organizar o mundo de tal maneira que este tivesse intrinsecamente a condição de existir. Para tal, certos fatos agradáveis têm de basear-se em outros que não agradam ao homem quando este não procura os esclarecimentos necessários. O encolhimento do corpo astral está relacionado com outro fato: do tamanho do corpo astral na parte superior do corpo — e não do corpo astral inteiro — depende a força com que o homem pode dominar seus corpos físico e etérico, a partir do eu e do corpo astral. A humanidade estava, portanto, na iminência de ter sua saúde paulatinamente enfraquecida

devido ao encolhimento do copo astral. Só poderemos ter uma idéia acertada da evolução humana se conscientizarmos o fato de o preço da liberdade ser um adoecimento geral da humanidade em toda a Terra, o qual obviamente não se manifesta sob forma de cólera ou tifo, por exemplo. A liberdade não pode ser comprada senão pelo preço de um — permito-me usar a expressão — adoecimento de toda a humanidade.

Se apenas as forças antigas tivessem continuado a manifestar-se depois do ano 333, como ocorrera antes, a humanidade teria ficado cada vez mais fraca, os homens teriam definhado e o fim da Terra encontraria uma humanidade totalmente decadente.

Foi nessa situação que se realizou o acontecimento que eu gostaria de caracterizar como um conclave dos seres espirituais solares; essa assembléia decidiu enviar a Terra seu mensageiro, o Cristo, submetendo-o a algo que esses seres relacionados com a humanidade tinham de realizar pela primeira vez. Com efeito, o homem está sujeito, em sua vida terrena, a nascer e a morrer. O nascimento e a morte não são exatamente aquilo que o materialista imagina, mas não deixam de fazer parte da vida terrestre. Nenhum dos seres espirituais superiores ao homem, dos Anjos e Arcanjos até os mais elevados, conhecia a morte; eles apenas passavam por metamorfoses, transformando-se de uma forma em outra. Não nasciam nem morriam, mas mudavam de forma. Isso se dá também com o homem, mas ele abandona seus corpos físicos e etérico e, por isso, o nascimento e a morte constituem para ele algo muito mais radical do que para todos os outros seres das hierarquias superiores. Pois bem: os dirigentes das harmonias e dos impulsos solares resolveram enviar o Cristo a Terra para que, embora sendo um dos seres não sujeitos ao nascimento e à morte, ele atravessasse os destinos tipicamente humanos do nascimento e da morte. O Mistério do Gólgota não é, pois, apenas um assunto que interessa à humanidade, mas um assunto dos deuses, podendo ser descrito nestes termos: os deuses do Sol reuniram-se e refletiram sobre o que devia ser feito para afastar da humanidade o perigo de um enfraquecimento gradativo como conseqüência do encolhimento do corpo astral.

Assim o Cristo foi enviado a Terra e atravessou o nascimento e a morte, obviamente não como homem, mas como um ser divino. Como conseqüência desse acontecimento do Gólgota, isto é, da morte do Cristo, forças terapêuticas penetraram na evolução terrestre para contrabalançar as forças patogênicas acima referidas. Na acepção mais própria da palavra, o Cristo tornou-se dessa forma o grande terapeuta da humanidade, num sentido telúrico e cósmico. Seus impulsos se uniram a tudo o que, no homem, precisava seguir o caminho da liberdade — como tudo o que dentro dele tinha a tendência a desintegrar-se mas podia ser sanado pelo Cristo. Por esse motivo, na evolução cósmica foram tomadas as necessárias providências para que o Mistério do Gólgota se realizasse 333 anos antes da grande crise.

A evolução terrestre da humanidade incluía necessariamente o início, no ano 333, de uma desintegração generalizada em toda a Terra.

A grande cura abrangente sobreveio graças ao Mistério do Gólgota. Através do Cristo, ou antes, através da ligação com ele, pode-se sanar não os atos cometidos com plena autoconsciência, mas tudo o que, nos impulsos mais profundos da humanidade, tende a perecer. É esse o significado do Mistério do Gólgota no contexto geral da evolução cósmica e humana.

Esses fatos não eram desconhecidos a alguns indivíduos que, até o século IV d.C, haviam impregnado sua mente com a vida espiritual de sua época. Em todos os tempos anteriores ao Mistério do Gólgota havia os antigos mistérios, onde se falava aos discípulos

não só sobre o passado da evolução humana, mas também sobre o que iria acontecer no futuro, isto é, sobre o Cristo vindouro.

Mediante grandiosas imagens, os adeptos dos mistérios tiveram a revelação das relações entre o homem e o conteúdo espiritual dos mundos superiores. Mesmo na época do Mistério do Gólgota, havia ainda no Oriente Próximo, na África e na Europa do Sul determinadas personalidades menos adiantadas que os adeptos dos antigos mistérios, os quais guardavam sob o nome de gnose — designação dada a esse movimento mais tarde — algo que recordava, em sua sabedoria e em seus conhecimentos, certos aspectos da evolução humana e terrestre que sofreram um grande impacto pelo Mistério do Gólgota. Mas esses indivíduos, que ainda conheciam os segredos dos antigos mistérios, eram dominados por uma grande preocupação. Sabiam que a humanidade iria entrar numa crise, e que a compreensão humana não seria capaz de, no futuro, alcançar as bases mais profundas da evolução da Terra e do homem.

Assim, a preocupação que se constata em certas personalidades dos quatro primeiros séculos pós-cristãos não era provocada por um assunto apenas terreno, mas por um fato que interessava a toda a evolução cósmica: acaso a humanidade terá maturidade suficiente para acolher o que foi trazido pelo Mistério do Gólgota? — eis a grande pergunta que preocupava os sucessores dos antigos iniciados durante os quatro primeiros séculos após o Mistério do Gólgota.

Do círculo de tais iniciados cristãos surgiu, por exemplo, uma admirável obra poética dos primeiros quatro séculos. Nessa obra era descrito o advento do Cristo na Terra, mas também, em figuras pungentes e de uma forma dramática — embora se tratasse de uma obra épica —, em imagens grandiosas, os homens do futuro, incapazes de chegar à compreensão do que deveriam compreender para o bem da evolução humana. Depois de uma descrição, em imagens majestosas, da resolução solar dos deuses e da descida do Cristo no homem Jesus de Nazaré, uma terceira parte da epopéia mostrava que os velhos cultos de Deméter e Ísis deviam reviver, devidamente metamorfoseados, na evolução humana. A epopéia descrevia uma determinada figura humana, apresentada de forma imponente, mediante a qual deveriam ser santificadas as entidades Deméter e Ísis. O que se descrevia era como que a antecipação de uma promessa da humanidade, realizada numa época futura.

Esses — por assim dizer — poetas-sacerdotes dos primeiros séculos cristãos, ou pelo menos o mais importante deles, descreveram um certo serviço cúltico que devia ser praticado, durante toda a evolução futura, por todos os que aspiravam à sabedoria, à vida espiritual. Era como que um sacrifício, apresentado para os que pretendiam chegar à sabedoria, à vida espiritual.

Nessa epopéia é descrito um jovem que deveria compenetrar-se com o sentido da evolução humana daquela época: é narrado como esse jovem tinha de desenvolver um certo culto de Maria, ao passar da adolescência para a idade madura. Cores bem vivas foram usadas na descrição desse sacrifício, dessa atitude cúltica que devia ser observada por qualquer indivíduo desejoso de tornar-se sábio e instruído a fim de que a humanidade pudesse unir-se ao que lhe havia legado o Mistério do Gólgota. Foi um poema majestoso, multicolorido, que nasceu durante os quatro primeiros séculos. E entre os que viviam na atmosfera desta composição poética havia também sacerdotes-pintores, os quais, de forma simples e popular, e mesmo assim em imagens poderosas e acessíveis ao coração, representavam pictoricamente essas cenas.

Essa obra poética existiu. Mas, a exemplo de tudo o que foi criado de forma positiva pela gnose, foi extirpada pela Igreja em épocas posteriores. Basta lembrarmos que só um acaso permitiu, muito mais tarde, salvar os escritos de Scotus Erigena, para que não

pareça de todo absurdo afirmar, como o faz a Ciência Espiritual, que a maior obra poética produzida pelo Novo Testamento tenha sido simplesmente exterminada pela Igreja, de modo que nada haja remanescido dela nos séculos seguintes.[18] Esse poema, porém, existiu — embora tenha sido exterminado com as pinturas simples, mas comoventes, que com ele se relacionavam. Nesse poema estava insinuada toda a preocupação dos sucessores daqueles antigos iniciados dos primeiros séculos cristãos. Um tom grave e elegíaco permeava tal poema.

Pode-se dizer que a capacidade de compreender essa situação ainda existia em certa quantidade de pessoas até o quarto século, ou mesmo até o começo do século V — naquelas pessoas que não seguiram a direção de Agostinho, o qual se encontrava numa corrente totalmente diferente; ainda havia uma certa compreensão em algumas pessoas, mas esta não podia ser mantida na forma existente então.

Na parte meridional da Europa, as forças espirituais dos homens já se haviam tornado escassas; não bastavam para manter essa compreensão. Assim, esta passou a petrificar-se e a esclerosar-se nos dogmas, que permaneceram, embora só conseguissem manter-se por conservar seu conteúdo na língua latina, a qual se ia tornando cada vez mais uma língua morta. A conservação do latim, na Idade Média, por aqueles que eram detentores da sabedoria, só tinha a finalidade de fazer petrificar-se na língua aquilo que outrora havia sido compreensão viva. De modo que tudo o que se sabia a respeito da Trindade, da encarnação do Cristo, da missão do espírito — enfim, a respeito do grande processo terapêutico de que lhes falei — esclerosou-se em dogmas transmitidos na língua latina; as próprias palavras não foram mais relacionadas com o conteúdo correto. Vemos paulatinamente desaparecer, na erudição ocidental vinculada ao meio da língua latina, tudo o que, com uma espécie de brilho fosforescente, permeara aquele poema exterminado.

Em seguida chegaram todos aqueles jovens povos do Norte, que haviam recebido impulsos mais do Oriente e receberam o impulso do Cristo já numa forma latinizada, em processo de enrijecimento.

Temos de imaginar o impulso do Cristo petrificando-se ao mesmo tempo em que se expandia partindo do Sul; e os povos do Norte, em expansão, tendo recebido um cristianismo petrificado e ainda não tendo forças espirituais suficientes para revigorar o imenso conteúdo contido nos dogmas enrijecidos. As conseqüências de todas essas coisas podem ser observadas ainda hoje. Ainda hoje podemos constatar, nestas regiões setentrionais, a existência de forças que acolheram tardiamente — pelo menos em aparência — o impulso Crístico que se havia esgotado nos países do Sul, onde assumira a forma de dogmas petrificados; de outro lado, existia a vocação de se redescobrir, em plena liberdade e por meio de um autêntico conhecimento espiritual, todos os mistérios ligados ao Mistério do Gólgota e à entrada do Cristo na vida terrestre. Pois todos esses acontecimentos — a expansão, a partir da Itália, de um cristianismo enrijecido depois do ano 333 e a chegada dos novos povos cujos descendentes ainda vivem na Rússia, na Suécia, na Noruega, na Europa Central —, tudo isso tinha, em última análise, a finalidade de possibilitar aos homens captar em liberdade o impulso do Cristo.

Cabe, portanto, aos povos aos quais a Antroposofia deve, de preferência, dirigir-se por seu grau de civilização, assimilar todo o contexto relativo a Jesus Cristo e compreender que sem seu impulso a humanidade se teria petrificado num processo salino. Podemos usar tais palavras físicas, pois o impulso do Cristo chega até o físico, até a cura

[18] Scotus Erigena (c. 810-877) teve sua mencionada obra considerada herética e queimada no séc. XIII; no séc. XVII, um exemplar foi casualmente redescoberto e publicado a seguir. (Cf. N.E. orig.)

física da humanidade. O Cristo veio a ser o grande *Phosphorus* [19] — o Fósforo Espiritual que atua contra esse processo de salinização da humanidade. *Christus verus phosphorus* — eis um ditado pronunciado em todos os lugares, durante os três primeiros séculos do cristianismo. Esse grande *Phosphorus* atravessa, qual um *leitmotiv,* todo o referido poema destruído.

Devemos, pois, situar nosso presente entre o passado e o futuro. É assim que podemos olhar em retrospectiva. Obviamente não quero impor-lhes, qual um dogma, tudo o que acabo de dizer a respeito do poema perdido e da sabedoria que desapareceu. Isso está longe de mim. Mas desejo realçar que o método que conduz a pesquisar a trajetória espiritual da humanidade nos leva a conhecer tais fatos com uma segurança igual àquela que conduz a descobrir fatos científicos, e muito maior do que a segurança com a qual se costuma estabelecer hipóteses científicas. Da mesma forma como um materialista oposto às nossas idéias não deveria ser obrigado de maneira inoportuna a ocupar-se delas, quem sabe dessas coisas como de sua própria existência tampouco deveria ser impedido de falar sobre elas às pessoas capazes de compenetrar-se da verdade de tal impulso graças a uma compreensão sadia da evolução humana.

A própria obra de que falei não existia mais depois do século IV; ela não foi guardada por escrito, mas havia notícias orais que circulavam dentro de certos âmbitos onde fora conservada sua lembrança. Mas esses círculos foram impedidos, pelas autoridades eclesiásticas cujo domínio se estava impondo, até de falar em público sobre esses acontecimentos dos primeiros séculos. Mas um daqueles que ainda tinham uma idéia — embora transfigurada e diversa da grandiosidade dos primeiros séculos — daquele poema e do ambiente espiritual no qual nasceu era o mestre de Dante. Pode-se dizer que por esse caminho penetrou ainda na *Divina Comédia* de Dante, embora já orientada segundo o dogmatismo, uma certa inspiração dos primeiros séculos cristãos.

Obviamente não desconheço os argumentos que se poderia fazer valer contra tal interpretação da História, e posso perfeitamente invocar contra mim próprio as objeções que se costumam fazer. Mas temos de reconhecer a exatidão com a qual se constrói a História, essa História que os homens aprendem nas escolas primárias e superiores; temos de sentir um profundo respeito ante a exatidão baseada em documentos e em crítica histórica conscienciosa — mas qual é o proveito de tudo isso? Pois uma coisa a humanidade terá de admitir: essa não é verdadeira História, pois não contém os documentos que foram eliminados no decorrer dos tempos. Por criteriosa e conscienciosa que a História seja em relação aos documentos, a verdadeira História só pode ser obtida por meio da pesquisa espiritual, da mesma forma como a Ciência Natural e a Astronomia. A humanidade deve, portanto, ter a coragem de não só falar do mundo das estrelas da maneira como temos feito aqui, mas também de acrescentar à narrativa histórica comum o que necessariamente lhe falta pelo simples motivo de que determinados círculos estiveram interessados em fazer desaparecer, diante dos olhos da posteridade, os documentos em questão. Mas os impulsos erradicados não deixam de existir nas almas humanas; é nos anseios de épocas posteriores que vivem aqueles impulsos não mais encontrados sob forma de documentos, por terem sido exterminados, mas outrora vivos na humanidade. Se quiser alcançar o futuro previsto em sua evolução sadia, a humanidade deverá não somente abandonar certos conceitos, mas adquirir uma nova atitude perante a Verdade. O ponto essencial é que devemos reencontrar o Cristo. Ele *deve* voltar. E sua volta pressupõe a existência, ainda neste século, de uma humanidade que compreenda a forma como ele se manifestará, em que fenômenos ele se mostrará; caso contrário, veremos os movimentos

[19] Do gr. *Phosphóros,* que significa 'portador de luz'. (N.T.)

mais terríveis e ruidosos nascerem por iniciativa de pessoas que terão, nas profundezas subconscientes de seu ser, um pressentimento da volta do Cristo, ou melhor, do Espírito do Cristo, mas que transmitirão esse fato aos homens de forma superficial, trivial e angustiante. Só haverá clareza na evolução humana, num futuro próximo, se aumentar o círculo daqueles que vêem de bom grado os métodos e os resultados da pesquisa espiritual — justamente o que a humanidade necessita para dar a seu futuro próximo a forma adequada. Caso contrário, nós nos aprofundaremos cada vez mais numa situação da qual nunca poderemos voltar ao espiritual, devido não tanto a idéias e conceitos, mas à própria atitude moral.

Com efeito, as idéias e conceitos de nossa época contêm muita coisa aparentada com uma procura e um anseio em direção ao que poderia ser a verdadeira meta do conhecimento. Mas há algo que impede os homens de ter uma visão correta mesmo daquilo que se descobre por meio da Ciência Natural. Os homens como que andam tateando no escuro, frente a esses fatos. Uma observação mais criteriosa do ser humano, do ponto de vista científico e médico, mostra-nos que certas pessoas, na idade avançada, caem em estados de nervos que atingem até sua constituição física e provocam sintomas patológicos. A medicina atual se vê impotente para dominar esses sintomas, de progredir da patologia até a terapia. Eu próprio fui contemporâneo imediato de uma situação em que o excelente médico Breuer[20], de Viena, estava diante do caso de uma pessoa aparentando sintomas cuja patologia não podia ser compreendida segundo os métodos da pesquisa física. Recorreu-se então à hipnose, que naquela época estava em voga crescente. A pessoa foi hipnotizada e a análise do estado hipnótico revelou, de fato, a existência de um acontecimento terrivelmente chocante ocorrido numa época anterior de sua vida. Segundo as explicações aceitas naquela época, o acontecimento tinha sido transferido para a região inferior da vida humana, onde se situa o subconsciente e o inconsciente. Passou a formar ali como que uma 'província oculta da alma'. Mesmo quando o indivíduo ignora essas coisas elas não deixam de existir, e podem até provocar estados patológicos. A vivência anímica continua existindo qual uma província isolada da vida anímica; permanece inconsciente, mas não deixa de atuar e provocar distúrbios.

Descobriu-se então que uma cura pode ocorrer desde que o fato seja levado à consciência do paciente, de modo que ele o compreenda conscientemente.

Tais situações serão sempre mais freqüentes em nossa vida atual. Mas o porquê desse aumento da freqüência só será compreendido quando um conhecimento espiritual revelar o encolhimento da parte superior do corpo astral e a expansão da parte inferior; pois é daí que surge a tendência à formação daquelas províncias subconscientes da alma. Para podermos explicar tais fenômenos, teremos de passar de um conhecimento apenas psicológico do homem a um conhecimento histórico e cósmico do espírito. Breuer — eu o conhecia muito bem — era um caráter profundo: não quis continuar com suas pesquisas por sentir que uma continuação baseada apenas nos conhecimentos disponíveis na época seria impossível. Mas outros, principalmente Freud[21], retomaram o fio das pesquisas e o resultado foi a psicanálise, que funciona atualmente em qualquer parte do mundo. Ela se baseia em algo verdadeiro, pois os fenômenos são indiscutíveis. Somos obrigados a procurar no psíquico as causas do que se manifesta fisicamente. A idéia está certa; mas os pesquisadores não possuem a ciência apropriada para dominar o assunto, pois essa ciência seria a Ciência Espiritual.

[20] Josef Breuer (1842-1925), criador do método psicanalítico 'catártico' e colaborador de Freud de 1886 a 1896, ano em que ambos se separaram. (N.E.)
[21] Sigmund Freud (1856-1939). (N.E.)

Vemos, pois, a psicanálise — que se baseia na deficiência natural, historicamente fundada no corpo astral superior do homem — surgir com esses dados em pessoas que são diletantes não só na pesquisa psíquica e espiritual mas também na pesquisa corporal, não sabendo como observar a atuação do espírito dentro do corpo. Assim, somam-se dois diletantismos de igual gravidade, pois essa gente sabe tão pouco da verdadeira vida anímica e espiritual quanto da vida física e etérica. Ao encontrar-se, essas duas grandezas se multiplicam: a x a = a^2, ou d x d = d^2, diletantismo x diletantismo = diletantismo ao quadrado! Com efeito, a impotência da pesquisa atual transforma em diletantismo algo que se baseia em fatos corretos. Mas a procura da verdade existe, e a psicanálise não deve ser apontada como algo diabólico, pois demonstra que nossa época deseja algo que é incapaz de realizar. Tendências como a que se manifesta na psicanálise só encontrarão o caminho acertado quando se transformarem em Ciência Espiritual. Caso contrário, o resultado será como aquele conseguido pelo suíço Jung[22], que tem levado a psicanálise a seguir uma lógica notável e curiosa.

Em tal autor pode-se ler, por exemplo, a seguinte sentença: "Por suas regiões anímicas ocultas, o homem é levado a admitir a existência de um ser divino." Mas o referido psiquiatra acrescenta logo esta outra fase: "Ora, um ser divino obviamente não pode existir" (naturalmente ele tem uma tendência ateísta). Vemos então a psicanálise exigir que o indivíduo que tenha a referida disposição para manter seu equilíbrio psíquico aceite a idéia de um ser divino. Isso significa nada menos do que exigir, com toda a responsabilidade — pois sempre hei de reconhecer a atitude conscienciosa e meticulosa de um homem como Jung —: temos de viver da inverdade, já que não podemos viver com a verdade. O teísmo é a inverdade; tens de viver com o teísmo, isto é, com uma inverdade.

A mentalidade atual não leva a sério tais coisas; mas elas deveriam ser levadas muito a sério.

Assim, em todo lugar surgem anseios ignorados dos próprios homens, anseios subconscientes. Alguns dos presentes que já ouviram ou leram outros ciclos de conferências minhas sabem que freqüentemente eu disse, baseado em observações espirituais, não ser verdade o que sempre é afirmado: que a luz que emana, por exemplo, do Sol irradia infinitamente para o espaço cósmico; costuma-se empregar o sinal do infinito e dizer que a luz se propaga infinitamente no espaço, diminuindo com o quadrado da distância.

Nas referidas ocasiões afirmei que a visão espiritual nos revela outra coisa; não está correto o pensamento segundo o qual a luz que irradia de um centro se propaga infinitamente; assim como uma corda esticada e puxada de um lado só chega a um determinado ponto e depois volta, a luz só atinge um ponto determinado e, em seguida, sempre volta. Em sua propagação, ela não só se expande linearmente, mas elástica e ritmicamente; de forma que o Sol não apenas irradia sua luz, mas toma-a de volta, diferenciando as trajetórias luminosas devido ao fato de terem elas, no fim, intensidades diferentes. Quero apenas aludir a esse fato, que resulta de um conhecimento superior cósmico do mundo baseado no real conhecimento da Ciência Espiritual.

Os jornais estão informando que Oliver Lodge[23] acaba de afirmar, numa conferência notável em que tira certas conclusões do comportamento dos raios luminosos, que um raio de luz que se propaga volta a si devido à metamorfose do elétron no momento em que o raio atinge a ausência de matéria — postulado que precisa supor algo contra o qual o raio se choca. Esse pensamento é diletante quando comparado com a verdade.

---

[22] Carl Gustav Jung (1875-1961). (N.E.)

[23] Sir Oliver Joseph Lodge (1851-1940), físico inglês estudioso de assuntos sobrenaturais. (N.E.)

Por favor, não tomem essas coisas como se eu quisesse falar da ciência sem o necessário respeito. Reconheço a ciência inteiramente. Mas tais idéias são diletantes diante da verdade — mesmo que atualmente pareçam espirituosas e dignas de elogios. Demonstram, por outro lado, que o próprio raciocínio impele os homens a procurar, com suas idéias abstratas a respeito da propagação da luz e do elétron, regiões em cuja direção a verdade se situa. Bastaria alcançar essa verdade para impregnar essas idéias, em si totalmente inoperantes, com aquele impulso que faz com que a pesquisa atual se eleve até as regiões do espírito. Há um certo abuso em determinados círculos ocultistas, onde o homem recebe uma infinidade de ensinamentos ocultos mas não é conduzido até a região onde essas doutrinas têm sua origem. Ele recebe imagens, mas não é levado à presença da realidade representada por essas imagens. Dessa forma ele vive, em sua alma, rodeado por um mundo de imagens em vez de sentir a necessidade de alcançar, por meio dessas imagens, o próprio Universo.

Foi por esse motivo que tive de escrever minha *Ciência oculta* em continuação à *Teosofia*. Aí o que foi descrito na *Teosofia* sob forma de imagem é conduzido à realidade do mundo dos astros através da evolução de Saturno, do Sol, da Lua, etc. Esses dois livros se completam.

Se, em qualquer campo, o homem apenas recebe imagens, fica rodeado por elas. É isso o que pessoas pouco sérias em matéria de ocultismo fazem com seus discípulos quando não os dominam suficientemente; dessa forma conseguem o que se denomina aprisionamento oculto. Nesse estado o discípulo é rodeado de imagens cujo sentido não decifra e das quais não se liberta. Ela fica numa prisão imaginativa. Tal ocultismo desvirtuado tem sido, e ainda está sendo, praticado por muita gente. Mas existem também seres espirituais que mantêm o homem, ou mesmo parte de um homem, em tal cativeiro oculto. O fenômeno psíquico é o mesmo. São seres espirituais que se acham soltos na natureza quando esta não é compreendida espiritualmente, quando é encarada apenas de tal forma que os processos atomísticos são considerados naturais. Então se nega o espírito da natureza. Isso mobiliza na natureza os seres chamados arimânicos que se opõem ao homem; estes o rodeiam com toda espécie de imagens, conduzindo-o também dessa forma a um cativeiro oculto.

Grande parte do que se pode chamar de convicções científicas — não falo dos fatos científicos, pois estes são corretos — não passa de imagens de um cativeiro oculto universal que ameaça a humanidade. Tal ameaça de uma escravidão oculta iminente é constituída pelo fato de o homem ser rodeado de imagens atomistas e molecularistas. É a escravidão que coloca essa imagens em nosso redor, impedindo a livre visão das imagens espirituais e astrais. A imagem universal do átomo ergue-se qual muros anímicos ou espirituais de uma prisão em que nos achamos espiritualmente confinados.

À luz da Ciência Espiritual constatamos, portanto, um anseio legítimo de nossos tempos, pois os fatos da Ciência Natural sempre são fecundos e nos conduzem às amplidões espirituais, desde que não estejam prejudicados pelos preconceitos do cativeiro oculto em que se encontra, de fato, nossa ciência atual. Devemos ter desses fatos uma vivência íntima, a fim de situar-nos corretamente na evolução atual da Terra e da humanidade, em harmonia com seu passado e com seu futuro. Sentimos esse apelo que nos é dirigido a cada vez em que estamos em presença de um velho anseio encarado com os olhos da alma e do espírito.

As pedras druídicas que encontramos nas colinas, monumentos desses anseios espirituais de uma época remota, lembram-nos que a busca espiritual daqueles homens que vislumbravam a vinda do Cristo só poderá ser satisfeita se tivermos novamente um conhecimento do espírito baseado numa visão espiritual que nos permita ver, à nossa

maneira, o Cristo que está para vir, o Cristo que virá necessariamente porque a humanidade deverá conhecê-lo em sua forma espiritual, da mesma maneira como ele outrora atravessou, num corpo físico, o Mistério do Gólgota. É isso o que se sente com tanta nitidez nesta região onde se conservam estes esplêndidos monumentos antigos.